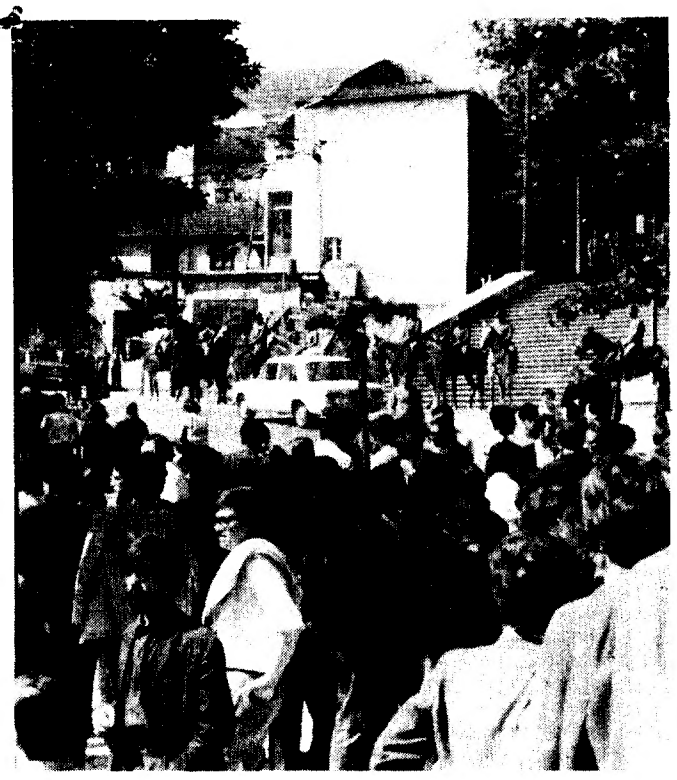
Diário de Lisboa

Abril 1977
Sábado
16

ANO 57.º
N.º 19 32
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**



COIMBRA: O "17 DE ABRIL" de 1969

Governo fascista reprimiu greve estudantil ocupando a cidade

Iniciada em 17 de Abril de 1969, a crise académica de Coimbra, uma das mais profundas da história da universidade portuguesa, culminou com uma greve a exames (85 por cento de adesões) a que o Governo fascista respondeu com a ocupação militar da cidade. Só quem tivesse um cartão mandado pelo correio podia transpor as sucessivas barreiras policiais. Os estudantes foram impedidos de se aproximar, mas a universidade já estava de costas para eles e de costas para o País. Era essa a origem do confronto, que o Governo então tentou mascarar com «crimes de sedição» através de processos conduzidos pela Polícia Judiciária. Na verdade, os estudantes confrontavam-se com o ensino e o regime, numa perspectiva claramente anticapitalista. Muitos dos problemas levantados durante essa crise mantêm, ainda hoje, perfeita actualidade.

(Centrais)

ANTES DE NOVA YORK

Mário Soares na Holanda em reunião da Internacional Socialista

Partiu esta manhã para a Holanda, a fim de participar na Cimeira da Internacional Socialista em Amesterdão, o Primeiro-Ministro Mário Soares, que se fazia acompanhar pelo ministro dos Negócios Estrangeiros. Da Cimeira da Internacional Socialista, onde serão discutidas as relações entre o Leste e o Oeste, Mário Soares seguirá para os Estados Unidos da América onde vai, segundo afirmou aos jornalistas no aeroporto da Portela, a receber o Prémio dos Direitos do Homem e estabelecer contactos com o secretário de Estado americano e com o presidente Jimmy Carter.

Entretanto, hoje, desde as 10 horas começou em Lisboa o I Encontro Nacional da Organização do Partido Socialista, sob a presidência de Jaime Gama e com a participação de seis dezenas de dirigentes e quadros.

Em fins de Maio uma delegação do Secretariado do PS deverá deslocar-se à RFA com o objectivo de estagiar junto do Partido Social-Democrata Alemão.

Também neste fim-de-semana político, há a registar ainda a reunião, que está a decorrer em Braga, do Conselho Nacional do PPD/PSD.

Conselhos de Disciplina violam Direitos do Homem

O «DL» publica hoje, em primeira-mão, um parecer do advogado francês Louis Joinet, membro do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, que considera o julgamento de oficiais do Exército pelo Conselho Superior de Disciplina como uma violação da Convenção Europeia dos Direitos do Homem.

(Pág. 5)

QUARTEL-GENERAL DE PONTA DELGADA DESMENTE, MAS...

Separatistas açorianos chegam aos quartéis?

O movimento separatista dos Açores chegou aos quartéis do arquipélago. Auto-denominado «Patriotas Açorianos nos Quartéis» (PAC) um grupo de militares anuncia o objectivo de lutar «contra uma ameaça armada portuguesa», consubstanciada, segundo o PAC, no envio de tropas açorianas para o continente, colocando-se nos Açores oficiais superiores da «inteira confiança do Governo português e do Conselho da Revolução». Tal ameaça — dizem os separatistas — transformou-se numa realidade.

Considerando-se «o braço armado das forças independistas e patrióticas», este movimento reaccionário usa como estandarte uma bandeira ensarilhada numa espingarda.

Em contacto telefónico, esta manhã, com o Quartel-General de Ponta Delgada, um oficial de alta patente escusou-se a responder a algumas questões postas pelo «D. L.», já que o R. D. M. (Regulamento de Disciplina Militar) o não permitia. Ainda assim, adiantou que «a única coisa que há é um panfleto de origem duvidosa, escrito num português pobre». Mas foram tomadas providências a nível militar?...«Aí está uma pergunta a que não lhe posso responder».

O oficial do Q. G. de Ponta Delgada sublinharia que, para além do panfleto «não houve mais nada. A circulação do panfleto foi restrita, e só não foi mais porque o jornal «Açores» o publicou. Daí decorre tudo o que se diz sobre o assunto».

Entretanto, no panfleto publicado naquele semanário, com carácter de «manifesto», os separatistas fardados pretendem que se está a desprezar «aliás como é costume, o direito que todos os açorianos têm à liberdade e aumentar a exploração colonialista dos Açores».

Em Lisboa, «D. L.» contactou com personalidades que nos Açores desempenharam funções de grandess responsabilidade: «Se o Governo ou as autoridades não tomarem medidas para que toda a população se possa exprimir livremente, e duma maneira geral exercer os seus direitos fundamentais, nada feito. Quem tem o poder nas mãos, e a Imprensa, são os únicos que ali se podem exprimir. É que há um grupo minoritário que detém o poder e, quando se exprime através dos órgãos de comunicação regionais, parece que estão a falar em nome do Povo açoriano, o que é inteiramente falso».

Estas declarações não foram, contudo, subscritas por quem as fez: «Também eu sou atingido pela campanha de intimidação. E quero voltar aos Açores...». Uma questão foi levantada: «Está lá o Salgueiro Maia. Qual será a posição dele face a uma movimentação destas?»

As circunstâncias fazem supôr que o caminho para a solução do problema açoriano não é a repressão, mas dar força àqueles a quem não interessa o jogo separatista e que constituem a grande maioria da população dos Açores.

Vem a propósito recordar que da agenda dos assuntos a tratar entre Mário Soares e Jimmy Carter faz parte a cedência da Base das Lajes aos Estados Unidos da América.

ZAIRE

Está em perigo o abastecimento de estanho e cobre à Europa

O conflito do Zaire é seguido com atenção em Londres, fundamentalmente por razões comerciais e financeiras.

Com efeito, com os violentos combates que se travam na região mineira, corre sério perigo o abastecimento à Europa de cobre e estanho ainda que a bolsa dos metais, até agora não tenha reagido.

Por outro lado, começa a ficar seriamente comprometida a amortização da enorme dívida do Zaire.

Também no plano financeiro a situação do Zaire se torna cada vez mais periclitante. As despesas militares que o conflito ocasiona comprometem o frágil programa de saneamento do Estado zairense de que, no fundo, depende o auxílio do FMIE e do consórcio bancário do Citibank. Com a diminuiçao da produção do cobre, principal fonte de divisas do País, com os problemas financeiros cada vez mais graves, torna-se quase impossível a amortização regular dos 400 milhões de dólares que o Zaire deve ao consórcio bancário do Citibank ao mesmo tempo que, tudo leva a crer, não lhe será concedido um novo empréstimo que orçava pelos 250 milhões de dólares.

Entretanto, em Paris, Kamitatu-Massemba, adversário político do presidente Mobutu, foi peremptório em afirmar que Angola não tinha desempenhado qualquer papel na recente invasão da província de Shaba. Acrescentaria: «Angola tem os seus próprios problemas internos, e como não pode garantir a sua própria estabilidade interna, não permitiria que uma revolta noutro país fosse levada a cabo a partir do seu território, mesmo que a desejasse».

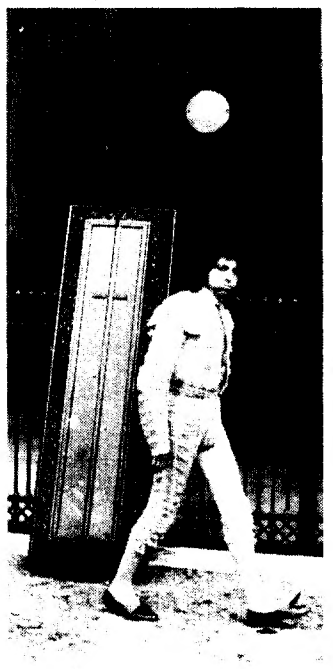
Por outro lado, as «Izvestia» denunciam, através do seu comentador, Yuri Shtykanov, o facto de Pequim «agir de concerto com as forças imperialistas da NATO e dos regimes racistas». Denuncia mesmo: «A China já começou a fornecer material por via aérea; no futuro, o auxílio chinês chegará por via marítima».

Delegado da Junta enviou carne podre para hospital do Porto

PORTO, 16 — A carne de quatro vitelas, impróprias para consumo, foi enviada, por ordem do delegado no Porto da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, dr. Paixão de Oliveira, para o hospital escolar de S. João, para aí ser consumida. A denúncia foi feita ontem à noite, durante uma conferência de Imprensa dada por dirigentes da Associação Comercial de Matosinhos.

As vitelas — disseram — foram abatidas no passado dia 4 por ordem do veterinário do concelho dr. Sá Dantas, face ao estado de definhamento em que encontravam por falta de amamentação. A conteoe que as vitelas tinham sido levadas para o matadouro daquela vila, no dia 27 do passado mês, para abate. A isso se opôs o delegado da J.N.P.P. que entretanto já havia proibido o abate naquele matadouro,

Entretanto, no dia 11 do corrente, e quando a carne já cheirava a podre — acrescentaram — o dr. Paixão de Oliveira ordenou que fosse distribuida pelos talhantes de Matosinhos ou, se estes a recusassem, no Hospital local. A isso se opôs o dr. Sá Dantas. Foi então que o responsável pela J.N.P.P. teve a «feliz» ideia de mandar a carne para o hospital de S. João — acrescentaram os dirigentes daquela associação.



sete PONTO sete

No «Sete-Ponto-Sete» que incluímos nesta edição do «DL», oferecemos ao leitor imagens inéditas de Fernando Guarany, um jovem cigano brasileiro que se recusa a abandonar a principal praça de touros do nosso país enquanto os empresários não lhe derem uma oportunidade de mostrar o que vale. Ele quer tourear no Campo Pequeno e diz que só sairá dali em triunfo ou dentro de um caixão. Para pressionar, este «Lázaro» em **traje de luces** adquiriu mesmo uma urna, onde se meteu, só de lá saindo por ordem da Polícia: «Levanta-te e caminha...». Entretanto, Guarany entrou em greve de fome, a partir de hoje.

OS MILITARES E A POLÍTICA

Em Santarém, na celebração do 87.º aniversário do Regimento que se converteu em Escola Prática de Cavalaria, o CEME, general Vasco Rocha Vieira, proferiu palavras ponderadas (bem diferentes das afirmações que produzira em Lamego) e que corroboram a definição de uma ética profissional do militar democrata que foi exposta por Loureiro dos Santos, primeiro na revista «Baluarte», órgão do Governo Militar de Lisboa, depois no discurso do acto de posse, no qual, já graduado em general de quatro estrelas, foi investido nas funções de vice-CEMGFA.

Não há que dissimular a circunstância de ir mais longe e ser mais nítido, o discurso de Loureiro dos Santos. Mas o CEME, em Santarém, não só quis ser justo para os militares da Escola Prática de Cavalaria, como quis definir regras de conduta. Que pensava no «cavaleiro» Salgueiro Maia parece transparente das linhas e das entrelinhas do discurso que proferiu e que marca um contraste flagrante com as falas e os depoimentos de outros militares.

O general Vasco Rocha Vieira afirmou: «A maioria dos militares, que generosamente se empenham no serviço, não se confunde com alguns que se não têm mantido alheados e recuaram em alturas difíceis, limitando-se a criticar e a aguardar comodamente uma oportunidade de êxito fácil...» E não deixou de louvar os militares da unidade que recusaram não só essa atitude oportunista como o ingresso na «ribalta política». E não deixou de condenar os soberbos que se consideram senhores do «exclusivo da verdade» e que esquecem que «a disciplina não é só para os outros».

Sensatas palavras estas. Mas palavras que exigem uma revisão de posições e do teor das relações entre o centro e a periferia. O discurso do general Vasco Rocha Vieira não pode ficar esquecido na comemoração de uma efeméride, tal como o discurso do general Loureiro dos Santos não pode ficar amortalhado numa cerimónia de circunstância. E não obrigam, apenas, um sector das Forças Armadas; obrigam as Forças Armadas no seu conjunto.

Será inútil que os responsáveis afastem, nos discursos, a política do seio das Forças Armadas, se as contradições aparecem à superfície, e transbordam para os relatos de uma cerimónia de transmissão de comando publicados nos jornais. Foi o caso sucedido ultimamente em Lamego. E que é passivo de uma apreciação severa. O CEME não se pode furtar a considerar a gravidade das afirmações do coronel Gomes Saraiva.

E o senhor coronel, sejam quais forem os seus sentimentos, seja qual for a sua desilusão, o seu sofrimento, ou a sua incompreensão, não tem o direito de exceder-se e de se referir: «À vergonha infame e ultrajante de uma descolonização tal qual se passou.» A frase foi proferida numa cerimónia militar, veio nos jornais. Não foi rectificada ou desmentida.

Que disciplina é esta?

OS MILITARES, A ORDEM, A LEGALIDADE

A informação, a crítica e até a insinuação e o boato, podem ser desagradáveis. Poderão mesmo ser infundados. Poderão, sem dúvida, ser injustos. Mas nada autoriza os militares a atribuirem-se o poder de ditar as conveniências da informação, as regras da crítica, os protocolos das relações entre a «sociedade civil» e a «sociedade castrense».

Não têm os militares que se arrogarem o poder de fazerem justiça por suas mãos. A exuberância física, para o militar, é uma condição de serviço. Nunca uma possibilidade de abusar, de ameaçar, de agredir, de ofender.

A lei é a lei. E há só uma lei para civis e para militares.

Esquecê-lo, mesmo que em palavras relativamente privadas ou em bravatas caserneiras, é esquecer a ética do militar profissional, o dever cívico, a disciplina.

Razão tem o general Rocha Vieira ao censurar «os que se arrogam o exclusivo da verdade... esquecendo que a disciplina não é só para os outros».

AS PALAVRAS REPETIDAS

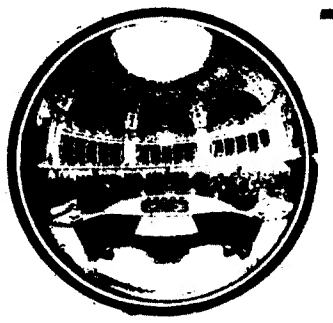
Nos lábios a palavra *democracia*. De muito que se fala de *democracia*, e de tanta vez que se cita a *Constituição*, vai-se criando a ilusão de que a *palavra* se converte em *existência*, e que a *democracia* existe, e que a *Constituição* é respeitada, porque delas falamos, falamos, falamos.

Mas a cada passo defrontamo-nos com a realidade antidemocrática, com a permanência de atitudes e de comportamentos que com a *Constituição* não se harmonizam. A educação democrática está por fazer. Não estamos educados para suportar a crítica, não estamos preparados para o autodomínio, a reflexão pessoal exigente, a autocrítica. E por aí, das gazetas às reuniões dos partidos, na vida civil e na vida militar, comete-se o erro, repousa-se no engano, de criar a realidade repetindo as palavras.

Uma dessas palavras repetidas é *democracia*. Mas não é democrático resolver os problemas de hoje com as leis de ontem, com os regulamentos de ontem com a mentalidade de ontem.

Não é o caso de nos repetirem que a lei é igual para todos. Impõe-se que nos respondam se a lei para tudo deverá ser igualmente aplicada. Não poderá existir uma óptica para considerar o ataque, em 11 de Março, ao Ralis, e uma outra óptica para considerar, em 25 de Novembro, a recusa de obedecer à hierarquia por parte do Regimento de Polícia Militar. A *lei* exige a igualdade de critério. E em matéria de disciplina não falemos. Vamos dentro de dias comemorar um acto de indisciplina, de conjura e de revolta — o «25 de Abril de 1974» — e vamos, toda a Nação democrática, agradecer aos indisciplinados.

Sagrada indisciplina! Bem hajam!



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Um pretexto em Salvaterra

Incidentes «verbais» ocorridos anteontem num comício do PS, em Salvaterra de Magos, no momento em que usava da palavra o ministro António Barreto, foram pretexto para uma inesperada e violenta «declaração política» anti-PCP daquele partido, lida na sessão de ontem do plenário, e que mereceria os agradados aplausos das bancadas do CDS e do PSD-PPD.

Para o jornalista que, ontem exactamente, soube de um comunicado da secção de Mochique do PS, onde se relatavam as agressões físicas e provocações a um vereador daquele partido feitas por gente do PSD-PPD — incluindo o próprio presidente da Câmara — o tom e o aparato que envolveram a declaração lida por António Reis são de estranhar. A agressão em Monchique ocorreu há vários dias. Reacção do PS? Nenhuma, que se saiba.

«Estamos dispostos a retirar deles todas as consequências, não só legais, como políticas», disse o dirigente do PS, a propósito dos incidentes, insinuando ainda a existência de uma «estratégia urdida» e exigindo a expulsão pelo PCP dos seus militantes presentes no referido comício, considerando-os responsáveis pelo que se passou.

Carlos Brito (PCP) usaria da palavra para «lamentar e condenar os incidentes» e para desmentir a alegada presença no comício de um membro do Comité Central do seu partido. Condenou extretanto a «exploração que o PS fez do incidente» e recordou que, há tempos, em Cercal do Alentejo, «militantes do PS arrancaram da sede do PCP uma bandeira que depois queimaram e nós resolvemos o assunto através de contactos entre os dois partidos». Adiantou ainda que o seu partido «não hesitará em tomar as mais firmes medidas quanto a este incidente, de acordo com a sua linha política e o seu procedimento democrático».

«O ÚNICO...»

No vespertino dirigido pelo deputado Raul Rego (PS) diz-se sobre o comício, que durante as intervenções de Jaime Gama e António Reis não houve incidentes. Afirma-se aí, textualmente que a declaração de António Barreto (ministro) «o PS é o único partido que em Portugal dá combate a fascistas e comunistas» provocou «grande agitação» que «haveria de se acentuar» quando o ministro se referiu à Lei da Reforma Agrária, considerando que «não havia Lei da Reforma Agrária em Portugal», e que as leis «desconexas» existentes vieram (sic) «aprovar os desvarios que se cometeram durante um ano e meio ou dois anos!...»

. A seguir a esta frase alguém, presente no comício diria: «isto é uma provocação aos trabalhadores portugueses». Seguiram-se insultos, gritaria, mas o comício prosseguiria, tranquilamente, não se registando quaisquer agressões. Porque esticou o PS, tanto, os incidentes?

. Ainda antes da ordem do dia, o CDS, pela voz de Amaro da Costa, e com base no regimento, solicitou ao presidente da Assembleia que estabelecesse «urgentemente» com o Primeiro-Ministro a data para uma primeira sessão de respostas do Governo às perguntas de deputados do seu partido. Tal pedido seria justificado pelo facto de a «oposição civilizada» não poder significar «qualquer descuido na necessária fiscalização da acção ou da inacção governamental».

A iniciativa seria denunciada pelo PSD / PPD e pelo PCP, que acusaram o CDS de violar uma decisão colectiva dos grupos parlamentares, e que apontava para a fixação, a curto prazo, de uma sessão desse tipo. Amaro da Costa usaria novamente da palavra para considerar que tais críticas traduziam «uma ciumeira indecente».

CEDÊNCIAS À DIREITA

. Outra declaração política pertencente ao P.C.P. que, através da palavra de Jaime Serra referiu a recente reunião plenária do seu C.C. e a marcação para os dias 7 e 8 de Maio de uma Conferência Nacional do partido para análise da situação económica e financeira do país e o caminho para sair das dificuldades actuais.

Além de criticar «severamente a política do Governo minoritário do P.S. e as suas constantes cedências à direita, de que a última remodelação ministerial é o exemplo mais flagrante», Jaime Serra recordou a alternativa governamental proposta pelo seu partido, ou seja, «a formação de um governo com a participação de todos os que se identificam sem reservas com a Constituição e intervenham na elaboração de uma plataforma na base da qual se possa sair da crise actual».

Como base para tal plataforma, o deputado comunista recordou que o P.C.P. reclama, noemadamente, o cumprimento da Lei da Reforma Agrária, a suspensão das desintervenções em empresas sabotadas pelo patronato e a defesa das nacionalizações e do controlo operário.

Acácio Barreiros (U.D.P.) fez igualmente uma declaração política, centrada no comício de amanhã do P.C.P. (R.). Elogiou a Albânia e denunciou grupos do M.R.P.P. que destruíram (com agressões à mistura) cartazes convocatórios do citado comício.

Ainda antes da ordem do dia o C.D.S. propos um voto de pesar pelo falecido arcebispo de Braga. Apenas o P.D.S./P.P.D. o acompanhou no pesar...

Na ordem do dia foi aprovada uma proposta de lei que autoriza o Governo a realizar a operação de crédito denominada «Fomento de Investimento Público».

E A.

OS INCIDENTES EM SALVATERRA

PS e PCP tomam posição

«Grave provocação por parte de grupos de militantes comunistas, chefiados por Malaquias Abalada, ex-deputado do PCP à Assembleia Constituinte, e Raimundo Cabral, membro do CC daquele partido», assim classificou o gabinete de Imprensa do PS os incidentes ocorridos num comício deste partido realizado anteontem em Salvaterra de Magos, no qual usaram da palavra António Reis, Jaime Gama, António Barreto e Manuel Alegre.

O comunicado informa ter o PS apresentado queixa judicial contra Malaquias Abalada e Raimundo Cabral e refere que «quando António Barreto fazia a sua intervenção para explicar ao público, que por completo enchia o cineteatro local, as linhas gerais da «Nova Lei da Reforma Agrária», verificou-se o início de uma operação organizada de boicote. Malaquias Abalada, que se encontrava no balcão, levantou-se e tentou fazer uma intervenção, sendo vaiado pelo público, que se ergueu gritando «PS, PS» e «Socialismo sim, ditadura não».

COMUNICADO DO P C P

Entretanto, uma nota da Secção de Informação do PCP, divulgada ontem à noite dá uma versão substancialmente diversa da produzida pelo gabinete de Imprensa e pelo Secretariado Nacional do PS.

Assim, e além de manifestar estranheza pelo facto de a direcção do PS «insistir neste tipo de pretextos, alegando pretensos confrontos com a esquerda para justificar alianças premeditadas com a direita», no qual o PCP esclarece:

Desmente-se formalmente que tenha havido qualquer deslocação organizada de militantes comunistas de Alpiarça para assistir ao comício do PS em Salvaterra de Magos, não passando igualmente de pura invenção a acusação de uso de facas por parte de militantes do PS e da existência de confrontos físicos violentos.»

. «Não será o empolamento calculado e artificial de incidentes como o de Salvaterra de Magos, a que o PCP é, aliás, alheio, que farão desviar o PCP da sua firme disposição unitária», sublinha a nota da SIP deste partido que acentua ainda: «as manifestações de crescente unidade que os trabalhadores portugueses vêm dando na defesa dos seus interesses e do interesse nacional, contra a recuperação capitalista e o consequente agravamento das suas condições de vida, comprovam a justeza da orientação do PCP».

Electricidade de Portugal, E. D. P.

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO DE SETÚBAL

EX-UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo domingo, 17 de Abril, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONSELHO DE ALMADA: Horizonte, Vale de Figueira e Sobreda da Caparica, das 7.00 às 10.00 h.
Areeiro, das 7.00 às 13.00 h.

Lisboa, 16 de Abril de 1977

Manuel Fernandes Camacho

post-scriptum

Não basta palrar. É preciso trabalhar

Pois é verdade. Mas talvez por deformação profissional as coisas dizem-se mas não se sentem.

Se assim não fosse, seria extraordinário este intróito para o costumado discurso de certos senhores. Digo costumado e digo bem, porque desde fins de 1975 esses discursos batem sempre na mesma «tecla» (leia-se homem).

Assim não posso deixar de manifestar a esses senhores o quanto ridículos se estão a tornar os seus discursos, sempre eivados do mais profundo ódio e infame calúnia, dirigidos ao Homem que pela sua superior estatura moral uns tantos tentam, sem conseguir, denegrir aos olhos de milhões de portugueses que tanto lhe devem e tanto lhe querem.

Jamais reconheci, nos discursos desses estranhos «democratas», antes ou depois do 25 de Abril, tal ferocidade venenosa contra Salazar ou Caetano.

Se não sabem falar em público sem se socorrer dos sistemáticos a um Homem que não pode nem precisa de se defender, para o apear do pedestal em que a maioria do povo trabalhador deste país o colocou, percam as esperanças, pois mais não fazem do que renovar a saudade desse povo e evidenciar claramente a grave lacuna que, após a sua saída do Governo, está por preencher no coração e no caminho rumo ao socialismo que os portugueses votaram e desejam seguir.

J. Oliveira — LISBOA

Ao serviço de quem está a TV portuguesa?

Projecta a Televisão já há algum tempo um documentário histórico (?) em episódios intitulado «A Europa do Século XX».

Trata-se de um reaccionarissimo programa da BBC, com apresentação do já célebre camaleão Peter Ustinov, que inventa, manipula e deturpa os acontecimentos históricos europeus, ao sabor dos interesses capitalistas e imperialistas.

Porém, a última emissão sobre o final da 2.ª Grande Guerra foi um vómito revoltante pela série de insultos, calúnias e mentiras que achincalham a memória de todos os heróis antifascistas que lutaram contra a fúria nazi, principalmente o povo soviético, que nessa guerra perdeu mais gente do que todas as outras nações juntas de qualquer dos lados.

Causa indignação e revolta que a Televisão portuguesa pluralista e dirigida por um conhecido antifascista apresente tal programa de tão baixo nível.

E é ver com que tom de voz cujo prazer se adivinha, os locutores de serviço já nossos bem conhecidos fazem o «trabalho» de tradução das indignidades do objecto e mentiroso texto que a BBC arquitectou para uma nova cruzada anticomunista.

Será que isto se insere na campanha da «Europa Connosco»? Tenham vergonha, senhores da TV! A liberdade só é compatível com a dignidade.

Orlando Fernandes Alves
QUELUZ

SEITA MALVADA

...esses comunistas! — afirmou na passada terça-feira, 12, uma senhora idosa que viajou num autocarro do circuito Pontinha/Sapadores.

Comodistas, comodistas e comunistas é que eles são! — continuava a senhora, sem que qualquer passageiro lhe ligasse a mínima importância.

Mas insistia: **Deviam prendê-los todos, para sempre, e deixá-los morrer à míngua! Sou contra os fuzilamentos** mas, a esses, era deixá-los sofrer! Seita malvada, esses **comunistas! Pouco posso andar mas vou sempre votar.**

Após curto silêncio: **Ainda no domingo passado queriam deitar fogo na sacristia da Igreja mas a empregada é que viu...**

E eu também notei a formação religiosa (que não cristã!) dessa senhora, fruto da estrutura de uma Igreja que se tem preocupado mais numa odiosa luta contra os protestantes e contra os comunistas do que com a formação cristã integral das pessoas, conforme preconiza o saudoso Papa João XXIII na encíclica «Mater et Magistra».

Chegados a Sapadores, a senhora idosa seguiu o seu caminho levando estampado no rosto o ódio «cristão» contra os comunistas!

Não faço comentários finais. Apenas narro este caso (a exemplo de muitos que por aí há) para reflexão do leitor.

A. C. — LISBOA

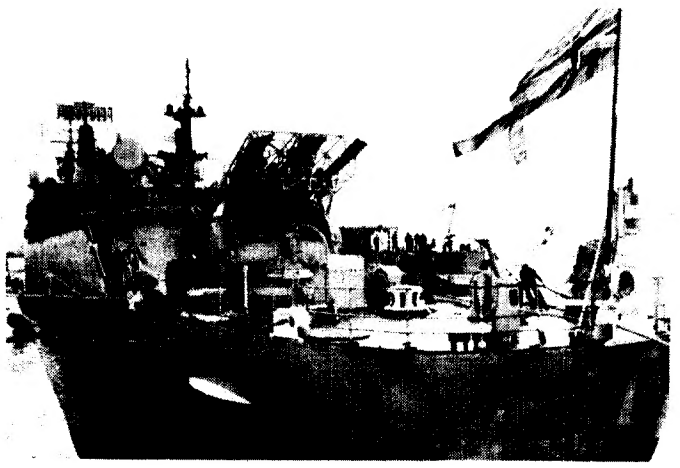
DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

A INTEGRAÇÃO EUROPEIA E PORTUGAL — O PASSADO E O PRESENTE

JORGE BARATA PRETO

Num tempo em que qualquer estratégia de desenvolvimento económico não pode admitir o isolamento e o autarcismo económico, o Governo português, constituídas que foram as condições políticas mínimas, não hesitou. Perante as várias alternativas de cooperação/integração (pelo menos a nível teórico), a Europa foi a eleita. O futuro de Portugal está na Europa do Mercado Comum, clamam os governantes. E estão optimistas, mesmo quando alguns dos parceiros europeus torcem o nariz e dizem que sim... mas... talvez... é preciso tempo, etc.



Um navio da N.A.T.O. surto no Tejo. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial que o nosso país, por motivos geoestratégicos, está «colado» aos Estados Unidos.

A C.E.E. em assembleia. Portugal tenta concretizar a adesão à Comunidade depois de ter sido um dos países fundadores da E.F.T.A. — Associação Europeia de Comércio Livre.

Pela complexidade e gravidade que a opção europeia assume para nós, impõe-se uma clara e profunda meditação sobre as implicações que lhe estão associadas, resultantes quer da necessidade da modificação estrutural da economia portuguesa (para se pôr a par das economias capitalistas altamente desenvolvidas da C.E.E.), quer da (in)compatibilidade da adesão à Europa com o projecto de transição ao socialismo «... mediante a criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras», (1) claramente expresso constitucionalmente.

A questão é (quer por factores internos quer por factores intrínsecos à própria comunidade), como se vê, muito menos linear do que os governantes fazem crer a um povo que até agora ainda não teve oportunidade de discutir a adesão, numa altura em que os preâmbulos a essa adesão são já apresentados como factos consumados.

E, assim, numa atitude simultaneamente esclarecedora e pedagógica que aqui juntamos algumas contribuições para essa discussão que se quer alargada e eminentemente política, dada a importância do problema para todos os portugueses.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial que Portugal, não podendo fugir à nova realidade económica ditada pelos E.U.A., a grande potência vencedora do conflito interimperialista, participa em movimentos de carácter político, militar, económico e monetário, tendentes ao estabelecimento da hegemonia do Ocidente.

Portugal foi fundador da N.A.T.O., da Organização Europeia de Cooperação Económica (O.E.C.E.) criada em 1948 para dar execução ao Plano Marshall; foi igualmente fundador da União Europeia de Pagamentos que veio a ser substituída pelo Acordo Monetário Europeu. Quando a O.E.C.E. (1961) se transformou na O.C.D.E., Portugal estava igualmente entre os seus membros. Em 1960 Portugal esteve também na origem da E.F.T.A.

A integração de Portugal na E.F.T.A., ao abrigo de um estatuto especial (o artigo 4.º do Anexo G da Convenção de Estocolmo), é possível pela menor profundidade de intenções supranacionais do movimento e pelas menores exigências políticas exigidas aos seus membros. Além disso, explica-se pela posição preponderante que a Inglaterra detinha no movimento. Como a Inglaterra é de há muito um dos nossos principais parceiros no comércio internacional, não é difícil relacionar as coisas.

A adesão de Portugal à E.F.T.A., perfeitamente conciliável com a situação política portuguesa e com o seu estatuto de potência (!) colonial, foi um factor determinante do aumento das exportações portuguesas ao longo da década de 60, pois veio trazer aos empresários portugueses uma posição privilegiada na exportação dos seus produtos, pois enquanto os produtos provenientes dos países membros são onerados com direitos alfandegários, ainda que em regressão até à data-limite de Janeiro de 1980, os «protutos nacionais» são isentos de qualquer pagamento nos países da E.F.T.A.

A par desta integração no espaço europeu (certo espaço, diga-se de passagem, que pelas suas contradições internas estava condenado a desmembrar-se, como na realidade já acontece) através dos mecanismos das relações económicas internacionais, outra se começou a fazer, muito mais umbilical e cheia de graves consequências — o movimento migratório — que começa em grande escala nos primeiros anos da década de 60 para o centro europeu, em resultado dos estrangulamentos a que tinha conduzido a evolução da economia portuguesa.

A contradição suprema do processo social português (ser simultaneamente uma potência colonial quando todos os países europeus já tinham descolonizado e ser geográfica e historicamente um país europeu) transforma-se a partir de certa altura no fulcro de duas atitudes diferentes quanto às possíveis vias de desenvolvimento do capitalismo português.

A guerra colonial e as suas consequências sobre a sociedade portuguesa, actuou como elemento de despoletamento das divergências entre as diversas fracções da burguesia interna, nomeadamente entre as que advogam uma maior ligação ao capital internacional e as que defendem a manutenção do «status quo» com base num colonialismo clássico e um tipo de desenvolvimento mais interno.

É no princípio do consulado marcelista com a efémera abertura política, que se clarificam essas duas opções: a linha «africanista» identificada politicamente com a fracção mais conservadora da burguesia no poder, face à continuada perda de terreno no campo político, transforma as divergências surgidas numa causa de vida ou morte.

Os «europeus» o que pretendiam era um tipo de exploração neocolonialista, comportando uma certa originalidade, assente numa crescente autonomia das colónias com base numa burguesia mista onde os elementos brancos ligados à metrópole fossem preponderantes.

Essa luta é essencialmente política, já que os interesses económicos eram sensivelmente os mesmos, o que não acontecia com os meios propostos para os realizar.

De facto, a abertura de Portugal à concorrência e aos investimentos estrangeiros, como intransigentemente defendiam os «europeus» (e já estava realmente acontecendo), não implicava igual abertura nas colónias, onde os privilégios adquiridos continuariam no entanto a ser mantidos. Com efeito, o que se pretendia era um estatuto de membro associado da C.E.E. e não o estatuto de membro de pleno direito, que acarretaria, pelos pressupostos do Tratado de Roma, a eliminação de todos os privilégios usufruidos como metrópole colonialista.

Se bem que o dilema «Europa ou África» fosse falso, como o próprio Marcelo Caetano afirmou, havia diferenças pontuais nos objectivos defendidos. Para os defensores do neocolonialismo, a viragem à Europa significava entre outras coisas:

a) integração espacial e económica no sistema imperialista.

«b) movimento acelerado de concentração de capital.

«c) mais rápidas taxas de crescimento.

«d) penetração maciça de capitais estrangeiros.

«e) relativa democratização política...

«f) partilha mais consequente das colónias.» (2).

MERCADO COMUM — PRIMEIRA INVESTIDA

Com a adesão da Inglaterra, juntamente com a Dimanarca e a Irlanda, ao Mercado Comum, a E.F.T.A. perde a sua coesão interna, que aliás nunca tinha sido grande, pois pela dispersão geográfica e desigualdade de desenvolvimento dos países membros, esta associação nunca passou de uma simples zona de comércio livre com objectivos económicos e políticos muito limitados. O Mercado Comum, pelo contrário, é a consubstanciação da ideia europeia, dos Estados Unidos da Europa, da eliminação de barreiras de toda a espécie entre os seus membros.

Com a E.F.T.A. esfrangalhada e no limite dos seus objectivos, Portugal tem que ir bater à porta da outra Europa agora designada dos «Nove».

Em 1972 é firmado um Acordo de Comércio Livre entre o nosso País e a Comunidade Económica Europeia alargada (acordo revisto o ano passado). Como já sucedera com a E.F.T.A., também com a C.E.E., Portugal assumiu mais uma vez um estatuto de parente pobre, de apêndice tolerado, devido às deficiênais graves da sua estrutura económica e por incompatibilidades de ordem política (ausência de um regime democrático).

Desse acordo comercial resultaram para Portugal certas vantagens na exportação de alguns produtos para os países do Mercado Comum, os quais passam a entrar livres de direitos alfandegários na C.E.E. sem haver contrapartida para os produtos «comunitários» importados para o nosso País até 1985, pois segundo o protocolo desse acordo, a indústria portuguesa goza de uma protecção pautal até esse ano-limite, com excepção dos regimes especiais para os têxteis, o papel e a cortiça, três dos produtos essenciais na totalidade das nossas exportações.

A SEGUNDA FASE

O 25 de Abril, com as profundas alterações que veio trazer à sociedade portuguesa, abriu

Continua na pág. 4

PUB

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 27-29 — T. 574073

— LISBOA —

COMUNICADO DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Recebeu o presidente da Assembleia Geral, em 5 de Abril do corrente ano, um requerimento emanado da actual Direcção deste Sindicato, onde se lê o seguinte:

«A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, considerando as razões que no manifesto anexo (5.4.77) expõe, fazendo uso da competência que o Art.º 44.º dos Estatutos lhe confere, e após a sugestão do Conselho Fiscal, de acordo com o Art.º 50.º dos mesmos Estatutos, decide requerer ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral que dê cumprimento à alínea a) do art.º 40.º, para os fins constantes no Capítulo XI, artigos 73.º e 93.º».

De imediato se reuniram os membros da Mesa da Assembleia Geral a fim de apreciarem o documento recebido tendo sido acordado por plenitude de opiniões aceitar-se o pedido de convocação de uma Assembleia Eleitoral, atendendo ao conteúdo do requerimento, aos motivos que o provocaram e à legalidade do referido documento.

Desta forma, oportunamente, se fará a devida comunicação aos associados deste Sindicato das datas e demais formulário legal para a abertura do acto eleitoral dos Corpos Gerentes deste Sindicato.

Lisboa, 12 de Abril de 1977

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL
José Carolino Santos

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

uma comédia de Serge Korber

uma puritana do Exército de Salvação e um marinheiro barbudo naufragam juntos!

ANNIE GIRARDOT

BERNARD FRESSON

COLOR DOPERFILME

NÃO ACONSELHÁVEL A MEN. DE 18 ANOS

CINEMA CASTIL

A FEMINISTA

URSULE ET GRELU

EM EXIBIÇÃO

PAULO JORGE À PARTIDA PARA LUANDA

"As questões com Portugal estão ultrapassadas"

«Houve efectivamente um certo número de problemas que surgiram nas nossas relações mas penso que hoje estão completamente ultrapassadas. O que importa agora é olhar para o futuro», afirmou ontem Paulo Jorge, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Angola, momentos antes de partir para Luanda, após uma escala de dois dias em Lisboa no regresso de uma visita oficial à República da Índia.

Referindo-se às conversações que manteve em Lisboa, nomeadamente com Mário Soares e Medeiros Ferreira, Paulo Jorge disse ter manifestado a melhor intenção de «nos tempos mais próximos procurar realmente encontrar o entendimento necessário entre os dois países tendo em atenção os laços que unem os dois povos».

Quanto à eventual nomeação dum embaixador de Angola no nosso país Paulo Jorge admitiu que tem havido dificuldades em encontrar um quadro que esteja realmente à altura das responsabilidades que deve ter um embaixador da República Popular de Angola em Portugal.

Moçambique anula expulsão de estrangeiros

Relativamente às notícias divulgadas a propósito das medidas tomadas pelo Governo Moçambicano quanto aos indivíduos que renunciaram à nacionalidde moçambicana, o Ministério dos Negócios Estrangeiros emitiu uma nota oficiosa segundo a qual a expulsão dos referidos cidadãos foi anulada, não se tendo efectuado o primeiro embarque previsto para p passado dia 10. Passamos a transcrever o texto integral da nota oficial:

«Vários órgãos de Comunicação Social publicaram ontem notícias relacionadas com a laternação, por parte do Governo da República Popular de Moçambique, das medidas referentes aos cidadãos que renunciaram à nacionalidade moçambicana.

Na sequência dessas notícias, e a fim de evitar especulações, o Ministério dos Negócios Estrangeiros informa que a Imprensa moçambicana efectivamente divulggou um comunicado da Polícia anulando, por ordem superior, as medidas de expulsão imediata contra os indivíduos mencionados supras, não se tendo efectuado o primeiro embarque que estava previsto para o passado dia 10. O referido comunicado acrescenta que alguns dos abrangidos se encontram a ligalizar a sua situação ou constituem casos que estão a ser objecto de estudo por parte das autoridades moçambicanas.

O Governo Português, que, na devida altura, entrou em contacto com o Governo da República Popular de Moçambique, através da nosssa Embaixada em Maputo, para o alertar sobre as implicações que as medidas tomadas teriam, como oportunamente informsados, continuará a desenvolver os seus esforços no sentido de melhorar as relações com aquele país e defender os interesses dos cidadãos portugueses».

A INTEGRAÇÃO EUROPEIA E PORTUGAL

Continuação da pág. 3

inúmeras e ricas perspectivas de cooperação com países com os quais as nossas relações políticas e económicas tinham sido até aí quase nulas (principalmente com os países do bloco socialista). Mas o facto é que os enviesamentos do processo político, as conturbações sociais e o agravamento constante e progressivo da crise económica, actuaram como factores negativos à diversificação das nossas relações económicas e comerciais com esses países, de tal maneira que podemos afirmar categoricamente — e as estatísticas do comércio externo são provas factuais — que o eixo principal por onde as nossas exportações e importações são carriladas continua a ser a Europa.

Mas estes e outros argumentos (alguns já citados atrás) são suficientemente fortes para justificar a corrida para o Mercado Comum que o Governo português encetou em Fevereiro? Por outras palavras: será historicamente inevitável a adesão de Portugal à C.E.E.?

Não há dúvida alguma que as duas etapas do «tour» europeu feitas pelo Primeiro-Ministro constituiram uma vitória político-diplomática para o Governo português (e também para Mário Soares que jogou todo o seu prestígio pessoal na investida europeia) perante os Governos da Comunidade.

Mas se a adesão ao Mercado Comum exigisse apenas imperativos de ordem política, neste momento não se levantariam problemas de maior, visto estarem satisfeitas, em Portugal, neste momento as condições mínimas de aderência: democracia parlamentar institucionalizada; e mais, a aderência seria um direito, um prémio justamente conquistado.

Longe deste simplismo quase mecânico, o cerne do problema situa-se no campo do económico e nas suas extrapolações para o político.

Para entrarmos no Mercado Comum há um preço social e político muito grande que teremos de pagar. Ser-nos-á exigida a harmonização da nossa estrutura produtiva com as políticas sectoriais comunitárias, dominadas pelos mecanismos de mercado. Como será possível sustentar a opção socialista dentro da Europa das multinacionais?

. Ou o projecto de transição ao socialismo deste País é cada vez mais uma ficção político-constitucional ou o Governo que nos governa é cada vez menos socialista, o que lamentavelmente parece ser verdade.

Pode argumentar-se que a Europa está em modificação, que o futuro da Europa é o socialismo, como crê esperançadamente o Primeiro-Ministro. Tudo isso não passa de ficção política, de dados aleatórios e imprevisíveis. É necessário, isso sim, situarmos o problema da adesão à C.E.E. no presente e equacionarmos as implicações que isso traz.

VANTAGENS E INCONVENIENTES

A economia portuguesa está bastante atrasada em relação à dos países altamente desenvolvidos da Europa. Uma análise pormenorizada da estrutura produtiva portuguesa dá-nos um leque de diversas etapas de desenvolvimento das forças produtivas, leque esse que vai da existência de um grande número de unidades de produção artesanais, arcaicas, até formas de produção sofisticadas, resultantes do desenvolvimento desigual do modo de produção capitalista em Portugal. Só uma parte relativamente pequena do nosso sector produtivo está ao nível e em condições de competir com as indústrias dos países comunitários.

E o sector agrícola, indubitavelmente o sector mais atrasado da nossa economia? A adesão e consequente subordinação do mercado nacional aos preços comunitários, implica que no próprio território nacional os produtos agrícolas de produção interna terão de travar dura luta na concorrência com os originários dos restantes países da Comunidade, a preços muito mais baixos dados os altos índices de produtividade das lavouras desses países. Seria o descalabro para um sector que depois de profundas transformações ainda procura a correcta inserção no processo produtivo.

A não ser que o Estado aumentasse os subsídios à produção, o que de um ponto de vista da política económica global só iria aumentar o já excessivamente pesado défice do sector público.

No âmbito das relações comerciais os benefícios que tiraremos de uma eventual adesão, são quase nenhuns, visto termos com a C.E.E. (para onde se dirige mais de metade das vendas ao estrangeiro) um acordo comercial.

Quer isto dizer que as vantagens da adesão a curto e médio prazo poucas seriam, mesmo se atendermos a que a Comunidade possui fundos para financiamento do desenvolvimento das zonas mais atrasadas dos países membros, afim de eliminar as assimetrias regionais e nacionais de crescimento, aos quais Portugal pelo seu atraso económico seria um candidato potencial.

Se é importante equacionarmos as possíveis vantagens ou inconvenientes imediatos que adviriam para o nosso País com a adesão (que a concretizar-se, necessitará de um espaço de tempo nunca inferior a dez anos, como apesar de tudo a equipa governamental reconhece), é essencial, no entanto, mergulhar nas águas turvas do mito europeu, e verificarmos que a opção C.E.E. é também a opção por uma certa estratégia de desenvolvimento. É aqui que se têm que procurar em última instância as relações mais profundas entre o modelo de sociedade que nos é oferecido pelo Mercado Comum e a opção socialista que o povo português consagrou constitucionalmente e exige do poder político.

O Tratado de Roma (fundamento jurídico da C.E.E.) ao consagrar, por exemplo, a liberdade de circulação de capitais e de estabelecimento de empresas em qualquer país da Comunidade, iria colidir com algumas das conquistas do povo trabalhador, implicando certamente um conjunto de pressões sobre o Governo, no sentido de liberalizar as condições de investimento estrangeiro, como já acontece actualmente, quando em documento há pouco saído a público a Câmara do Comércio Internacional representante de 4000 empresas internacionais, reivindica do Governo português condições mais atractivas e seguras para o investimento estrangeiro. Entende a C.I.I. que o Código de Investimentos Estrangeiros (publicado em Abril de 1976) é extremamente restritivo quanto à garantia de os investidores estrangeiros transferirem os lucros e dividendos para fora do País. E mais: permite-se fazer referências à regulamentação do controlo e gestão pelos trabalhadores e chama a atenção para a necessidade do pagamento das indemnizações pelas nacionalizações efectuadas em 1975.

Como se vê, em nome da «opção claramente formulada a nível governamental a favor da adesão ao Mercado Comum», o cerco já começou e ainda agora a procissão vai no adro.

A integração europeia desempenhou ao longo dos primeiros anos um forte movimento de concentração de empresas, isto é, um aumento da dimensão média das empresas, na necessidade sempre crescente de baixar os custos de produção e aumentar os lucros. A nossa economia, na eventualidade da adesão, seria submetida a um movimento brusco desse género a que eventualmente não poderia responder positivamente, criando-se graves problemas em muitos sectores de pequenas e médias empresas, com os problemas de desemprego e crise social daí resultantes, tanto mais graves quanto o desemprego é o fantasma que mais urge combater.

É evidente que estas modificações e correcções à estrutura produtiva nacional têm inevitavelmente que se operar para se saír da crise. O problema está nos meios que se utilizam e quem vai ganhar com os fins atingidos. E como vimos a estratégia europeia é sinónimo de desnacionalização de decisões, de subordinação a outros interesses que não os dos trabalhadores portugueses.

CONCLUSÕES

Uma vez que aqui se tentou demonstrar a inviabilidade do binómio «transição para o socialismo/integração europeia», ocorre perguntar: então voltamos as costas à Europa e fechamo-nos em concha?

. Longe de nós assumirmos o postulado salazarista do «orgulhosamente sós», anti-racional e antieconómico. Portugal se quer seguir na via da transição ao socialismo tem que se assumir na totalidade das suas limitações e projectos autónomos sem que isso signifique o isolamento da Europa ou de qualquer bloco político-económico. Isso implicará uma estratégia de desenvolvimento que não deve ser imposta de fora, mas sim determinada internamente, sem que se deixe de recorrer ao exterior, sabida como é a nossa dependência em tecnologia e muitos outros bens essenciais.

Neste País de mitos é necessário não criarmos e alimentarmos mais um — o mito da Europa, qual D.Sebastião que nos venha salvar da crise. A própria Europa está em crise, assacada com problemas de inflação e desemprego, fruto da longa crise económica ocidental. Além disso, a ideia europeia, passados quase vinte anos sobre o Tratado de Roma, continua quase tão embrionária como então. A supranacionalidade continua a ser uma ficção, a identidade europeia está de tal maneira abalada que o jornal «Le Monde» em recente editorial afirma que como as coisas correm, a C.E.E. arrisca-se a transformar-se numa simples zona de comércio livre.

1 — Artigo 2.º da Constituição da República Portuguesa.

2 — António Barreto — «Colonialismo e Imperialismo». Revista «Polémica 2»-1971. Esta citação de um texto de um ministro do Governo mostra até que ponto as ideias e as pessoas mudam facilmente com as situações.

SEGUNDO JURISTA FRANCÊS

Processos nos Conselhos de Disciplina violam Convenção dos Direitos do Homem

«A legitimidade e o processo seguidos pelo Conselho Superior de Disciplina do Exército devem ser regeitados, por constituirem uma violação do art. 6.º da Convenção Europeia dos Direitos do Homem» — lê-se num parecer do prestigiado jurista francês Louis Joinet, sobre os processos de que são alvo trinta e dois oficiais do Exército, nomeadamente o major Otelo.

Louis Joinet é membro do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem e, nessa qualidade, presidiu a uma missão que se deslocou ao Brasil para investigar os casos de tortura e prisão arbitrária praticados à ordem da ditadura dos gnerais.

A pedido do advogados portugueses, Louis Joinet elaborou o parecer que hoje divulgamos em primeira mão, sobre os processos a correr pelos Conselhos de Disciplina, examinando a sua legalidade face ao disposto na Convenção Europeia dos Direitos do Homem.

Recorde-se que Portugal já assinou a Convenção, por iniciativa do Governo do PS elaborada sobre a égide do Conselho da Europa, embora ela ainda não tenha sido ratificada pela Assembleia da República ou pelo Governo, razão porque não se encontra em vigor, na ordem interna.

O parecer de Louis Joinet é baseado num acordão elaborado pelo Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, quando para ele recorreram oficiais das Forças Armadas holandesas, acuusados perante um órgão semelhante aos Conselhos de Disciplina.

Segundo se lê no parecer de «mâtre» Joinet, o tribunal fixou determinadas regras sobre matéria processual. Assim todos os cidadãos têm direito a que o seu processo seja ouvido, publicamente, por um tribunal independente e imparcial, que decidirá quanto aos fundamentos de toda a acusação que, em matéria penal, seja deduzida contra ele. O julgamento, ainda segundo o acordão do tribunal, deve ser público, embora em parte, ou no total, possa ser interdito à Imprensa o ou ao público, quando assim o recomende a ordem moral, a ordem pública, ou a segurança nacional, ou, ainda, quando assim o entenda o tribunal, para evitar prejudicar os interesses da Justiça. Ainda segundo o acordão, conhecido como «Engel e outros contra o reino dos Países Baixos», o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos decidiu que a Convenção é também aplicável aos membros das Forças Armadas e não apenas aos civis. Por outro lado a qualificação dos procesos em penais ou disciplinares deverá fazer-se em referência à Convenção e não somente à lei interna, para evitar que a protecção estabelecida nos artigos 6.º e 7.º da Convenção seja afasta arbitrariamente pela vontade dos Estados.

O acordão do tribunal continua depois afirmando que a qualificação de um facto como penal resulta de constituir «uma infracção geralmente tomada em consideração pela lei penal numa sociedade democrática», devendo por isso ser respeitadas as garantias acima referidas, constantes do art. 6.º da Convenção.

PROCESSOS PENAIS

Um acto imputado a alguém pode ser qualificado como infracção disciplinar desde que «transgrida uma norma jurídica que regula o funcionamento das Forças Armadas».

Sobre a qualificação, como penais ou disciplinares, das infracções de que são acusados os militares portugueses, afirma Louis Joinet: «Especificamente se certas acusações podem ser consideradas como respeitantes «ao funcionamento interno das Forças Armadas» (veículos utilizados para fins não militares, por exemplo) só dificilmente se pode sustentar que a acusação de ter praticado «actos ilegais» ou «sevícias» não constitui «acusações em matéria e penal», no sentido do art. 6.º».

«Sustentar o contrário equivaleria a dizer que, por exemplo, a proibição de sevícias constitui uma regra própria do funcionamento das Forças Armadas».

Diz ainda Louis Joinet que, tanto a Declaração Universal dos Direitos do Homem (art. 5.º), como a Constituição Portuguesa (art. 26.º, parágrafo 2.º) consideram a prática de ofensas voluntárias à integridade física de alguém, ou de tortura, como crimes, pelo que a sua condenacão não se restringe à legislação interna das Forças Armadas.

Nesse sentido, conclui Louis Joinet: «Por outras palavras, tratando-se de acusações em matéria penal», o Conselho Superior de Disciplina do Exército não pode reconhecer-se competente sem violar flagrantemente o art. 6.º da Convenção».

Afirma depois o jurista francês que, sendo matéria penal, o tribunal teria de ser «independente e imparcial», tal como prescreve o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, no já referido acordão. Nesse caso isso acontecia, porque o Supremo Tribunal Militar holandês era presidido por um membro civil do Supremo Tribunal de Justiça, assessorado por um magistrado profissional».

«A contrário», afirma Louis Joinet, «uma instância disciplinar composta só por militares, não responde as exigências normativas do art. 6.º da Cdonvenção».

AUDIENCIAS SECRETAS

Pronuncia-se depois sobre o carácter secreto das audiências, afirmando que a publicidade tem de ser a regra. No processo movido aos oficiais holandeses foi o facto do Supremo Tribunal Militar ter como princípio legal o secretismo das audiências que levou à anulação pelo Tribunal dos Direitos do Homem da sentença proferida.

Afirma Joinet sobre o caso português:

«Esta juriprudência aplica-se, sem contestação possível, ao caso de Otelo Saraiva de Carvalho e dos outros militares pronunciados pelo Conselho Superior de Disciplina do Exército.»

Anulando a possiblidade de se invocar a «segurança nacional« ou o «interesse da Justiça» para fazer audiências secretas, Louis Joinet recorda que o resultado do inquéeito que serviu de base ao processo foi amplamente divulgado, apesar de não ter tido carácter contraditório, nem ter respeitado nenhuma das garantias formais previstas no art. 6.º, parágrafo 3.º da Convenção, respeitante a processo de inquérito prévio do julgamento.

O parecer de Louis Joinet conclui, afirmando:

«Os acusados pode invocar a **Convenção Europeia para** fazer valer o seu direito a um processo justo. A Convenção aplica-se tanto a militares como aos civis.

«Os factos imutados aos acusados não dependem somente do funcionamento interno das Forças Armadas, como tais eles constituem «acusações em matéria penal». Os interessados podem, então, legitimamente reivindicar as garantias fundamentais previstas pelo artigo 6.º da Convenção e, nomeadamente — a competência de um tribunal independente e imparcial, como estipula o art. 6.º da Convenção — e, em qualquer hipótese, a publicidade das audiências.

Autarquias celebram "25 de Abril"

No Ministério da Administração Interna reuniram-se ontem os governadores civis de todos os distritos do continente, com o responsável daquele departamento ministerial. Foi discutida a próxima comemoração do 25 de Abril e a participação das autarquias locais nas iniciativas já programadas.

É intenção do MAI, segundo afirmou o ministro Costa Brás, que o Dia de Portugal seja celebrado com a merecida dignidade, como festa de carácter eminentemente popular de confraternização. Ainda segundo o ministro, as festas devem decorrer em clima de isenção partidária, suscitando «a interessada participação dos portugueses em geral e das crianças em particular, em cujo futuro residem e se encontram apostadas as grandes motivações e esperanças do Movimento do 25 de Abril.

«A fome e a miséria aumentam cada vez mais no seio do povo trabalhador. São o regresso dos patrões às empresas, as largas centenas de milhares de desempregados, a repressão da PSP e GNR sobre aqueles que tudo produzem, os magros salários e pensões, é o brutal aumento do custo de vida, são os despejos, é a submissão cada vez maior ao imperialismo americano. E surge como mestre desta recuperação capitalista um Governo, dito socialista e constitucional, e que mais não passa de oportunista do 25 de Abril», lê-se num comunicado dos «Comités 25 dde Abril» que, unitariamente com as CT's, CM's, os conselhos de aldeia, ex-militares e soldados revolucionários, irão organizar no 25 de Abril uma jornada de luta.

Entretanto, os «Comités 25 de Abril» realizam hoje, no Porto, um plenário subordinado ao tema «Comemorações do 25 de Abril».

Advogados exigem julgamento de Rui Gomes

A propósito de uma notícia em que afirmávamos fazer parte da Comissão de Apoio para a Libertação de Rui Gomes, Carlos Correia, conforme foi anunciado em conferência de imprensa pela Comissão de Luta para a Libertação daquele estudante, recebemos de Carlos Correia uma nota desmentindo que faça parte da dita Comissão de Apoio.

Na íntegra: «O Diário de Lisboa noticiou, no seu número de cinco de Abril pp, na última página, a formação de uma Comissão de Apoio à libertacão de Rui Gomes, indicando vários nomes que a integrariam, entre os quais se encontrava o meu: «Carlos Correia (presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Ciências do Porto)».

Verifica-se, porém, que eu não faço parte desta Comissão. A notícia, nesse aspecto, é falsa. Nestas condições, peço a V. Exa. o favor de, no mesmo local e sob o mesmo título da notícia referida, mandar proceder ao devido desmentido».

Electricidade de Portugal: a nacionalização faz dois anos

Faz hoje dois anos que foi nacionalizada a EDP — Electricidade de Portugal. Ao comemorar o 16 de Abril, a Comissão Coordenadora Central (CCC) da respectiva empresa distribuíu um comunicado através do qual saúda todos os trabalhadores da EDP, manifestando a vontade de cumprir o mandato que lhe foi conferido por esses mesmos trabalhadores.

Eis os objectivos fundamentais do Sector Eléctrico, segundo a CCC: conseguir, através do controlo de gestão, a efectiva estruturação da EDP de forma a servir nas melhores condições o Povo Português; conseguir para todos os trabalhadores a uniformização das condições de trabalho, e defender intransigentemente a Unidade de todos os trabalhadores.

Barreto empossa gestores das Empresas do Mar

O ministro da Agricultura e Pescas, António Barreto, na cerimónia de tomada de posse das Comissões Administrativas das Empresas do Mar, nomeadar por resolução de Conselho de Ministros de 22 de Março deste ano, sublinhou o sentido da nacionalização das referidas empresas que «tem de ser razão de orgulho para os portugueses e não motivo de vergonha».

Depois de salientar que não valia a pena voltar a descrever as razões, os sistemas e as consequências da crise das pescas portuguesas, António Barreto acrescentou que o que importa agora «é trabalhar racionalizar, planear, desenvolver empresas que contribuam para a felicidade dos portugueses e o progresso do País». O ministro focaria ainda a necessidade de «reforçar a hierarquia das competências e a responsabilização de cada um na sua tarefa, aliadas à indispensável democracia interna na empresa de acordo com os princípios da Constituição».

A propósito do subsídio concedido pelo Governo para as operações de pesca na Mauritânia, o titular da pasta da Agricultura e Pescas adiantou que a medida era acompanhada por uma resolução de orientação geral e normas de actuação, contendo exigências que «este esforço financeiro implica». Acentuou também o imperativo de cada empresa apresentar planos e programas concretos «que permitam ao Governo ter a certeza de que se não está a defraudar o bem público».

No final da sua intervenção o ministro garantiu um apoio permanente do Governo «às empresas do mar desde que a sua gestão se orientasse para o investimento e «para melhorar a produtividade e utilizar intensamente os nossos recursos».

Em nome dos empossados usou da palavra Vasco das Neves, presidente da Comissão Administrativa da SNAB (Sociedade Nacional dos Armadores do Bacalhau) que manifestou estar confiante na superação da crise.

Para a empresa SNAPA (Sociedade Nacional da Pesca do Arrasto) foram nomeados Fernando Augusto Simões Ferrão (licenciado), Manuel dos Santos Remédios (oficial da Marinha Mercante) e Rui Pato Faure da Rosa. Na empresa SNAB (Sociedade Nacional dos Armadores do Bacalhau) fazem parte da Comissão Administrativa Vasco Ferreira César das Neves (licenciado), Francisco Xavier Mendes de Vasconcelos Guimarães (engenheiro) e Humberto das Neves Martins (oficial da Marinha Mercante).

Para a CPP (Companhia Portuguesa de Pescas) tomaram posse dos cargos António Baptista Duarte Silva (engenheiro), José Rosário Catarino (licenciado) e Horácio Afonso Rebelo (técnico de contas). Finalmente para a Docapesca foram nomeados João Fernandes Mendes Jorge (licenciado), José Alberto Pereira de Carvalho Baptista dos Santos (oficial da Marinha) e António Luís Coelho de Almeida Leite (gestor de empresa).

"Metro" tem mais espaço em S. Sebastião

No âmbito do programa destinado a dotar toda a rede de cais com capacidade para comboios de seis carruagens, entrará em serviço na próxima segunda-feira, o novo átrio norte da estação de S. Sebastião do Metropilitano de Lisboa. A estação, cujos acessos respectivos foram um pouco deslocados da anterior posição com vista a maior comodidade do público e integração na nova urbanização do local é a quarta apta a aceitar comboios de seis carruagens

EM PALMELA

Agricultores reivindicam seguro agropecuário

Durante uma reunião, promovida pela Liga dos Pequenos e Médicos Agricultores da Moita, que teve lugar na Lagoa do Calvo, concelho de Palmela, no passado dia 9, os agricultores presentes aprovaram em fazer um apelo ao Governo no sentido da criação de um seguro agro-pecuário que vise fins não lucrativos e que esteja ao alcance das bolsas de todos os pequenos e médios agricultores, rendeiros e seareiros.

Na medida em que a reunião tinha sido convocada para se proceder à distribuição dos recibos referentes às indemnizações das vinhas queimadas pela geada do ano de 1975, os agricultores presentes chegaram à conclusão de que seria necessário criar-se um seguro a nível nacional, que cobrisse os prejuízos causados pelas intempéries. O processo relativo ao ano de 1975 ainda não está concluído e já na noite de 29 de Março deste ano caiu uma forte geada que queimou as vinhas de centenas de pequenos agricultores dos concelhos de Palmela e Montijo. Essa uma das razões porque a assembleia de agricultores aprovou um apelo ao Governo para que «convidasse as organizações de pequenos e médios agricultores, rendeiros e seareiros a fim de estudar a melhor forma do seguro ser aplicado à generalidade dos pequenos e médios agricultores e extensivo se possível, a nível nacional».

SEGUNDO O M.A.P.

"Fraca produção agrícola deve-se ao mau tempo"

O Ministério da Agricultura e Pescas num comunicado ontem publicado vem «contrariar a ideia de que vários conflitos registados no Alentejo, terão proventura algo a ver com a situação preocupante da produção agrícola na zona de intervenção da Reforma Agrária».

Com efeito, aquele Ministério, após salientar que o assunto já mereceu da sua parte um primeiro comunicado, afirma que as razões motivadoras da magra produção agrícola registada se devem a vários factores dos quais destacamos os seguintes: «A terra atribuída a seareiros é-lhes entregue nesta época do ano com vista a poderem fazer os alqueives, (as lavouras de abrição das terras para sèmear no próximo Outono) cuja realização devido a circunstâncias meteorológicas adversas (excesso de chuvas) se encobtra bastante atrasada; por se tratar necessariamente de áreas de pousio não têm as terras atribuídas qualquer influência este ano nas áreas cultivadas, na zona de intervenção; a ventania e a ausência de chuvas que se faz sentir há cerca de um mês estão a prejudicar grandemente a sementeira das culturas primaveris-estivais na zona de intervenção da Reforma Agrária. Trata-se de mais um factor incontrolável e aparentemente irrecuperável para a produção agrícola nacional.»

ELEIÇÕES PARA O SINDICATO DOS PROFESSORES

Unidade em perigo por divergência de listas

Marcadas para sete de Junho, as eleições para o Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa estão já, ainda antes do início da campanha eleitoral, envoltas em alguma polémica e em divergências que, pensava-se, pudessem ser superadas. Com efeito, para lá do Manifesto da Frente Ampla que pretende apresentar uma lista unitária, não elaborada à base de compromissos e negociações entre forças partidárias, mas sim através de um processo desencadeado pelos Núcleos Sindicais de Base e pelas comissões sindicais, outro manifesto de uma outra lista que tambem se pretende unitária veio tornar mais difícil a unidade das forças de esquerda. Finalmente, liderada por Joaquim Pagarete (presidente da actual direcção do Sindicato dos Professores) foi criada uma Comissão preparativa de uma lista. Desta dispersão, virá, em última instância, a ser favorecida a lista que surja da direita.

Entretanto, um grupo de professores subscreveu um abaixo-assinado de apoio à constituição de uma lista de Frente Ampla («Por um Sindicato Forte na Unidade de Todos os Professores»). Entre alguns subscritores refiram-se Armando de Castro, Ana Silva Pinto, César Oliveira, Francisco Pereira de Moura, Osório Mateus, João Barroso, João Andrade e Silva, João Cravinho, Joel Serrão, Luís Moita, Mário Dionísio, Mário Murteira, Miriam Halpern, Vitor Adragão, Vítor Gonçalves. Justificam o seu apoio em primeiro lugar, por considerarem que «há um perigo sério de ver o Sindicato desmembrar-se ou acabar por cair sob influência de forças de direita». Em segundo lugar, porque «a ser a direcção do Sindicato ocupada por essas forças de direita que repetidas vezes apoiaram sem ambiguidades a política do MEIC duma forma global, não esperam ver por elas defendidos os seus interesses profissionais e materiais quando possam ser postos em causa pela orientação do M.E.I.C.» Finalmente, porque «não lhes parece que seja possível conseguir a unidade de todos os professores sem uma Frente Ampla».

FRENTE AMPLA CONTESTADA

Entretanto vários delegados sindicais contestam à Frente Ampla o ter divulgado o seu manifesto em conferência de Imprensa quando delegados sindicais já teriam abandonado o projecto que a enforma. Manifestam a sua surpresa, «dado que esta divulgação se processou após o abandono de várias comissões e delegados sindicais» por considerarem o «processo fechado no âmbito dos seus promotores iniciais, impedindo a criação na prática de uma autêntica frente ampla, com capacidade para enfrentar num processo eleitoral, qualquer lista de direita». Observando que à data da conferência de Imprensa, não havia «qualquer tipo de frente ampla», os signatários afirmam que houve um «avançar do carro à frente dos bois», um apresentar «como factos decididos, situações não concretizadas».

Assinam o comunicado entre outros, os delegados sindicais Ludgero Leote (que pertenceu à CDP), Octávio Quintela, Helena Serôdio, Margarida Faria, Eugénia Cochofel, Teresa Serrão, Eurico Leote, Ana Paixão Isabel Ribeiro.

POR UM SINDICATO EFICAZ

Uma outra lista vai concorrer também às eleições sob a sigla «Por um Sindicato Eficaz. Por um Ensino de Qualidade, na Unidade Antifascista dos Professores». A sua comissão promotora observa no manifesto: «Pensamos que o projecto capaz de nos unir e mobilizar assentará num campo de acção sindical que não se esgota na reivindicação parcelarizada, mas terá como objectivos indissociáveis a luta pelos direitos dos professores de todos os sectores e graus de ensino e pela qualidade e ensino.

«Intervimos com confiança neste processo eleitoral seguros de que contribuiremos para a unidade e mobilização de todos os professores antifascistas» — sublinha, a concluir, o manifesto.

Entretanto, prossegue a recolha de assinaturas. Entre os subscritores do manifesto contam-se já, entre outros, Graça Fernandes, Salvado Sampaio, Domingos Moura, Matilde Rosa Araújo, Fátima Rodrigues, Teresa Alves, António Neto, José Vitor Adragão, José Manuel Tengarrinha, Arnaldo Pereira, Emília Galhordas, Correira Pinto, Silvério Prates, Fernando Piteira Santos, Leonor Judas.

REVISÃO DE ESTATUOS

A lista da Frente Ampla, «Por um Sindicato Forte na Unidade de Todos os Professores», apela à abstenção dos Núcleos Sindicais de Base e das Comissões Sindicais, no sentido da sua não participação no conjunto de acções que a Direcção do actual Sindicato «quer impôr para a revisão dos Estatutos só poderá ser feita considera «uma decisão arbitrária e ilegal à face da democracia sindical e dos próprios estatutos em vigor».

Com efeito, sublinha a lista da Frente Ampla, a revisão dos Estatuso só poderá ser feita quando «estiver em exercício o órgão competente para a fiscalização da actividade sindical, o Conselho Fiscal (o que não acontece neste momento, dado que se demitiu há mais de três meses)» e quando estiver garantida a sua realização «pelo único órgão competente para o efeito, com o plenário sindical com um quorum de 2.000 ou 10 por cento dos sindicalizados».

Finalmente, afirma a comissão eleitoral da Frente Ampla: «Trata-se de uma revisão de estatutos que, pelos meios e ocasião em que é imposta, não serve os professores nem o Sindicato».

Lei do Arrendamento Rural comemorado em Braga e Coimbra

Por iniciativa da Liga de Pequenos e Médios Agricultores de Montemor-o-Velho é comemorada hoje em Coimbra a passagem do segundo aniversário da publicação da Lei do Arrendamento Rural.

Aquela organização convida todos os pequenos e médios agricultores do distrito de Coimbra a concentraram-se naquela cidade, frente ao Instituto da Reforma Agrária, a fim de chamar a atenção **para o perigo que representa a possibilidade de revogação da Lei do Arrendamento Rural**. Esta manifestação conta também com o apoio do MARN (Movimento de Agricultores Rendeiros do Norte-Secção da Beira).

Por outro lado, no mesmo dia e com o mesmo objectivo decorre uma manifestação em Braga promovida pelo MARN, que a propósito divulgou um comunicado onde assinala «o nascimento da grande esperança de milhares de agricultores rendeiros (cerca de 300 mil explorações agrícolas existentes) que têm vindo debaixo da miséria e da exploração».

O MARN afirma que a «lei do Arrendamento Rural é o 25 de Abril dos rendeiros e de muitos outros agricultores». No entanto sublinha-se, no documento que «infelizmente, a actividade dos parasitas, dos absentistas ricos e da CAP contando com a passividade das entidades oficiais, têm impedido a aplicação geral da lei». No comunicado depois de se salientar que a Lei em vigor tinha contribuído para um aumento da produção nacional de gado, cereais e outras culturas» faz-se um apelo ao Governo e a todos os rendeiros para que defendam a Lei».

Morreu Jaime Mourão-Ferreira

Faleceu ontem, vítima de doença súbita, no Rio de Janeiro, onde desempenhava funções de adido de Imprensa do Consulado Português naquela cidade, Jaime Mourão-Ferreira, que se dedicou, entre nós, ao jornalismo, e a técnicas de publicidade e relações públicas.

Jaime Alberto Mourão Ferreira era irmão do actual secretário de Estado da Cultura, David Mourão-Ferreira, e casado com D. Coline Laporte Mourão-Ferreira. Era pai do estudante Jaime Antônio Mourão-Ferreira.

Tendo frequentado a Faculdade de Letras de Lisboa, Jaime Mourão-Ferreira começou por dedicar-se à prática de várias modalidades desportivas e ao jornalismo da especialidade.

Viveu no Rio de Janeiro de 1956 a 1960 e aí se especializou em técnicas de publicidade e relações públicas, havendo dirigido, depois, em Lisboa, duas agências especialistas nesse ramo.

Foi também ocasionalmente empresário de espectáculos musiciais, sobretudo de música ligeira brasileira e espanhola, devendo-se-lhe as primeiras apresentações, entre nós, de artistas como Vinicius de Moraes, Chico Buarque de Holanda, Baden Powell, Edu Lobo, Manolo Dias.

Jaime Mourão-Ferreira

Depois do 25 de Abril de 1974, voltou a residir no Rio de Janeiro, mas desta vez, com funções oficiais. Era, actualmente, adido de Imprensa do Consulado de Portugal no Rio.

O corpo saiu do Rio de Janeiro na madrugada de hoje, realizando-se o funeral amanhã, às 10.30, da Igreja de S. João de Brito para o cemitério dos Prazeres.

À família enlutada, o «Diário de Lisboa» apresenta condolências.

ARTES PLÁSTICAS

EXPOSIÇÃO DE A. CARNEIRO

Na Galeria Quadrum (à Rua Alberto Oliveira, 52) foi inaurada uma exposição de pintura de Alberto Carneiro, intitulada «Trajecto de um corpo — 1975/77». Este artista esteve representado na Bienal de Veneza, no ano transacto.

A. BERARDO EM LEIRIA

A Comissão Regional de Turismo de Leiria inaugura hoje na sua galeria, uma exposição de óleos e aguarelas do artista Alberto Berardo. A mostra, que integra 41 obras, estará aberta até ao fim deste mês.

C.C.T. dos Jornalistas publica-se no dia 22

A publicação do CCT dos jornalistas, no boletim do Ministério do Trabalho, foi mais uma vez adiada. Como já noticiámos entraves burocráticos têm impedido que isso aconteça mas na reunião que os representantes dos jornalistas tiveram com o director-geral do Trabalho este garantiu que o CCT seria publicado ontem, caso não surgisse qualquer impedimento.

Entretanto o presidente do Sindicato dos Jornalistas Cáceres Monteiro, ao ser informado deste atraso, manifestou a sua apreensão afirmando que iria encetar as diligências necessárias ao esclarecimento da situação. Por outro lado o director-geral do Trabalho esclareceu que a publicação do CCT não se fizera devido ao facto de ainda não ter sido possível a efectivação duma reunião entre o Ministério do Trabalho e a Secretaria de Estado da Comunicccação Social, anteriormente estabelecida.

De acordo com as declarações do director-geral do Ministério do Trabalho a referida reunião realiza-se na segunda-feira, pelo que no boletim do dia 22 já deverá sair o CCT dos jornalistas.

O director da Escola de Fisioterapia de Madrid no decorrer da conferência sobre a formação de cegos terapêutas

A Fisioterapia oferece um amplo campo de reabilitação para cegos

O director da Escola de Fisioterapia de Madrid, José Gonzales Nieto, proferiu ontem à tarde uma conferência, no Auditório II da Gulbenkian, sobre o trabalho desenvolvido naquela escola pelos alunos cegos. Aquele director, ele próprio cego, ilustrou a sua exposição com diapositivos que demonstram a integração dos deficientes no campo da Fisioterapia.

A vinda do professor ao nosso país foi uma iniciativa da Associação Portuguesa de Deficientes, Liga de Cegos João de Deus, Associação Luís Braille e Fundação Raquel e Martin Sain. O objectivo principal desta deslocação destina-se a criar entre nós um clima de sensibilização para que de futuro se possam desenvolver em Portugal condições que permitam obter no campo da Fisioterapia uma hipótese de integração social para cegos.

Embora a profissão de fisioterapêuta seja relativamente recente em todo o mundo, começou a exercer-se sobretudo a partir da 1.ª Guerra Mundial, existem em vários países da Europa escolas destinadas especialmente à preparação dos cegos. A escola de Madrid a que nos referimos está integrada na Organização Nacional de Cegos de Espanha (O.N.C.E.), e foi inaugurada em 1967 sendo os alunos na sua maioria cegos ou afectados por graves problemas de visão. Embora em Espanha existam outras seis escolas de Fisioterapia, os alunos da O.N.C.E. não desfrutam de qualquer privilégio quanto à competência exigida nos exames finais.

A Escola de Fisioterapia de Madrid tem carácter oficial e no fim dos estudos os participantes obtêm o título de profissional atribuído pelo Ministério de Educação e Ciência. Normalmente a colocação surge num dos departamentos ou serviços de reabilitação dependentes da Segurança Social embora haja cegos que trabalhem em clínicas privadas de Companhias de Seguros e outras empresas sendo a colocação obtida num curto espaço de tempo.

SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE BEJA

Avenida Vasco da Gama, 17 — Telef. 2 41 41/5 — BEJA

AVISO

Avisam-se eventuais interessados de que, pelo espaço de 15 dias a contar da data deste aviso, serão aceites requerimentos para preenchimento de vagas da categoria de :

ESCRITURÁRIO - DACTILOGRAFO/ESCRITURÁRIO nas seguintes Unidades Médico-Sociais :

Albernoa	Panoias	S. Marcos da Ataboeira
Alfundão	Povoa de S. Miguel	S. Martinho das Amoreiras
Baleizão	Quintos	S. Matias
Brinches	Relíquias	Vale de Santiago
Colos	Salvada	Vale de Vargo
Entradas	Santa Luzia	Vila Verde de Ficalho
Garvão	Santana da Serra	
Gomes Aires	Santo Aleixo da Restauração	
Mombeja	Santo Amador	
Odmira	S. João de Negrilhos	

Os interessados, habilitados com o curso geral dos liceus ou equivalente, devem apresentar dentro do referido prazo, na sede desta Caixa de Previdência os seus requerimentos, elaborados em papel azul de 25 linhas com a indicação dos elementos seguintes : nome completo, idade, estado, habilitações literárias, residência e localidades por ordem de preferência.

Beja, 15 de Abril de 1977

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

PORTO CABRAL

o sabor da tradição

distribuidores : SERAFIM CABRAL LDA.
AV. INFANTE SANTO lote B Nº23-6ºB LISBOA
TELEF 675689, 664185, 605341 TELEX 13361 P

PUB

A TODOS OS TRABALHADORES RODOVIÁRIOS

Em reunião plenária com todos os Sindicatos dos Rodoviários e os Sindicatos outorgantes do C.C.T.T. para o sector Rodoviário a fim de analisar a crise levantada pela R.N. e o governo pela não saída da P.R.T. e o não pagamento dos retroactivos por parte da R.N.

Propõe-se:

— Considerando que a R.N. e o governo pretendem enganar os trabalhadores empurrando-os para situações que possam provocar atitudes desestabilizadoras:
— Considerando que os Sindicatos negociaram com a Rodoviária Nacional e o governo o A.C.T.V. da R.N. bem como o vínculo do compromisso da saída da respectiva Portaria, extensiva a todos os trabalhadores rodoviários:
— Considerando que o governo ao assinar tais documentos de grande responsabilidade deveria ter em conta a possibilidade e a capacidade da aplicação do seu cumprimento, pois governo que assina e não cumpre não pode merecer a confiança dos trabalhadores:
— Considerando que a reestruturação do sector pedida há mais de dois anos pelos trabalhadores ainda não foi feita e que é fundamental para a resolução da grave situação económica:
— Considerando que a política do governo na admissão de dezenas de engenheiros e doutores, com salários superiores a 20 e 30 contos é a forma de poderem ter na mão os sectores «chave» da Rodoviária para a poderem sabotar:

DECIDEM:

1. Realizar uma Conferência de Imprensa para desmascarar as manobras da R.N. e do governo, que se preparam para entregar as empresas aos ex-patrões reaccionários em prejuízo de todos os trabalhadores deste país:
2. Pedir uma entrevista ao Presidente da República para expor a gravidade da situação.
3. A luta de todos os trabalhadores rodoviários é pela saída da Portaria e pelo pagamento dos retroactivos até ao dia 30 de Abril/77:
4. Se até ao dia 30 de Abril/77, não for garantido o cumprimento do que atrás se expõe, entrarão em formas de luta deliberadas neste plenário de Sindicatos, que serão as seguintes:

— Nos dias 4-5-6/5/77 não fazer quaisquer horas extraordinárias:
— Nos dias 7-8/5/77 paralisação total:
— Nos dias de paralisação, serão feitos plenários, para discussão da situação e decisão de novas formas de luta a levar à prática a partir do dia 9/5/77.

Esta proposta será levada aos trabalhadores para apreciação e ratificação, embora tenha sido aprovada neste plenário por unanimidade.

Lisboa, 15 de Abril de 1977

Pelo Plenário

(assinaturas ilegíveis)

BIOSAÚDE

CHÁ N.º 45 ANTI-FUMO

(PRODUTOS BIOSAÚDE)

LISBOA PORTUGAL

CONTRA O VÍCIO DE FUMAR

Maneira de preparar a posologia: 3 colheres de sopa das plantas para 1 litro de água mineromedicinal, pôr a ferver 5 minutos, deixar 1 hora de infusão, e tomar 3 chávenas por dia, 1 hora antes das refeições.

ESTAMOS AO VOSSO DISPOR PARA QUALQUER REGIME DE ALIMENTAÇÃO — CONSULTE-NOS

Pedidos a BIOSAÚDE
BIOLOGIA ALIMENTAR, LDA.
ALIMENTAÇÃO RACIONAL

Rua dos Anjos, 80-3.º, Letra E — Tel. 539208-554683
Rua Professor Sousa da Câmara, 197-A — T. 654751

ENVIA-SE A COBRANÇA PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS

EXTERNATOS

MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21 / 83 46 58

ALVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) Tel. 70 69 74 / 5

PREPARATÓRIO-LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)

ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

SABIOL, GLAXO, LILLY

Multinacionais do sector farmacêutico apostadas na divisão

Recente moção aprovada em reunião geral de sócios do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos chamava a atenção para os processos de intimidação, o fomentar do divisionismo, os despedimentos e as ameaças que têm sido constantes como forma de complementar a acção de boicote às negociações do Contrato Colectivo de Trabalho, por parte das entidades empresariais. Todo um conjunto de técnicas em que, sobretudo, as multinacionais do sector se têm revelado exímias, têm sido desafio permanente aos trabalhadores que, resolutamente, se opõem a todos os atropelos ao consignado no contrato colectivo ainda em vigor (de há muito ultrapassado pelas condições de vida que dia a dia se agravam) e que lutam apenas pelos seus direitos, quando pretendem ver, preto no branco, um novo contrato «justo».

Casos exemplares do que atrás fica dito serão o da Sabiol (Sociedade Agro-Biológica, Lda.), empresa armazenista ligada à venda de produtos (das multinacionais) para o sector veterinário; o da Glaxo Farmacêutica, multinacional com a casa-mãe em Londres e dependente, em Portugal, da sua ramificação belga, e o da Lilly — Farmoquímica Indiana, dependente da ramificação espanhola da multinacional com o mesmo nome, com sede nos E.U.A.

SABIOL

. Na Sabiol, o trabalhador e delegado sindical António Boavida recebeu recentemente ordem de despedimento. O sindicato imediatamente denunciou como arbitrário e correspondente a mais uma violência patronal este despedimento. Propõe-se, por isso, utilizar todos os meios ao seu alcance por forma a que seja feita justiça e o trabalhador seja reintegrado na empresa.

Não foi este, porém, o primeiro trabalhador vítima da alegada arbitrariedade patronal: em Dezembro do ano passado, o sócio-gerente Vítor Cordeiro resolveu despedir outro trabalhador pelo simples facto de este, manifestando dúvidas quanto aos lucros apresentados pela empresa, ter procurado que eles fossem debatidos em plenário.

A partir daqui foi iniciada a campanha contra o delegado sindical, cuja actuação se teria limitado à exigência do cumprimento do CCT ainda em vigor. A gerência, no entanto, considerou que a actividade do sindicalista estava a levar a empresa à ruina. Assim se abriu — conforme o Sindicato — o processo que culminaria no seu despedimento. Este foi precedido de larga campanha contra o sindicato e os sindicalistas alimentada pelos patrões, apostados em «dividir para reinar».

«Confundir os trabalhadores é a técnica deles» — comentário de um dos intervenientes na conversa que tivemos com dirigentes e delegados sindicais do sector farmacêutico.

GLAXO

Na Glaxo Farmacêutica haverá, ao que nos afirmaram, uma antiga e arreigada alergia a tudo o que cheire a contratação colectiva, por parte do director-gerente, sr. Robert Thian. De assinalar que este senhor faz parte da comissão patronal negociadora do novo Contrato Colectivo, a qual, à quarta sessão de trabalho, rompeu as negociações.

O citado director-gerente moveu, há tempos, um inquérito a toda a equipa de vendas, a pretexto das notas de despesa de transportes apresentadas por aqueles que vivem fora das cidades-sede das delegações da empresa: Lisboa, Porto e Coimbra. Trata-se de um direito contemplado no contrato em vigor, cujos beneficiários, na Glaxo, apenas começaram a reivindicar em Fevereiro do ano passado. Curiosamente, o inquérito só apareceu em Novembro. Dele resultou a instauração de processos disciplinares aos delegados de propaganda médica de Lisboa — nove. Um deles sublinha-nos o facto de apenas um, precisamente o chefe da secção de propaganda médica não ter sido ilibado. «Isto apesar de todos terem respondido ao inquérito da mesma maneira, de não ter havido discrepâncias».

A razão próxima de tudo isto?

. «O sr. Thian tinha preparado um plano de acção para o corrente sem nos consultar. Incluía nesse plano visitas de propaganda médica aos hospitais, a realizar por equipas de 4 pessoas. Quanto a nós, isto equivaleria ao regresso à «visita acompanhada», prática que a classe conseguiu abolir. De há muito que o propagandista actua sem o supervisor (o «fiscal», ou «inspector», na gíria da classe). Com as equipas de 4 passaria, claro, a haver quatro vendedores e um supervisor. Dissemos-lhes que não. Que não admitíamos decisões tomadas nas nossas costas, sobretudo quando elas atentam contra o que está contratado».

É longa aliás, e não cabe neste breve espaço, a histórica que nos contaram, dos atentados à contratação colectiva cometidos pelo senhor Thian, desde que, em 1972, instalou em Portugal a Glaxo, tirando a representação à revendedora que aquela multinacional tinha em Portual. O referido senhor chegou a estabelecer um contrato próprio com os trabalhadores, os quais, embora com algumas flutuações, sempre se opuseram ao desempenho de actividades que feriam a própria deontologia profissional. O caso recente das «equipas de quatro» é por eles considerado também como sendo uma forma de concorrência desleal.

Neste momento, o que sobretudo se estará a passar de grave consiste nas manobras divisionistas, pelos convites, pelas promessas de bónus, pelas técnicas de opor trabalhadores dos escritórios aos das vendas, trabalhadores de Lisboa aos das delegações. Tais manobras estariam evidenciadas em todo o processo do inquérito, depois nos processos disciplinares em que toda a gente foi ilibida menos o chefe de vendas, que se opôs, com o apoio, em certa altura, de todos os trabalhadores do sector, às intenções do patrão, lesivas dos direitos reconhecidos por lei a quem trabalha.

E agora?

«Agora está à vista mais um processo de despedimento» — diz-nos o visado, o chefe de vendas «As ameaças de despedimento são uma forma de chantagem que certos patrões utilizam muito. O tribunal depois dirá».

LILLY

O tribunal dirá, mas quando? Vejamos o caso da Lilly — Farmoquímica Indiana. Treze trabalhadores desta multinacional receberam da administração, em Abril do ano passado, uma declaração de «intenção de despedimento». Os (em intenção) despedidos elaboraram um processo de refutação às alegações apresentadas pela entidade patronal, que entregaram na Secretaria de Estado do Emprego.

Em 20 de Julho, data que a «intenção de despedimentos» considerava como limite da actividade para os trabalhadores em causa, é recebida, na empresa, uma dilação do prazo por 30 dias.

Em fins de Agosto, proveniente da Secretaria de Estado do Emprego é recebida na empresa um despacho proibindo a cessação dos contratos de trabalho.

No entanto, em claro desafio ao Governo, os «treze» receberam apenas os vencimentos até ao dia 19 do mesmo mês. De então para cá, nem mais um tostão.

E vocês?

. «Não sabemos sequer qual é a nossa situação. A empresa não nos reconhece como trabalhadores. E o facto é que, por via do despacho nos não podemos considerar desempregados. Temos andado de Ministério para Ministério, mas é como quem anda de Herodes para Pilatos.

Fomos já ao Primeiro-Ministro, à Presidência da República aos Grupos Parlamentares do PS e do PCP, chegamos a contactar delegados do BIT então em Portugal. Até agora nada.

E o tribunal de Trabalho?

«Isso é que era bom. Têm lá processos aos montões. Até que chegue a nossa vez... As varas que agora foram abertas, só essas, já têm lá processos tanto ou mais atrasados que lhes dão até ao fim do ano, segundo nos disseram. Em todo o lado nos dão imensa razão, mas ninguém até agora fez nada por nós.»

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

SEMANA DE SOLIDARIEDADE COM O POVO BRASILEIRO

O Comitê pró-amnistia geral no Brasil tem vindo a realizar desde o dia 13 do corrente, uma semana de Solidariedade com o Povo Brasileiro conforme quadro que se publica:

Dia	Hora	Local	Colóquio	Actividade Cultural e Artística
16	20	Aula Magna	o Mov. Operário no Brasil	Projecção dos filmes: «Viramundo» e «São Bernardo»
17	16	Aula Magna Reitoria	O Mov. Estudantil no Brasil	Música: Recital Clássico de Vila Lobos
18	20	Aula Magna Reitoria	A cultura Brasileira	Conjunto Caldo de Cana e cantares populares portugueses Teatro: Apresentação da peça «Tiradentes» de Guarnier e Boal
19	21	Pavilhão Desportos		Acto de encerramento da semana

Tendo sentido bem na carne, o que foram 50 anos de Fascismo, com a opressão, a perseguição e a guerra colonial, etc., os trabalhadores e o Povo Português compreendem o que é a luta dos Povos pela sua emancipação e libertação qualquer que seja o quadrante geográfico — político onde se desenvolve.

Desta forma nem os Corpos Gerentes deste Sindicato, nem os trabalhadores aqui associados, podem ficar indiferentes e deixar de apoiar a luta do Povo Brasileiro contra o Fascismo e o Imperialismo Internacional, para libertação dos presos políticos, pelo fim da opressão e da perseguição de que tantos trabalhadores brasileiros são ainda vítimas.

Convidados assim, todos os nossos associados a solidarizarem-se com o Povo Brasileiro nesta **Semana**, não deixando de estar presentes no **Grande Comício dia 19.4.77 no Pavilhão dos Desportos.**

TODOS AO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

Crentes de que, para os irmãos Brasileiros AMANHÃ HÁ-DE SER OUTRO DIA

Lisboa, 15 de Abril de 1977

PELOS CORPOS GERENTES

Ana Paula Lopes Cardoso

MISSA 30.º DIA

Seus pais, irmãos, e amigos, participam que 2.ª feira pelas 8 horas da manhã, se celebra Missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de Camarate.

Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem a assistir a este piedoso acto, e bem assim a todos que o acompanharam à sua última morada.

Direcção do PS formalizou propósitos divisionistas

— comenta o Secretariado da CGTP-IN

«A divisão dos trabalhadores é para o Governo condição essencial para poder entregar as empresas intervencionadas ao patronato sabotador, para fazer aprovar uma lei contra a Reforma Agrária, para defender os interesses das multinacionais (de que são exemplos recentes os despedimentos na Agfa-Gevaert e na Marriot de Portugal), para manter o congelamento de salários e o aumento do custo de vida, para aumentar os despedimentos e para intensificar a exploração desenfreada dos trabalhadores»

Isto afirma o secretariado da CGTP-Intersindical Nacional, comentando as decisões recentemente tomadas pelos órgãos dirigentes do P.S. quanto à linha sindical deste partido. Recorde-se que, na sequência de uma reunião efectuada na quarta-feira a Comissão Directiva e o Secretariado Nacional do P.S. haviam decidido apoiar formalmente o «movimento» da Carta Aberta, condenar a participação de socialistas no movimento sindical unitário, e incentivar a criação de sindicatos paralelos, nomeadamente no sector do trabalho assalariado rural.

«Para um Governo que assumiu poderes certamente do voto de grande número de trabalhadores seria legítimo esperar uma clara política de defesa dos interesses dos trabalhadores, encontrada no diálogo permanente com as suas organizações de classe. O Congresso de Todos os Sindicatoss e os plenários da CGTP-IN têm reafirmado os propósitos de encontrar com os órgãos do poder as soluções possíveis e adequadas para resolver os graves problemas que o País defronta no campo económico e social. O Governo rejeitou esta alternativa, escolhendo o pior caminho: o de hostilizar sistematicamente os trabalhadores e as suas organizações de classe», denuncia o secretariado da central sindical.

As decisões tomadas pelos dirigentes do P.S. «constituem a concretização formal das intenções que sempre os nortearam de dividir o Movimento Sindical», avultando desse modo a razão das advertências feitas ao longo do tempo pela central sindical «a propósito dos falsos dilemas levantados pelos dirigentes do P.S., com o apoio de toda a direita (como por exemplo, «unidade-unicidade», «Inter-Carta Aberta»), que dizia que o que estava por detrás dessas manobras era o objectivo de dividir os trabalhadores e as suas organizações de classe utilizando palavras que lhe são caras, como democracia, independência, liberdade e unidade» — lê-se ainda no comunicado que nos fez chegar a Confederação Geral dos Trabalhadores.

«Tendo os partidos políticos a possibilidade de se pronunciar sobre o Movimento Sindical, tal não pode confundir-se com o direito de ingerirem directa e inequivocamente na organização sindical, cuja orientação só aos trabalhadores compete determinar». Ora, segundo a CGTP-IN, as decisões agora tomadas desmentem as afirmações dos dirigentes do P.S. de não ingerência na vida sindical, facilmente constatável se nos lembrarmos que o PS é o Partido do Governo e o comunicado final da reunião de quarta-feira foi subscrito pelo seu secretário-geral, que também é o Primeiro-Ministro.

Prossegue a CGTP-Intersindical:

. No contexto das decisões contidas no comunicado da reunião dos órgãos directivos do P.S., a afirmação de que irá propor, através do grupo parlamentar do P.S. «legislação reguladora da actividade sindical», e tendo em conta os seus conceitos de democracia, devem os trabalhadores concluir que o Governo tentará limitar os direitos e liberdades adquiridas pelos trabalhadores após o 25 de Abril indo assim de encontro aos desejos dos partidos da direita.

«O recrudescimento da ofensiva contra a unidade do Movimento Sindical e as decisões a que temos vindo a fazer referência têm significados políticos muito concretos. Elas vêm demonstrar as afirmações da CGTP-IN, quando disse que o Governo, utiliza as palavras «diálogo» e «concertação» como mero expediente táctico para confundir a opinião pública, porquanto a sua estratégia de desenvolvimento económico está assente em princípios de subordinação aos interesses do grande capital e do imperialismo, a cuja concretização se tem oposto a unidade dos trabalhadores e do Movimento Sindical.»

. A central sindical, por outro lado, infirma acusações feitas pelo P.S., que põem em causa a democracia e representatividade do Movimento Sindical. Mostra a realidade que as eleições sindicais (mais de meio milhar após o 25 de Abril), a forma de eleição e a constituição do secretariado da CGTP-IN, e o modo de funcionamento da central sindical, se opõem frontalmente a esse ponto de vista.

«Os trabalhadores sabem que os estatutos da sua confederação permitem a participação nos seus órgãos delibetativos de todos os sindicatos independentemente de estarem ou não nela filiados. Os trabalhadores sabem que em toda a estrutura do Movimento Sindical pode participar qualquer trabalhador independentemente da sua ideologia. Esta é uma realidade confirmada pela própria direcção do P.S. quando afirma reprovar a participação de socialistas, nomeadamente dos que se reclamam de filiação no P.S., no movimento sindical organizado na Inter-CGTP» — acrescenta o comunicado da central sindical.

Num ponto o secretariado da CGTP-IN dá razão aos dirigentes do P.S.: quando eles afirmam que ainda não há condições para criar uma segunda central sindical, paralela. «Essa verdade é mérito total de grande consciência de classe dos trabalhadores e dos seus sentimentos unitários, e serão estes factores a obstar, mais uma vez, à ofensiva divisionista».

NOTA OFICIOSA

Paralisações no BPA

É o seguinte o texto da nota oficiosa divulgada pelo Ministério das Finanças sobre o conflito do B.P.A.:

«Acerca da perturbação verificada no normal funcionamento do Banco Português do Atlântico e das razões invocadas para a justificar, entende o Ministério das Finanças ser seu dever tornar público o seguinte esclarecimento:

«Por deliberação de 16.2.77, o conselho de gestão do Banco Totta & Açores decidiu proceder a aumentos salariais, com retroactividade desde 1.7.76. Esta deliberação, tomada e começada a executar sem consentimento do então secretário de Estado do Tesouro, contrariou frontalmente um despacho normativo do mesmo secretário de Estado, de 26.10.76. Por aplicação desta deliberação ilegal foram pagos no Banco Totta & Açores novos salários no mês de Março de 1977, acompanhados das importâncias correspondentes a um ano de retroactivos (1976).

2. Sendo a situação dos trabalhadores do Banco Português do Atlântico desfavorável, no tocante a remunerações, relativamente ao pessoal de outras instituições de crédito nacionalizadas, o respectivo Conselho de Gestão informou o então secretário de Estado do Tesouro da deliberação de, face à actuação do Banco Totta & Açores, aumentar os vencimentos dos seus trabalhadores, com retroactividade a partir de 1 de Março de 1976.

3. Os aumentos salariais, executados ou anunciados, foram alvo de repúdio das direcções sindicais, em virtude de estar a negociar-se novo contrato colectivo de trabalho, única sede adequada para analisar e resolver o problema gerado pelas desigualdades existentes.

4. Na sequência destes factos, o então secretário de Estado do Tesouro confirmou, por despacho, a ineficácia das referidas alterações às tabelas salariais e determinou que os retroactivos indevidamente pagos serão levados em conta quando da aplicação do novo CCT.

5. A despeito, da clareza do supramencionado despacho do secretário de Estado do Tesouro, cuja coutrina foi verbalmente reafirmada, o Conselho de Gestão do Banco Totta & Açores permitiu que fossem distribuídos os retroactivos, correspondentes a Janeiro e Fevereiro de 1977. O acatamento pelo Conselho de Gestão do Banco Português do Atlântico das directivas governamentais foi tomado como pretexto para um processo de paralização de trabalho, parcial e progressivo, neste Banco.

6. Sendo estes os factos, o Conselho de Ministros resolveu: a) Exonerar, por violação de normas legais e regulamentares, todos os membros do Conselho de Gestão do Banco Totta & Açores, que, entretanto, apresentaram o seu pedido de demissão; b) Declarar nulas, por ilegalidade, as deliberações de elevação salarial e de pagamento de retroactivos tomadas pelo Conselho de Gestão do Banco Totta & Açores e do Banco Português do Atlântico, e executadas apenas no primeiro, com o efeito necessário de reposição das importancias recebidas a esse título. Esta reposição far-se-á mediante dedução nas melhorias salariais que forem devidas a partir de 1 de Janeiro de 1977, por força do novo contrato colectivo de trabalho.

7. No respeitante à situação verificada no Banco Português do Atlântico, e considerando: Que está substancialmente removida a mais flagrante e recente manifestação de desigualdade de tratamento, relativamente ao pessoal de outras instituições bancárias; que após a tomada de posse do Governo Constitucional não se tinham produzido actuações isoladas e descoordenadas, eventualmente geradoras de injustiças relativas; que não é manifestamente possível reparar todas as injustiças relativas verificadas no passado, quer no tratamento dos trabalhadores bancários entre si, quer na situação destes perante muitos outros sectores do trabalho, flagrantemente mais desfavorecidos; que a sede própria para correcção de desigualdades é o novo contrato colectivo de trabalho, com efeitos, no tocante à tabela salarial, a partir de 1.1.77.

O ministro das Finanças, em execução de orientação recebida do Conselho de Ministros, determina que, se as paralisações de trabalho não cessarem até segunda-feira, dia 18 de Abril, serão tomadas as medidas legais adequadas incluindo a requisição civil, nos termos do Decreto-Lei n. 637/74 de 20 de Novembro com vista à defesa dos superiores interesses do público e da economia nacional».

Gráficos mantêm direcção unitária

. Cerca de 70 por cento dos sufrágios expressos deram ontem a vitória à lista «A», unitária, nas eleições para os corpos gerentes dos Sindicatos dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes.

Segundo dados provisórios divulgados pela Anop, a lista «A» obteve 3041 votos (69,6 por cento), a lista «B» 1090 (24,9 por cento) e a lista «C», 295 (5,3 por cento), no decurso de um escrutínio que contou com razoável afluência (cerca de 48 por cento).

A lista «A» venceu em todas as mesas de voto, excepto no Funchal, onde ganhou a lista «B», e no Montijo (empatou com a «B»)

EM AVEIRO

Quatro listas nos Escritórios e Comércio

Quatro listas concorrem às eleições que estão a decorrer para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório e do Comércio do Distrito de Aveiro.

«Por um Sindicato democrático e livre — pela prática de um Sindicalismo Reformista» é a sigla da lista A, conotada com o P.S.D.; «Por um Sindicato Democrático e Independente em Defesa de Todos os trabalhadores» é o lema da lista B, afecta ao P.S.; a lista C, identificada com os Gdups, é «Por um Sindicato ao serviço dos Trabalhadores»; quanto à lista D, unitária de esquerda, concorre «Por um Sindicalismo apostado numa Opção de Classe».

ELEIÇÕES AMANHÃ

Lista B dos estivadores pela garantia de emprego

«Que as próximas eleições sejam o início de um sindicato democrático é a razão forte que nos leva a participar. Para que o **novo** Sindicato dos Estivadores surja, é necessário que não seja só a direcção a intervir. É fundamental que todos os estivadores, do mais novo ao mais idoso, participem, esclareçam e sejam esclarecidos sobre as actividades e problemas sindicais.»

. Estas são as palavras com que a lista B, candidata às eleições para o Sindicato dos Estivadores do Porto de Lisboa e do Centro de Portugal, abre o seu «Programa de Acção».

O acto eleitoral terá lugar já amanhã, domingo, havendo como alternativa aos votantes a lista «A», apresentada pela actual Direcção, alvo aliás de acerbas críticas por largos sectores da classe. Integram esta lista, precisamente, os elementos dos corpos gerentes em exercício.

A lista «B» propõe-se, nomeadamente, proceder à alteração dos Estatutos, de modo a que seja possível regulamentar a colocação, acabar com atropelos indisciplina na Casa do Conto e conseguir, finalmente, a garantia de emprego, «como forma de dignificação do trabalhador, sua libertação para o convívio familiar e vida em sociedade».

Outros objectivos apontados no Programa de Acção referem-se ao abaixamento da idade de reforma para 55 anos, atendendo «aos rigores e penosidade da profissão»; resolver satisfatoriamente a reforma de todos os sócios idosos; activar o desenvolvimentto da Federação dos Trabalhadores Portuários e lutar pela criação da Escola Portuária de Formação Profissional.

Em conferência de Imprensa, José Augusto Pires, que encabeça a lista para a Direcção, afirmou concretamente que a sua lista se propõe resolver três problema da classe que não podem sur vistos isoladamente: reforma, garantia de emprego e distribuição dos trabalhadores. Sobre este último ponto, viria a criticar o actual sistema de recrutamento na Casa do Conto, afirmando que «os trabalhadores não querem concorrer mais ao mercado de escravos, porque a forma como é feito o recrutamento só pode ser classificado assim».

Face ao movimento sindical, conforme foi afirmado, «a posição da lista «B» é de completa independência». Das afirmações produzidas durante a conferência de Imprensa poderá deduzir-se que não terá sido essa a posição da Direcção em exercício. Esta foi acusada, nomeadamente, de não obedecer às decisões da classe e de fechar o sindicato «para si e para os seus amigos».

MADEIRA

Ocupado o Sindicato da Indústria de Hotelaria

Cerca das 16 horas de ontem, um grupo de sócios e directores dissidentes ocuparam as instalações do Sindicato da Indústria de Hotelaria no Funchal.

Após a ocupação, foi nomeada uma Comissão «Ad hoc», mudadas as fechaduras das portas e avisado o Secretário Regional do Trabalho.

Recorda-se que o sector engloba cinco mil profissionais. Qualquer crise neste momento é considerada particularmente grave, já que a Madeira atravessa um dos pontos mais altos de sempre no seu movimento turístico.

BORDADOS E TAPEÇARIAS PREPARAM GREVE

Após a realização de um plenário, na última quinta-feira, os trabalhadores da indústria de bordados e tapeçarias preparam-se para entrar em greve na próxima semana.

A decisão deriva do facto das negociações do seu Contrato Colectivo de Trabalho se arrastarem desde Maio do ano passado. Os trabalhadores, que auferem ainda o ordenado de 3300 escudos pretendiam um aumento de 700 escudos.

Agora, porém, e considerando o aumento do custo de vida, a entidade patronal terá de pagar ordenados de 4500 escudos, com efeitos retroactivos a partir de Janeiro de 1977.

Os trabalhadores deram aos patrões um prazo que expira no próximo dia 21.

Movimento Sindical é tema de seminário

«História do movimento operário desde 1872 a 1974» e «As experiências sindicais depois do 25 de Abril — particularmente a Inter e a Carta Aberta», foram os temas hoje abordados no seminário sobre movimento operário e sindical que se iniciou esta manhã e continua da parte de tarde, no Liceu de Rodrigues de Freitas, desta cidade, organizado pela Associação de Cultura Socialista «Franternidade Operária».

Participaram nos debates, Fernanda Lopes Cardoso, Miriam Halpern Pereira, Kalidás Barreto, César Oliveira, José Luís Gaspar e Luís Cunha Guerra.

Amanhã, no mesmo local, também à tarde e à noite, prosseguem as sessões deste seminário que encerrará com uma discussão colectiva.

Impasse nas madeiras tem intuitos políticos

Membros da comissão negociadora sindical da Federação dos Sindicatos das Indústrias de Madeira denunciaram ontem em conferência de Imprensa realizada no Porto os inúmeros obstáculos que têm sido levantados ao novo CCTV, nomeadamente pelo presidente da comissão ministerial designada para estudar o problema.

Conforme foi afirmado, têm sido rejeitadas por aquela comissão cláusulas já acordadas nas negociações directas. Segundo aqueles dirigentes, esta atitude é a anti-regulamentar, já que para a elaboração da portaria de regulamentação de trabalho a comissão deve apenas debruçar-se sobre a matéria controvertida.

A negociação do novo CCT iniciou-se em Outubro de 1974 tendo enterrado nas questões de ordem económica, casos de salários, horas de trabalho, férias e 13.º mês. O condicionamento recente da conclusão do contrato a um estudo económico veio alongar o impasse.

Para análise da situação e escolha de formas de luta que acelerem a finalização do contrato está prevista a realização de plenários nos vários distritos.

Salientando a discriminação salarial entre grandes empresas apesar da real possibilidade de pagamento das tabelas propostas, os membros da C.N.S. denunciaram os intuitos políticos do impasse presente.

Guarda Republicana a cavalo tamponando um dos acessos à Cidade Universitária em pleno auge da crise

COIMBRA, 17 DE ABRIL DE 1969

A luta dos estuda no sentido do So

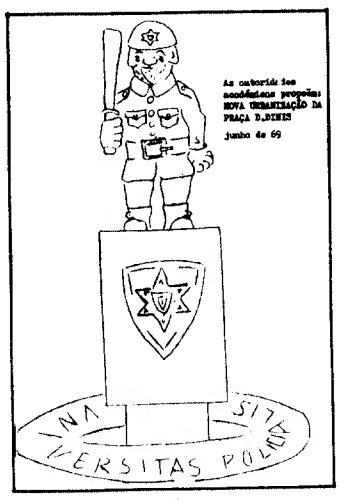
Texto de José Gomes Bandeira

A crise académica, iniciada a 17 de Abril de 1969, na Universidade de Coimbra, quase só permanece na memória daqueles que a viveram. Embora a luta estudantil tenha deixado profundas marcas ma vida da cidade e da academia, a verdade é que pouco ou nada se fez nestes últimos oito anos no sentido de divulgar e analisar o desenvolvimento da crise, nas suas motivações, na originalidade das suas formas de luta, na riqueza e na força das ideias a que aderiram praticamente todos os estudantes e a esmagadora maioria dos professores. Milhares e milhares de páginas se produziram durante esses três meses, constituindo um levantamento bastante profundo da realidade escolar e da sua articulação com a vida do País, com particular relevo para os aspectos políticos a nível pedagógico, cultural e de gestão da Universidade. Esse levantamento resultou, aliás, de um esforço longamente desenvolvido pelos estudantes ao longo de mais de três anos de «comissão administrativa» na A.A.C., e particularmente a partir de 1968. Neste campo tiveram fundamental importância as «repúblicas» de Coimbra onde, nos anos 60, em muitas delas, se iniciou um esforço crítico e cultural interno que muito contribuíu para a modificação do «tradicional» conceito destas casas dos estudantes.

Os textos a partir de Novembro de 1968, com vista às eleições para a direcção da A.A.C., especialmente os dez cadernos (umas 150 páginas) da lista patrocinada pelo «Conselho de República», não podiam, efectivamente, ser pensados e discutidos em poucos dias. Os estudantes tinham consciência de que a Universidade não os servia a eles nem ao País, tornando-se urgente uma reforma estrutural e uma verdadeira democratização do ensino. Num dos textos afirmavam: «Porém, não esquecemos que a democratização do ensino pressupõe toda uma democratização das estruturas sociais, toda uma democratização economico-social sob pena de manutenção ou reforço dos privilégios sociais». No contexto português da altura, num ambiente de reforçada vigilância e repressão nas escolas que se seguiu ao início das guerras coloniais, esta afirmação dos estudantes deixava ainda ver que a sua luta tinha motivações mais profundas e visava algo mais do que a simples universidade. É assim que todo o problema do ensino surgiu sempre inserido na problemática social envolvente, ao mesmo tempo que desde o início da campanhha eleitoral para a direcção da A. A. C., logo após os exames de Outubro de 68, se procurou atingir o máximo de participação de todos os estudantes numa reflexão geral sobre a questão do ensino. Foi possível, portanto, no desenvolver da crise, encontrar uma academia possuidora de informação e conhecimento para saber enfrentar as pressões do governo e das forças policiais, votando maciçamente uma greve a exames.

Três outros aspectos merecem ainda uma referência especial numa aproximação prévia e global da luta de 1969 em Coimbra. Por um lado, a já referida originalidade das formas de luta, por outro, a direcção política do movimento e o seu plano organizativo. O terceiro aspecto foi o avanço do movimento de 69 em relação ao tipo de lutas estudantis portuguesas.

Com efeito, ao mesmotempo que se transpôs para a Universidade uma luta centrada fundamentalmente a nível associativo, ao mesmo tempo que se mudou uma certa linguagem habitual em torno das liberdades de associação, das liberdades públicas, de revogação da legislação circum-escolar, etc, adiantou-se algo mais ao colocar verdadeiramente o problema da função que a universidade tem no sistema capitalista. Apontavam nesse sentido vários textos da campanha eleitoral, enquanto desmontagem da escola como mera reprodutora de conceitos e de meios ao serviço do capitalismo. Deste modo, em termos teóricos, o avanço do movimento de 69 em relação à situação política existente na altura não foi só pôr em questão o papel da universidade, foi ainda o colocar em crise as concepções reformistas e obter apoio, ao nível de toda a academia, para uma estratégia que recusava formas de conciliação.



O importante foi colocar o problema da Universidade em termos de profundo confronto com as estruturas políticas e sociais do capitalismo, procurando despertar uma consciência que apontava para avanços no sentido do socialismo. Toda esta estratégia obrigou a criar formas de luta imaginativamente novas. Assim, a crise de 69 em Coimbra traduz uma resposta ao governo fascista em termos e formas de luta que não encontravam esse mesmo governo preparado para lhes responder, pela simples razão de que não eram as tradicionais e se revelaram assumidas por toda a academia. Daí as hesitações do governo, o uso mais «cauteloso» de certas formas de repressão conhecidas depois de um primeiro ataque brutal em frente à sede da P.I.D.E. na noite de 17 de Abril, as tentativas para iludir o País sobre o que se passava em Coimbra (discurso do ministro Hermano Saraiva, na televisão, em 30 de Abril), a entrega do «caso» à Polícia Judiciária (I), os esforços do Governo para, por um lado, dividir os estudantes na altura dos exames e, por outro, procurar ganhar tempo até às férias do Verão, não tendo tido a coragem de encerrar a Associação Académica senão na altura em que, consumada a greve e abandonada Coimbra, a cidade já quase não tinha estudantes. A unidade e a razão da academia, o apoio a nível nacional e as pressões que, apesar de tudo, o governo teve que enfrentar, retiraram ao regime a capacidade de resposta nos «termos habituais».

Efectivamente, toda a cidade estava com estudantes, porque Coimbra seguiu atentamente o surgir e o desenrolar da crise. O que o governo podia, de algum modo impedir pela censura, não se tornava fácil em Coimbra. E as formas de luta tiveram isso em conta. No dia 3 de Junho, quando a cidade era, desde o dia anterior, uma parada de viaturas militares, com agentes da P.S.P. e forças da G.N.R. a cavalo, os estudantes, em plena paisagem de repressão, percorreram a cidade oferecendo flores às pessoas. Dias maistarde, foi umalargada de balões, de milhares de balhões, na Portagem, que se espalharam pepo céu de toda a cidade. Coimbra sabia o significado destas coisas. Entretanto, a greve a exames continuava a registar adesões de 85 a 90 por cento. Era a resposta dada àquela Universidade, àquele ensino, àquele regime. O governo não podia fazer outra coisa senão ceder.

DIRECÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO

As formas de luta utilizadas em 1969, se eram uma resultante da estratégia geral do Movimento e com ela se articulavam ao pretender retirar ao governo fascista a possibilidade de responder pelo seu método brutal da violência feroz (como o havia feito em 1962, por exemplo), eram também um reflexo, no plano organizativo, da linha e da direcção política do Movimento. A este nível, a crise de 69 em Coimbra foi profundamente rica, inovadora e politicamente pedagógica: traduziu-se numa movimentação de massa profundamente radicalizada face a um regime opressor habituado a reprimir sem contemplações, e demonstrou a possibilidade de retirar consequências práticas importantes de uma luta conduzida com unidade e formas criadoras, assente na consulta e nas decisões da base.

Por este lado, feitas as necessárias correcções históricas de tempo e circunstâncias, o Movimento de «17 de Abril» de 1969 mantém ainda hoje a capacidade de úteis ensinamentos.

A direcção política conseguiu, na altura, não ser pulverizada pelas diversas correntes políticas confrontadas durante a crise. De facto, a direcção não assentava no que poderiamos chamar uma «frente ampla» esboçada em anos enteriores, com várias tendências ou grupos interessados no «assalto» à direcção do Movimento Estudantil. Uma fundamental preocupação foi impedir que, por exemplo, as «juntas de delegados» e outras estruturas e grupos minoritários que gravitavam em torno de alguns «associativos» conquistassem uma autonomia completa, que levaria, na direcção do Movi-

Centenas de desenhos su

Os escritores ao lado dos estudantes

Voluntariamente ou respondendo a solicitações da academia em luta, em 1969, muitos escritores, intelectuais e artistas enviaram livros e mensagens de apoio e encorajamento. Alguns nomes: Vitorino Magalhães Godinho, António Gedeão, Armando Castro, José Fernandes Fafe, João José Cochofel, Augusto da Costa Dias, Eduardo Guerra, Luís de Carvalho e Oliveira, José Tengarrinha, Sérgio Ribeiro, Fernando Lopes Graça, Manuel Rodrigues Lapa, Miguel Torga, José Gomes Ferreira, Alexandre Cabral, Faure da Rosa, Santos Simões, Mário Braga, Francisco Salgado Zenha, António Borges Coelho, Prof. Paulo Quintela, José Cardoso Pires, etc. Os dois últimos deixaram mensagens especiais nas dedicatórias dos livros oferecidos. José Cardoso Pires escreveu na abertura do seu livro «Cartilha do Marialva»: «onde se fala do paternalismo como expressão do autoritarismo — saudações à contestação que lhe é feita pela autêntica Universidade»; no «Anjo Ancorado»: «Aqui, neste nosso cerco de Bizâncio, uma saudação calorosa à juventude de Coimbra que o conseguiu romper»; em «O Delfim»: «Com a razão e a flor — 1969, ano da contestação universitária de Coimbra».

Na «inauguração» do novo edifício da Secção de Matemática: um desfile militar. A Universidade está do lado de lá, com cartazes

O presidente da Associação Académica, na sessão inaugural, pede para falar em nome dos estudantes

O momento em que o então recusa a palavra ao repr

...ntes apontava ...cialismo

Fotos do Arquivo / "D.L."

...mento, ao oportunismo mais ...grosseiro e ao constante e es...téril confronto de opiniões e ...decisões dessas mesmas Jun...tas, cuja representatividade ...não se via com clareza.

Com base na unicidade da Associação Académica e, depois, através de estruturas intermédias, foi possível manter a coesão não só ao nível do aparelho dirigente nas ainda ao nível da massa estudantil e, na verdade, nas Assembleias (quase diárias e com muitos milhares de estudantes) o apoio à Direcção-Geral e à sua linha política foi uma constante. O que se pretendia, no fundo, era que as «Juntas de Delegados» e outros oportunistas intermédios funcionassem como bastião de ataque à direcção central do Movimento. Por isso o plano organizativo foi assente numa necessária descentralização e democracia, obrigando a que as correntes e as «órbitas» minoritárias tivessem que se apresentar e submeter à maioria perante a massa estudantil (Assembleias) e perante a direcção do Movimento (reuniões das «Juntas» com a Direcção-Geral da A.A.C.).

A Direcção-Geral, com efeito, defendia que fosse a própria dinâmica da luta a criar e a vivificar, em função da estratégia do movimento claramente esposta (estratégia que era, mal disfarçadamente, o alvo final das falsas estruturas de curso), que fosse a dinâmica da luta a criar e a vivificar, diziamos, toda uma quantidade de pequenos núcleos de discussão e participação. Fizeram-se, assim, inúmeras reuniões, zona por zona, por vezes casa por casa onde havia estudantes, potenciando o máximo de forças existentes no Movimento ao mesmo tempo que a Direcção-Geral efectuava reuniões com organismos autónomos, «Repúblicas», Secções Culturais da A.A.C., estruturas de curso, etc. Existia — por outro lado — em torno da Direcção-Geral um órgão global de direcção política, com algumas dezenas de estudantes, que funcionava como germe de muma direcção política mais ampla.

Acrescente-se, todavia, que o Movimento do «17 de Abril» de 1969 enfrentou contradições insuperáveis, desde logo pelo facto de o Movimento Estudantil (nos anos 60, como ainda agora) não possuir, como facilmente se vê uma alternativa autónoma. Na altura o problema tornava-se particularmente agudo: não havia estruturas políticas que suportassem a estratégia proposta a nível estudantil, que colocasse o derrubamento do fascismo numa perspectiva de derrube do capitalismo. Mas esse condicionalismo teve a ver com toda uma situação envolvente e ainda com as características sociológicas duma cidade como Coimbra. Tratou-se, no fundo, de uma objecção fundamental e nem sequer, a seguir, a estratégia proposta em 69 foi assumida na continuação da luta pela classe estudantil, profundamente dividida, a nível nacional, pelo confronto de linhas teóricas desligadas da realidade. Já não falando na incompreensão da luta de Coimbra por parte de outros sectores universitários do País.

A CRISE E A REPRESSÃO

Apesar das cedências e da cautelada actuação a que o Movimento de 69 forçou o Governo, a verdade é que a profundidade e o alcance do trabalho desenvolvido na A.A.C. não podiam deixá-lo indiferente por muito tempo. Com as eleições, em 12 de Fevereiro, a lista patrocinada pelo «Conselho de Repúblicas» alcançou uma vitória sem precedentes contra uma lista claramente de direita patrocinada... pelo então vice-reitor Miranda Barbosa. Seguiu-se um período de intensa actividade cultural e associativa nas diversas Secções da A.A.C. (Teatro, Cinema, Estudos Literários, Económicos, Sociológicos e Históricos, Fotografia, Rádio, Música, Biblioteca, etc.), com dezenas de actividades programadas e levadas a cabo.

Armando Castro, Vítor de Sá, Sérgio Ribeiro, Eduardo Guerra, Joaquim Namorado, Augusto da Costa Dias e outros participaram em debates e estudos promovidos pelos estudantes. Tais actividades eram, podia dizer-se, a parte mais rica e criadora dos alunos como elementos que frequentavam uma Universidade. A A.A.C. fazia o que à Universidade fossilizada era impossível fazer.

Defendendo a participação em todos os actos da vida da escola, a Direcção da A.A.C. pediu à reitoria que o seu presidente falasse na inauguração do novo edifício da Secção de Matemática. A recusa acabou por motivar novo pedido nesse sentido durante a própria cerimónia inaugural. A nova recusa origina um conflito (abandono da sala pelas autoridades), seguindo-se o protesto veemente dos estudantes. Nessa noite o presidente da A.A.C., Alberto Martins, foi preso pela Pide. O reitor recusou-se a receber a Direcção e cerca das 3 horas da madrugada do dia 18 a Pide e a Polícia de choque carregaram brutalmente sobre centenas de estudantes que, alertados pela prisão do presidente, acorreram à Associação e à sede da Pide. No dia seguinte, a fim da manhã, o presidente, acorreram à Associação e à sede da Pide. No dia seguinte, ao fim da manhã, o presidente da A.A.C. foi libertado. A 22 de Abril oito estudantes foram suspensos (sete dos corpos gerentes da A.A.C. e um dirigente da C.N.E.P.). Posteriormente, 151 professores exprimem a sua solidariedade aos estudantes suspensos e pedem ao então presidente da República para serem recebidos «em diligência que possibilitava ao Governo a solução imediata da crise». A resposta foi o silêncio. No dia 30 o ministro da Educação «achou conveniente e oportuno» ir à televisão dar a versão oficial dos acontecimentos numa linguagem carregada de mentiras e ameaças. A situação manteve-se e em 28 de Maio, numa assembleia de muitos milhares de estudantes, foi votada (com cerca de 200 votos contra) a greve a exames. No dia 2 de Junho, data do início dos exames, Coimbra era uma cidade ocupada por forças militarizadas. Na sequência de piquetes para impedir a passagem de «furas» que pretendiam fazer exame, a Polícia Judiciária entretanto destacada para Coimbra (entre ela o conhecido agente Regadas, agora implicado na rede bombista) efectua dezenas de prisões. A unidade da Academia não foi quebrada e a greve a exames sal-

Continua na pág 12

...giram durante a crise alguns em cadernos policopiados vendidos para angariação de fundos

Apoio vindo de todo o País

Apesar do total silêncio imposto aos jornais sobre a crise de Coimbra (só a mentira oficial era tornada pública) a luta de 1969 teve repercussão nacional. Durante os três meses de luta (do 17 de Abril a meados de Julho) milhares de pessoas de vários pontos do País passaram pela A. A. C. direcção-geral e a secção social mantiveram um serviço de apoio a esses visitantes, recebendo-os, respondendo a perguntas, fornecendo documentos, explicando o significado da luta que decorria. As pessoas queriam ver tudo e levavam montes de papéis. Os desenhos, as caricaturas, os textos associativos e pedagógicos, os «Cadernos do C.R.» (documentos da campanha eleitoral do Conselho de Repúblicas), os comunicados à cidade e ao País, as informações do SIPE, os autocolantes, etc., tiveram edições sucessivas numa «Secção de Textos» que funcionava a 24 horas por dia. A venda desse material proporcionava receitas da ordem dos milhares de escudos por dia. Muitos dos visitantes deixavam ainda generosas ofertas. A maior parte desse dinheiro era gasto em resmas de papel e na assistência aos muitos estudantes presos na Judiciária. Advogados, médicos, professores do ensino secundário, centenas de alunos de Coimbra a Aveiro, à guarda, a Vila Real e a Portalegre, excursões, população em geral estiveram na A.A.C. durante esse período. Alguns dos textos levados pelos visitantes foram depois policopiados e difundidos nas suas terras de origem. De Ponte de Lima, por exemplo, chegaram a Coimbra exemplares da «Carta à Nação» da direcção-geral da A.A.C. que havia sido reproduzida naquela vila minhota, num esforço de apoio e de informação. Os alunos da Escola Brotero, de Coimbra, mandaram assinaturas e um texto onde diziam: «Aceitamos o presidente da A.A.C. como nosso representante, visto comungarmos convosco as mesmas ideias e vontades e a mesma política». Apoios idênticos chegaram da Beira Baixa, dos liceus do Porto, da região de Guimarães e da Estremadura.

Também 48 jornalistas de Lisboa enviaram à A.A.C. um telegrama em que exprimiam «caloroso apoio à vossa luta digna por uma Universidade Nova lamentando a impossibilidade de darem conhecimento público da vossa exemplar e patriótica acção devido ao regime de censura arbitrária que condiciona a nossa actividade.» Ainda 73 pais de alunos de Viseu mandaram uma mensagem ao chefe do Governo em que diziam que «ninguém poderá negar os legítimos direitos duma juventude de quem sempre temos ouvido dizer que está a comportar-se com exemplar heroísmo». Idêntica mensagem foi enviada por 380 democratas de Braga, em 7/6/69. De Setúbal chegou um abaixo-assinado para a A.A.C., com dezenas de nomes: «Através da vossa luta esperam que a Universidade Velha caia de vez», afirmavam.

...sidente da República, Tomás, ...ntante dos estudantes

As autoridades abandonaram a sala e os estudantes procedem àquilo que foi considerado a verdadeira inauguração

UM ANDAR VERDADEIRAMENTE SEU!

construções
António Guerreiro Lda.
Av. José Elias Garcia, 226 - Queluz
Informações todos os dias, inclusive Sábados e Domingos
952538 e 952361

QUELUZ Ocidental
Integrados em zona de grande desenvolvimento, temos à sua disposição andares espaçosos, modernos e funcionais com 2, 3, 4 e 5 assoalhadas. Se preferir compre um andar já alugado, com um bom rendimento.
Visite-nos e juntos encontraremos uma solução adequada às suas necessidades.

REBOLEIRA Sul
Oferecemos-lhe uma realidade — uma casa para si, com 2 ou 3 assoalhadas, a dois passos de Lisboa
Mas também possuimos andares já alugados com a garantia de um bom rendimento — uma perspectiva certa para o seu investimento!

e AGORA na PAREDE
(em frente ao Liceu ex-Colégio dos Maristas, zona de grande desenvolvimento comercial).
Local privilegiado! O mar, a praia e o sol farão da sua vida e da dos seus umas férias permanentes!
Compre já a sua habitação, com 2 ou 3 assoalhadas, óptimos acabamentos e equipada com cozinha de tipo italiano.

INSCREVA-SE NO CONJUNTO

'TRABALHADOR'

MEDALHAS DE EXALTAÇÃO ÀS LUTAS, DIREITOS E FORÇA DOS TRABABALHADORES

nada nem ninguém vergará os metalúrgicos

80 mm bronze
numeradas

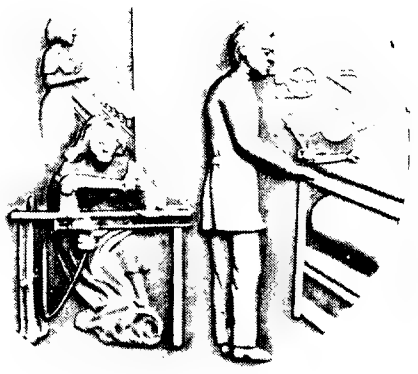
anverso

preço ao público 300$
trabalhadores da especialidade....250$

reverso

TÊXTEIS

unidos e organizados venceremos
A LUTA CONTINUA



80 mm bronze
numeradas

anverso

pedidos ao

reverso

ATELIER BELO MARQUES

R. DA TRINDADE, 5-2º D
T:371254 LISBOA

SEGUINDO-SE
OS CERÂMICOS
DA CONSTRUÇÃO
AGRÍCOLAS
DA INSTRUÇÃO
HOTELEIROS
envios sem encargos

AINDA OS GRÁFICOS, DOS ESPECTÁCULOS, DA SAÚDE, DO MAR, ELECTRICISTAS, ETC..

Coimbra, 17 de Abril de 1969

Continuação da pág. 11

dou-se por 85 por cento de faltas. Em informação da A.A.C. de 9 de Julho de 69, dos 18481 exames com inscrições na primeira época só se haviam efectuado 2413, abrangendo escassas centenas de alunos. De registar igualmente que muitos alunos, sobretudo raparigas, foram objecto de ameaças e violências por parte de familiares e das orientadoras (religiosas) dos «Lares» onde residiam. Mas isso não impediu que toda a crise e a luta desenvolvida tivessem profundos reflexos na vida quotidiana da maioria dos estudantes, ao quebrarem uma teia subtil de relações repressivas na família, na escola e na sociedade. Coimbra registou, como cidade, as consequências de todo o Movimento. Não foi só o acabar com realizações de obsoleta tradição, a começar pelos aspectos verdadeiramente medievais de certas «praxes» académicas. Foi também o descobrir de que o empenhamento naquela luta significava a recusa frontal de toda uma situação escolar e social, a recusa daquela Universidade continuadora dos métodos de repressão institucionalizados pelo regime fascista.

A foto caricatural da sessão «inaugural»: Tomás sai da sala muito enxofrado com o que se passou

A Praça da República transformada em parque de viaturas das forças repressivas

Todos os acessos à Cidade Universitária estiveram vigiados a partir de 2 de Junho, início dos exames e da greve

SALT

Propostas dos EUA não serão alteradas

. O presidente Carter reafirmou, ontem que não tencionava modificar as suas propostas de redução das armas estratégicas, rejeitadas categoricamente pelo Kremlin. Ao mesmo tempo, negou que as negociações SALT se encontrem actualmente num «beco sem saída».

Respondendo a várias perguntas, numa conferência de Imprensa essencialmente consagrada aos problemas económicos, Carter afirmou que as discussões prosseguiam «pelas vias diplomáticas normais». Declarou-se convicto de que, antes da reunião Vance-Gromyko, no próximo mês de Maio, serão realizados «progressos básicos».

Carter referia desta forma as suas próprias conversações, tal como as do seu conselheiro para a Segurança Nacional, Zbigniew Brzezinski, com o embaixador da URSS, Anatoly Dobrynin, terça e quarta-feira na Casa Branca. Em contrapartida, minimizou deliberadamente o impacto do longo artigo publicado, quinta-feira, pelo «Pravda», segundo o qual as propostas apresentadas em Moscovo por Vance nem sequer podiam consituir uma base de discussão.

Entretanto, Carter indicou que teria todo o interesse em encontrar-se com Leonid Brezhnev, fora de uma cimeira rodeada de publicidade e visando ratificar um acordo «SALT» sobre o qual os negociadores das duas superpotências teriam concordado previamente.

Esta ideia tinha sido já enunciada na quarta-feira, perante jornalistas americanos, por Brzezinski, evidentemente mediante instruções do presidente. Brzezinski tinha-se declarado partidário de encontros «consultivos» periódicos entre Carter e Brezhnev, podendo realizar-se o primeiro ainda este ano.

Por outro lado, ontem o governo Carter contradisse, pela primeira vez, oficialmente, o seu representante na ONU, Andrew Young, a propósito das declarações deste a uma agência noticiosa americana, segundo as quais o governo sul-africano era «ilegítimo».

«Apesar de estarmos em desacordo com a política e os métodos da África do Sul, é incorrecto dizer-se que o governo sul-africano é ilegítimo», declarou o porta-voz do Departamento de Estado, Hodding Carter.

Eleições em Espanha a 15 de Junho

. As primeiras eleições gerais livres em Espanha, há 40 anos, efectuar-se-ão em 15 de Junho, dia que deverá selar a transição do país para a democracia, após a detadura de Franco.

O governo anunciou a data ontem, à noite, revelando que estava determinado a ir para a frente com os seus planos de uma consulta às urnas, a despeito da crise política causada pela legalização, há uma semana, do Partido Comunista Espanhol.

Fontes bem informadas disseram que o gabinete discutira, ontem à noite, o desagrado das Forças Armadas, manifestado publicamente, acerca do levantamento da proibição imposta ao PCE mas não se fazia qualquer referência ao caso num comunicado emitido após a sessão.

Entretanto, o descontentamento dos militares após a legalizaçao do Partido Comunista parece estar em regressão nos quartéis, ou mais exactamente, nos altos estados-maiores espanhóis.

Na frente política, pelo contrário, a direita intensifica a sua ofensiva pré-eleitoral aproveitando a primeira tomada de posição pública das ofças armadas dirigida ao mesmo tempo contra o comunismo e contra o governo que o legalizou.

A «Aliança Popular» de Manuel Fraga Iribarne tenta reunir as forças franquistas anti-governamentais assim como os elementos anti-comunistas da direita moderada.

O aviso das forças Armadas ao Governo parece ter tido como consequência imediata radicalizar a direita num anti-comunismo que não deixa de lembrar o do tempo da Guerra Civil. Em Orihuela, ,na província de Alicante, Fraga Iribarne não hesitou em ir buscar os argumentos dignos do «arsenal» de 1936 afirmando que «os comunistas queriam gens».

Ontem, a agência CIFRA anunciava que um comando de três membros da facção militar da ETA teria chegado a Madrid em meados de Março, onde estivera até 5.ª feira passada, para organizar um atentado contra Manuel Fraga Iribarne.

Este comando, que teria sido identificado, já teria regressado a França.

Por outro lado, Nicolas Franco, irmão mais velho do ditador faleceu ontem em Madrid com a idade de 85 anos. Nicolas Franco, antigo embaixador da Espanha em Portugal, encontrava-se doente há muito tempo.

BÉLGICA

Senadores e deputados serão eleitos amanhã

. Seis milhões de eleitores e de eleitoras belgas, (mais de 51% demulheres), entre os quais três milhões de flamengos, dois milhões de valões e um milhão de bruxelenses, sem contar os cerca de 50.000 belgas de língua alemã, elegerão amanhã 212 deputados, 106 senadores dos 181 da Assembleia Alta e cerca de 700 conselheiros provinciais. O senado será completado ulteriormente com a eleição, pelos conselheiros provinciais, de 50 senadores denominados «provinciais». Os 156 senadores assim designados serão por último chamados a cooptar 25 personalidades, em geral os batidos nas eleições directas.

Por outro lado, a Constituição belga ignora a existência dos partidos políticos: o deputado eleito na sua circunscrição é eleito da nação toda inteira.

A actual composição da câmara é a seguinte:

. Partido Social Cristão: 72 (45 flamengos, 18 valões e 9 bruxelenses); Partido Socialista: 59 (25 flamengos, 27 valões e 7 bruxelenses); Partido Liberal: 36 (19 flamengos, 12 valões e 5 bruxelenses); Comunistas: 4 (3 valões e um bruxelense); Frente dos Francófonos-Agrupamento Valão: 19 (10 valões e 9 bruxelenses).

Os primeiros resultados significativos são esperados cerca das 20h00 (19h00 tmg). O Ministério do Interior fornecerá resultados parciais logo que se conheçam 15 por cento dos votos em cada circunscrição. Não serão estabelecidas comparações com os resultados de 1974: Seria com efeito demasiado subjectiva, declarou o ministro do Interior, dada a modificação ocorrida desde então no interior dos partidos e as modificações territoriais depois das fusões das comunas, que diminuiram de 2.500 para 600 aproximadamente.

Além das questões regionalistas e económicas, é inegável que as eleições de amanhã se centram em torno de uma personalidade: o primeiro-ministro Leo Tindemans. Entre os observadores é generalizada a ideia de que o «leader» social-cristão emergirá como chefe do governo, talvez com maior margem até.

Aumenta a violência nas ruas do Paquistão

Morreram oito pessoas e 150 ficaram feridas durante os confrontos que ontem opuseram partidários e oponentes do primeiro-ministro paquistanês, Ali Bhuto. Quatro pessoas morreram em Lahore quando elementos do Partido Popular do Paquistão, no poder, começaram a disparar indiscriminadamente sobre uma multidão de cerca de 20.000 pessoas que participaa numa manifestação de protesto da oposicionista Aliança Nacional do Paquistão. No decorrer dos mesmos incidentes, nove pessoas, incluindo quatro polícias, foram queimadas com ácido atirado do telhado de um cinema pertencente a um membro do Partido Popular, de Ali Bhuto, e que foi incendiado na sequência do tiroteio.

Em Carachi, os incidentes políticos causaram um morto e três feridos, enquanto no distrito de Dera Vhazi, no Punjar, três pessoas morreram na sequência da repressão policial durante uma mmmanifestação da Aliança Nacional.

Dois respeitados políticos veteranos do Paquistão, um do próprio partido do primeiro-ministro Zulfikar Ali Bhuto, advertiram que o país caminha para a guerra civil e fizeram-no quando o balanço não oficial de cinco semanas de uma vaga de violência atingia quase 170 mortos.

Entretanto a Aliança Nacional do Paquistão (ANP), da oposição, rejeitou ontem, à noite, as condições de Bhuto para novas eleições, considerando-as irrelevantes, indignas de consideração, e uma repetição da fraude.

Observadores políticos disseram que a ANP, ao rejeitar totalmente a proposta de compromisso de Bhuto, parece disposta a continuar com a situação até uma solução final.

Diplomatas de Lahore afirmaram que, se Bhuto se recusar a capitular, poderia em breve não ter outra alternativa senão impor a lei nacional.

O primeiro-ministro, numa entrevista concedida, a um correspondente da BBC, gravada na quarta-feira passada, em Lahore, fez já essa ameaça ao advertid a oposição de que não hesitaria em chamar o Exército, se fosse necessário, para restaurar a «lei» e a «ordem».

FRANÇA

Governo isolado procura soluções

. O presidente Valery Giscard d'Estaing e o Governo da França estão desde ontem de manhã isolados no castelo de Rambouillet, a 75 quilómetros de Paris, a fim de fazerem um «exame de consciência», em ambiente de conclave.

Giscard d'Estaing ficou num quarto cuja cama mede mais de dois metros de comprimento, visto que foi especialmente fabricada para o general De Gaulle, cama essa em que também já dormiu o secretário-geral do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnev.

Os elementos do Governo, a começar pelo primeiro-ministro Raymond Barre, ficaram em quartos individuais, mobilados com austeridade, semelhantes aos de um moderno mosteiro.

Segundo Giscard d'Estaing, trata-se de um «seminário de reflexão sobre os principais problemas da política económica e social da França».

Depois de reflectir, o Governo apresenta à Assembleia Nacional, no dia 26 de Abril, um plano de acção que será válido por doze meses, até às eleições legislativas do próximo ano.

Entretanto, mais de milhão e meio de trabalhadores sofrem na França as consequências de uma crise que o país atravessa. Dois trabalhadores desempregados já se suicidaram pelo fogo, á maneira dos bonzos asiáticos, em actos de desespero que tiveram grande impacto entre o público.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Lea Rabin em tribunal

. O julgamento da Lea Rabin por transgressão da lei que regula a posse de divisas estrangeiras está marcado para amanhã em Telavive. O libelo regista infracções que totalizam 21.200 dólares, (mais ou menos, 883 contos).

A mulher do demissionário primeiro-ministro de Israel reconheceu a sua culpabilidade, o que deverá abreviar consideravelmente o julgamento. (F.P.).

circular é viver

RBI

transmite diariamente em idioma português

notícias • opiniões • reportagens

■ 05.15-06.00 horas 7.260 kHz 41,32 m
■ 17.00-17.45 horas 7.260 kHz 41,32 m
■ 20.30-21.15 horas 7.260 kHz 41,32 m
■ 22.15-23.00 horas 9.665 kHz 31,04 m
■ 23.15-24.00 horas 6.040 kHz 49,67 m

RÁDIO BERLIM INTERNACIONAL
A Voz da República Democrática Alemã

TEATRO Tel. 366745

ABC

Não acons. a menores de 18 anos

Hoje, 20.30 e 22.45 horas

Domingos e Feriados há «matinées» às 16 horas

Descanso às 4.as feiras

SÉRGIO AZEVEDO apresenta

A NOVA E GRANDE REVISTA POPULAR DE LISBOA

EM ÁGUAS DE BACALHAU

com um super-elenco

Heidi (em grande). Uma grande criação de Nicolau Bryner

NICOLAU BREYNER
OCTÁVIO DE MATOS
(actor convidado)
VERA MÓNICA
(actriz convidada)
SIMONE DE OLIVEIRA
ABC DANCER'S

Aviso: Devido à grande afluência de público e a empresa não podendo satisfazer todos, pede-se o favor de adquirirem antecipadamente os vossos bilhetes.

A Gerência

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

Ser ou não ser (Laura Alves)

. «AQUI QUEM MANDA SOU EU!», de Barillet e Grédy. Trad.: Mamuel Sá Pereira. Encenação: Paulo Renato. Rodolfo Neves, Luís Filipe, Carlos Duarte, Fernanda Franco, Alda Pinto. Produção: Vasco Morgado. Teatro Monumental Abril 1977.

Se o **boulevard** é um subproduto do teatro, se as peças de Barillet e Grédy são um subproduto do **boulevard,** esta peça dessa parelha sinistra é um subproduto do seu teatro de **boulevard**. Subproduto de um sobproduto de um subproduto _ «Aqui quem manda sou eu!» não podia deixar de ser aquilo que é: uma submerda. E não nos venham com alibis pretensamente culturais através de citações de, «figaros» e quejandos. Se o crítico de teatro, ou de qualquer outra forma de expressão é, por definição, um homem cheio de dúvidas, não vemos razões, em certos casos, para deixar de chamar os bois pelos nomes. E este é um dos exemplos mais óbvios disso.

Como acreditamos que tanto o empresário, como o encenador, como Laura Alves não apresentam este tipo de teatro para chatear o parceiro nem sequer por tortuosas razões políticas, é caso para perguntar: porquê esta peça? Ora, as razões prioritárias do teatro comercial chamam-se precisamente bilheteira. Neste caso, a razão chama-se Laura Alves. Esta actriz vive num círculo vicioso do qual infelizmente não poderá sair: ou faz porcarias como esta, ou semelhantes, que lhe permitam **brilhar** (de acordo com o conceito de **brilho** de certo público) ou opta por peças menos cretinas caso da anterior sem que, no entanto, consiga vencer o desinteresse desse público por um tipo de teatro menos idiota. Com a agravante de não conseguir assumir-se como actriz como intérprete que condiciona as suas razões de actuação às da própria personagem e por isso também sob o ponto de vista de produção estética essas tentativas falham.

Há nesta peça uma personagem que parece ligada à electricidade: falar e mexer-se são condições do seu psiquismo automatizado. E pronto! pensa-se, aí está uma peça para a Laura. Se ainda por cima houver na personagem um comportamento bizarro, que pode ir do aparente inconformismo à manifestação da moral mais perfeitamente burguesa, se a personagem não tiver papas na língua (embora as tenha), ainda melhor. Se, ainda por cima, o espectáculo permitir que o público se ria muito com um ou dois momentos _ lá para o fim _ em que a gargalhada seja substituída por uma lágrima convencional _ isso então é ouro sobre azul. Na noite em que fomos ao Monumental, as gargalhadas foram parcas, como o público. A razão é simples: a peça nem ao nível da cócega tem piada. No entanto, para ter êxito basta que esteja lá a Laura Alves a fazer de «Laura Alves». Quanto aos restantes actores _ com uma Fernanda Franco mal dirigida, incapaz de se meter na pele da personagem, com um Paulo Renato rotineiro _ não pretendem naturalmente ser mais do que a moldura para a vedeta. Alguns momentos de Rodolfo Neves serão, porventura, o menos mau da moldura. Uma boa cena de Octávio Clérigo completa o espectáculo.

«Nós por cá todos bem»

«Os índios da meia-praia»

Filmes portugueses seleccionados para Cannes

. «Nós por cá todos bem», de Fernando Lopes, e «Continuar a viver ou os índios da meia-praia», de Cunha Teles, são dois filmes portugueses seleccionados para a Quinzena dos Realizadores, integrada no XXX Festival de Cannes.

Os filmes foram escolhidos por Pierre-Henri Deleau, delegado geral da Quinzena dos Realizadores. No ano passado, a produção cinematográfica portuguesa foi representada pelo filme «Os demónios de Alcácer-Kibir», de José Fonseca Costa.

Um palco povoado de fantasmas

: «RETABLO DE VIDA Y MUERTE» — recital por Estrela Medina. Guião: Mercedes Rein e Mário Morgan. Música: Federico Garcia Vigil. Canto: José Eduardo Brenlla. Guitarra: Daniel Queirós. Vestuários: Guma Zorrilla. Iluminação: Walter Reyno. Casa da Comédia. Abril 1977.

Um programa habilmente doseado, em que «humor e drama» se sucedem, contrastam, questionam-se, permitiu à actriz uruguaia que passou pela Casa da Comédia desdobrar o leque largo dos seus registos vocais, das suas capacidades expressivas dominadas com mão firme, controladas até ao indispensável descontrolo (cena de «O Cardeal de Espanha», de Montherland, com Joana assumindo pateticamente a loucura da sua solidão, da sua atroz vontade de viver).

Uma actriz no palco, só, é isso mesmo: a arquitectura dos fantasmas inominados, a teoria de vivência apenas pressentida, a evocação de mundos que estão para além. Com a sua voz límpida, em que cada palava é a pedra, o tiro, a água pura, o sussurro, a rosa da manhã, o voo invisível, a acrobacia dos sentimentos excessivos (o amor, a morte), apenas com o apoio de uma bela voz masculina acompanhada de viola em **off,** Estela Medina ergueu, com aquela simplicidade das coisas verdadeiramente difíceis, com a claridade das coisas verdadeirameme belas (como ela própria), o mundo fluído que vai da juventude à decrepitude; da libertação pela loucura ao heroísmo da liberdade.

Dizendo sem arrebiques mas sempre com força interpretativa, os versos de Lorca, António Machado, Lope de Vega, Quevedo ou desdobrando-se, sem malabarismos nem truques, nas personagens hílares de «El Retablillo de Don Cristóbal», ou nas vozes (trágicas) da gesta de Valle-Inclán, criando com uma intensidade perturbante, com uma acuidade e uma inteligência raras, a personagem de Montherland, a Celestina, de Rojas, ou Mariana Pinedo, de Lorca, Estela Medina, voz de carne apenas soluço, mãos de fonte ou apenas osso, olhos pássaros verdes em voo ou apenas água, o corpo como uma manancial inesgotável de perecíveis e, no entanto, sempre vivas criaturas da imaginação dos homens, repetiu durante uma hora o milagre do pão e do vinho: este é o meu corpo, esta é a minha voz, estas são as minhas almas. Comei e bebei. O teatro.

P.S. Do Uruguai seria legítimo esperar vozes de outros **fantasmas** — aqueles que o fascismo, lacaio do imperialismo norte-americano, lá tem criado como em quase toda a América Latina. Escrevemos sobre o que vimos não sobre aquilo que gostaríamos de ver. Escrevemos sobre uma grande actriz. Mais nada.

"Convivium Musicum" no museu Gulbenkian

. Integrado no seu programa de extensão cultural prossegue no domingo, às 12 horas, no Museu Gulbenkian, a série de concertos de câmara.

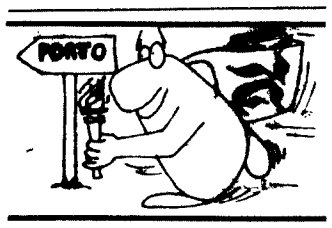
O concerto, pelo «Convivium Musicum» é preenchido com diversas obras de Fauré e Joahnnes Brahms.

O «Convivium Musicum» é constituído pelo seguinte núcleo de artistas: Helena Pinamanique (soprano); Christiane Schicker (meio-soprano); Fernando Serafim (Tenor); Orlando Worm (barítono) Constança Capdeville e Janine Moura, ambas ao piano.

Tarde toda música hoje no S. Luís

A Câmara Municipal de Lisboa e a Radiodifusão Portuguesa apresentam, hoje, às 18 horas, no S.Luiz mais «uma tarde toda música». O maestro Álvaro Cassuto dirigirá a Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa no Concerto em ré maior de Brahms, e na 3.º Sinfonia de Schumann. É solista no violino Gerardo Ribeiro.

Antes, no foyer, às 16 horas, numa tarde dedicada à música de câmara, apresenta-se sucessivamente, o barítono Alcino Soares e o pianista Armando Vidal, que vão interpretar «líder» de R. Strauss, e o conjunto formado por Helena Matos (piano), Christa Ruppert (violino) e Lurdes Santos (violoncelo), que executarão o Trio em fá menor de Dvorak.



TEATRO ABERTO
(À Praça de Espanha)
Segunda-feira – 18 – pelas 18 e 30

TEATRO «JOVEM VANGUARDA» DE HALLE (RDA)
Única representação em Lisboa das peças
– «**O SENHOR E O SEU CRIADO**» de Arnold Zweig
– «**A CAFETEIRA CHEIA**» de Hans Dieter Schmidt

Bilhetes a 50$00
30$00 para sócios de todas as Associações

BARRACA CONTA TIRADENTES
de **A. Boal** e **G. Guarnieni**
ESTREIA HOJE às 21.15
com: **Fernanda Lapa, Jorge Gonçalves, José Manuel Osório, Luís Lello, Manuel Marcelino, Maria Céu Guerra, Mário Viegas, Paula Guedes** e a participação de **Carlos Moniz, Maria do Amparo** e **Samuel.**
Encenador: **Augusto Boal**
Música: **Gilberto Gil, Caetano Veloso, Sidney Miller, Theo de Barros** e **Carlos Moniz**
Cenografia: **José Froufe**
UM ESPECTÁCULO A NÃO PERDER
UMA COOPERATIVA A APOIAR
R. Alexandre Herculano, 70 (ao Rato)
Dias úteis 21.15. Matinées: Sáb. 16 h.. Dom. 18 h.
Folga: 2.ª FEIRA

MAIS BARATO QUE O BACALHAU
POUCO MAIS CARO QUE A BICA
A PAROLA
UMA REVISTA DE PAPO CHEIO
ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ · TEL 87 44 76
TODAS AS NOITES
DUAS SESSÕES: 20.30 e 22.30
«MATINÉES» AOS DOMINGOS: às 16 horas
ANABELA ● ERMELINDA ● HENRIQUE VIANA ● MAGDA ● NICHOLSON

Todas as noites às 21.30
matinées: sábados e domingos às 16 h.
TEATRO LAURA ALVES
Tel. 86 47 56
Uma comédia de
JOSÉ VILHENA
CALCINHAS AMARELAS
com: IRENE ISIDRO • BARROSO LOPES • MANUELA MARIA • LUÍS HORTA • CARLOS MIGUEL • TERESA ZILOC • MARIA JOÃO • PAULA LIMÃO
A mais divertida comédia portuguesa dos últimos 54 anos.

PUB. **COMUNA**
TEATRO de PESQUISA _ CENTRO CULTURAL
DIARIAMENTE ÀS 21.30
"GIOCONDA PERDEU O SORRISO..."
CRIAÇÃO DO GRUPO TEATRO FRANCÊS
TYLENCHUS — DE TOULOUSE
DOMINGO – MATINEÉ ÀS 18 H – PREÇO ÚNICO – 40$00
SÓ ATÉ 30 DE ABRIL
PRAÇA DE ESPANHA – METRO PALHAVÃ – T. 762624

Vá ao TEATRO **MARIA VITÓRIA**
Ver a Sensacional PLURALI REVISTA
Hoje e todas as noites 2 SESSÕES — 2 Às 20.30 e 22.45 h. ● **Aos domingos** «MATINÉES» Às 16 horas ●
ÀS 2.as FEIRAS DESCANSO
M/18 anos
O BOMBO DA FESTA!
UM GRANDE ÊXITO
SALVADOR e IVONE SILVA
HENRIQUE SANTANA
LYGIA TELLES
CARLOS GONÇALVES
HERMAN JOSÉ
IGOR SAMPAIO

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

A PALAVRA DOS OUTROS

Amigo crítico de Televisão

Somos realmente uns infelizes telespectadores!

Isto a propósito do «Fidélio», da «Copélia» e do «Otelo»...

Pode parecer estranho, ou que sou contra a cultura, ou que não sei quem são o «Fidélio», a «Copélia» e o «Otelo». Mas já explico: a minha miúda tem oito anos e gosta de ver «ballet»; o miúdo vai fazer seis anos, e também gosta — não fica mal dizer, é verdade, e não são, nenhuns meninos-prodígios; também gostam de ouvir o «Para Elisa» de Beethoven, que há cá em casa; costuma ser ouvido, em especial, quando vão para a cama (peço desculpa, os miúdos são uns «privilegiados», além do «Para Elisa» ouvem outras coisas do Beethoven que há também cá em casa, e a miúda até já esteve dois anos a fazer «ballet», como se costuma dizer, deixou este ano porque o horário era coincidente com a ginástica (é verdade, os miúdos fazem ginástica aqui, num clube em Queluz, também têm esse «privilégio»...)

. Bom, isto tudo para dizer que os miúdos não dizem, como alunos meus do unificado, que nunca ouviram Beethoven, que o Beethoven é chato e faz dormir «que horror!»; gostam de «ballet» e de música, pronto, e acontece que a miúda esteve naquela inglória noite da «festa de anos» da TV aqui sentada à espera da «Copélia» que não tinha visto, mas sabia que era «ballet», e esperou um bocadão, e depois daquela pastelada das «recordações» começaram a dar o filme, e nós dissemos à miúda — «Olha, vai-te deitar, eles estão-se nas tintas para toda a gente, e mais ainda para os miúdos, e não dão a «Copélia».

A miúda ficou chateada, achou que devia telefonar para lá a protestar; os pais que são uns desiludidos da Televisão, disseram que não valia a pena, a miúda choramingou e foi para a cama cheia de sono.

Ora então hoje, deram a «Copélia»! Às 9 e 45 — estava a miúda a dormir, porque costuma deitar-se à hora normal dos miúdos; e o rapaz, nem se fala...

Eu até nem estou a ver a «Copélia», estou a escrever-lhe, só ouço a música que é uma maravilha de brincadeira, e nem olho, com a raiva de pensar que os miúdos estão a dormir. (nos outros miúdos que também gostavam de ver nem quero pensar, nem nos miúdos que começariam a gostar de ver porque esses são mais que as mães...)

. E agora vem a vez do «Otelo»: eles vão dar o «Otelo» no sábado, à tarde. Ora bem, não são horas — estamos em Abril, as crianças nunca saem senão para a escola, é capaz de estar bom tempo, vamos dar uma voltinha... E se não formos, lá estou eu a lavar a loiça e a arrumar a casa, e depois sento-me a ver um bocadinho do «Otelo», e os miúdos de roda a fazer barulho e assustados com aquela história terrível — porque a miúda sabe ler, e o miúdo pergunta o tempo todo o que é que eles estão a dizer...)

. E que tal a «Copélia» no sábado à tarde, e o «Otelo» a uma noite de sossego?...

Falta o «Fidélio» — o «Fidélio» apareceu-nos pela frente de repente, programado de repente nessa mesma semana (o «7 ponto 7» ainda anunciava o **Cinema de Animação** e outra coisa qualquer para essa tarde). Ora os miúdos ficaram furiosos porque tínhamos vindo da rua à pressa para ver o **Cinema de Animação** que eles não perdem (e nós também não), e não havia **Cinema de Animação**. E mais: a miúda quase chorava com a história do «Florestan» e da «Eleonora», o miúdo chegava-se para o pai, muito encostadinho; no fim, puseram-se os dois a dar gritos de entusiasmo (o Beethoven «apanhou-os») e a chamar nomes ao governador («bem feita!» «patife!» etc...); é demasiado emocionante para as crianças, sobretudo com aquela realização, aquela interpretação, aquela música sensacionaais!... E ainda por cima à hora do **Cinema de Animação**! Não, não é a melhor hora nem o melhor dia, nem para os miúdos nem para os pais... Os meus miúdos, mesmo assim, não foram dos mais incómodos — colegas minhas, que gostavam de ter visto o «Fidélio», se não tivessem putos de dois anos de roda, e se não tivessem de lhes dar banho e jantar, e de arranjar o jantar para o resto da família (em desfavor nítido para o Beethoven e o «Fidélio», claro...) são da mesma opinião.

Isto leva-me a recear uma coisa — será que as pessoas que na RTP estão à frente do departamento cultural (ou musical, não sei se fazem distinção) nunca viram o «Fidélio», ou a «Copélia», ou o «Otelo» ou o **Cinema de Animação**? Saberão que, é preciso ter um respeitinho mínimo pelas crianças e por aquilo que tem qualidade e de que eles gostam? (Falo do que tem qualidade — Cinema de Animação — porque infelizmente os miúdos também gostam do «Pica-Pau», do «Estica e Bucha» e outros quejandos... E já que falei do «Estica e Bucha», e já que sou professora de Francês, outra pergunta — aquele francês inglesado serve para ajudar os meninos a aprender francês ou inglês?... Receio que nem uma coisa nem outra, coitados dos meninos e dos professores respectivos!...)

. Desculpe lá, amigo Castrim, este tempo que lhe tirei — já basta a Televisão!...

E obrigada pela paciência de ler as três folhas. Mas olhe que lhe garanto que escrevo poucas cartas...

Teresa Cardoso (Queluz)

PS — Claro que há na nossa TV coisas muito mais graves que a distribuição dos programas, e o encaixe de programas de, última (ou penúltima) hora... Mas é claro que isto das artes foi pretexto...

VIVA O PINGUE-PONGUE!

Desculpe, mas isto vai assim mesmo, à pressa.

É a propósito daquela emissão em directo da competição de ping-pong (ou pingue-pongue, nunca sei como se escreve) feita num dia destes.

Acho que a Televisão devia dar mais importância a este desporto tão simples e tão popular. Deve ser mesmo dos mais populares do nosso país: escolas, empresas, colectividades, isto dá muitos, muitos milhares de praticantes. Só cá em casa somos três: eu, meu marido e o miúdo. A jogar comigo, o marido perde o machismo e a barriga. Mas o miúdo, com 12 anos, já me dá cada coça! Agora é assim, o respeito dos filhos pelos pais. No tempo da minha avó não era nada disto. Se um filho se atrevesse a dar 21-14 ao pai ou à mãe, apanhava logo o merecido correctivo!

. Nós os três ficamos a ver as partidas com o interesse que imagina. E certamente co-

Continua na pág 18

Hoje

Roberto Carlos

I PROGRAMA

15.15 Opereta — Paganini — De Franz Lehar. Com Teresa Stratas e António Theba no papel de Paganini. Orquestra Sinfónica Grannke.
17.15 Bota de 7 Léguas
17.45 Diagnóstico
18.50 Animação — O Filme de Marionetas. Coordenação de Vasco Granja
19.25 Viagem a Pompeia — Documentário
20.30 Telejornal
21.00 Roberto Carlos — Um grande mito da música popular brasileira: adulado e contestado em Portugal, ele congrega no Brasil a admiração e o respeito das maiores figuras da MPBA
22.30 Um Amor sem Amanhã — Intérpretes: Patty Duke, James Whitmore, Anne Baxter, Pat Hingle, Frank Liu. Realização de George McCowan. Uma jovem americana casa-se secretamente com um japonês. No dia em que vão informar os pais da noiva, os japoneses atacam Pearl Harbour...

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 Cinemateca What Price Glory
23.05 Telejornal
23.40 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

12.30: Abertura e Missa de domingo **13.10** História de um cavalo preto. «Um Membro da Família». **13.40**: Desenhos animmados. **14.00**. Documentário **14.30**: Viagem pelo desconhecido **16.00**: Haja saúde. **16.30**: Caminhos do futuro **17.05**: Bonanza; **18.00**: As aventuras de Robinson Crusoé; **18.30**. Desenhos animados; **19.00**; TV Rural; **19.30**: Biografia. Padre Américo; **20.30**: Telejornal; **21.05**: O Regresso da Família Bellamy, **22.10**: Jerry Lewis, **23.00** Telefutebol; **23.30**: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Abertura e Tótó Desceu à Cidade; **22.30**: Telejornal; **23.00**: Fecho.

UNIVERSAL
ÚLTIMOS DIAS DE EXIBIÇÃO
(Só até Domingo, dia 17 de Abril)
«1900» — 2.ª PARTE
a grande obra-prima de
BERNARDO BERTOLLUCCI

EM EXIBIÇÃO ÀS 15, 17, 19, 21 e 23 HORAS
Apolo
OS DEMÓNIOS

DE ALCÁCER-KIBIR
distribuição : Animatógrafo

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05
OS COMICOS
APRESENTAM
«Matinée Mágica»
com
Antonino Solmer
Marília Gama
Sérgio Godinho
Teresa Madruga
Últimas representações
Maiores de 18 anos
Todos os dias às 21.30 h 2.ª-feira, dia de descanso
Pub patrocinada pela S.E.C.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

OUTRA VEZ NACIONAIS DE FUTEBOL

O Minho tem a palavra

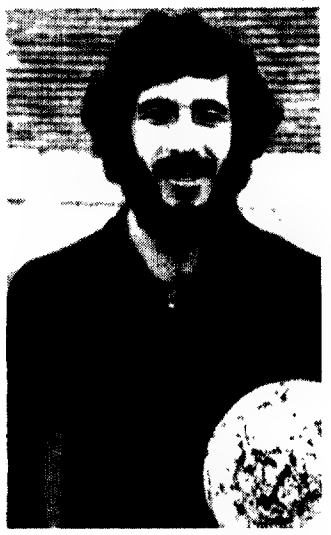
Os nacionais de futebol voltam hoje à liça: Leixões-Boavista e Atlético-Braga, ambos a partir das 16 horas. Na divisão n.º 2, teremos: Sanjoanense-Alba e Cuf-Farense (16 h), mais o Vilafranquense-Espinho (17). Na 3.ª divisão: Maria da Fonte-Joane, Lordelo-Arrifanense, Bucelenses-S.L. Olivais e Torralta-Reguengos (16 horas).

Amanhã, eis o calendário superior: V. Guimarães-Benfica, Portimonense-Belenenses, Beira-Mar-V. Setúbal, Montijo-Académico, F.C. Porto-Estoril e Sporting-Varzim.

II Dvisão: Zona Norte Gil Vicente-Famalicão, U. Lamas-Penafiel, Régua-Salgueiros, Chaves-Paços Ferreira, Tirsense-Vila Real, Paredes-Fafe e Riopele-Lourosa; Zona Centro U. Tomar-Marinhense, U. Coimbra-Portalegrense Peniche-Torriense, (Nas Caldas da Rainha), U. Santarém-Caldas, E. Portalegre-Acad. Viseu, U. Leiria-Feirense e Covilhã-Torres Novas. Zonal Sul Olhanense-Odivelas, Sintrense-Barreirense, Almada-Lusitano Évora, Marítimo-Sesimbra, Vasco Gama-Alcochetense, Juventude-U. Montemor e Oriental-Esp. Lagos (No campo Branca Lucas-Olivais).

III DIVISÃO

Série A _ Mirandela-Tadim, (Em Valpaços), Bairro Latino-Bragança (em Justes) Rio Ave-Vianense, Limianos-Aves, Forjões-Mondinense (Em Neves) Esposende-Cabeceirense e Monção-Mogadourense. Série B _ Oliveirense-Leverense, Paços Brandão-Infesta, Viseu Benfica-Leça, Valecambrense-Vildemoinhos, Penalva Castelo-Trancoso (em Mangualde) Avintes-Lamego e Freamunde-Cucujães. Série C Oliv. Bairro-Covilhã, Benfica; Tondela-Ala Arriba, Gouveia-Marialvas, Guarda-Mangualde, Naval-Vilanovenses, Ançã-Esperança, Febres-Anadia e Tabuense-Águeda. Série D. Alferrarede-Marrazes, (Em Abrantes) Alcanense-Batalha, Benfica C. Branco-Cartaxo, Campomaiorense-Almeirim, Vieirense-Bombarralense, Nisa Benfica-Lousanense (No Tramagal), Pombral-Alcobaça e Elétrico-Matrena. Série E Elvenses-Benavente, Estrela-Trafaria, Sacavenense-Alhandra,



Chalana: continuará a boa sina na campanha nortenha?

Alverca-Nacional, Vilafranquense-Cova Piedade, Casa Pia-D. Olivais, Loures-Elvas. Série F _ Lusit. V. Real-Moura, Seixal-Rosairense, Aljustralense-U. Santiago, Costa Caparica-Quarteirense, Luso-Paio Pires e Silves-Amadora. Todos os jogos pelas 16 horas.

Xadrez: caminho para a paz

O xadrez é um jogo verdadeiramente popular, no país dos sovietes. Segundo estatísticas recentes, a U. R. S. S. conta com mais de quatro milhões de xadrezistas de todas as idades, que participam regular e activamente em diversas competições.

O xadrez soviético «executou» o seu «primeiro lance» em 1924, ainda nos alvores do jovem Estado operário e camponês, quando foi fundada a Organização de Damas e Xadrez da U.R.S.S.» A partir, do «poder soviético», o xadrez floresceu e converteu-se, não só num desporto, mas também no mais popular passatempo de todos os povos da U. R. S. S.

Eis alguns números e factos revelados pela revista «Le Sport en U. R. S. S.», verdadeiramente elucidativos da enorme popularidade que esta modalidade goza na União Soviética:

Na U.R.S.S. existem 38 «grandes mestres», 608 «mestres» e quase 30 mil candidatos a estes títulos. As estatísticas referem (também) que oito soviéticos detêm o título de «grandes mestres» de xadrez por correspondência e edita-se vasta literatura sobre xadrez. Em idioma russo, publicam-se as revistas mensais «O Xadrez na U. R. S. S.» (54 mil exemplares), «Boletim de Xadrez» (25 mil exemplares) e o semanário «64» (120 mil exemplares). Na U. R. S. S. da Letónia, edita-se, nos idiomas russo e letão, a revista «Sahs» (50 mil exemplares). Na Geórgia e Arménia, publicam-se, nas respectivas línguas, dois boletins trimensais. O Clube Central de Xadrez da U. R. S. S. possui, igualmente, o seu boletim. Os livros de xadrez publicam-se com tiragens que oscilam entre os 100 mil e os 200 mil exemplares.

Estes são (apenas) uns quantos exemplos do que verdadeiramente se passa na U. R. S. S., no domínio do xadrez. Poder-se-á acrescentar que, no país, o número de xadrezistas tende a aumentar de ano para ano, do que resulta um número insuficiente de treinadores e instrutores válidos. Para solucionar o problema, o Instituto Central de Educação Física abriu, recentemente, uma secção especial de xadrez, cuja missão é a de preparar treinadores com instrução superior, coisa que não existe em nenhum outro país.

A U.R.S.S. conta com mais de 180 mil árbitros de xadrez

PORTUGAL

ANDEBOL

A fase final do nacional andebolístico tem hoje os primeiros embates: Sporting-Belenenses e S. Bernardo-F. C. do Porto.

ATLETISMO

Entre Cascais e Lisboa corre-se amanhã, a partir das 10 horas, a estafeta que, este ano, é denominada Grande Prémio Clok. A chegada vai ocorrer no Restelo.

Esta tarde e amanhã (às 16 horas), no Estádio Nacional, disputam-se os campeonatos regionais de juniores (masculinos e femininos), organizados pela Associação de Lisboa da modalidade. Em Coimbra, S. João da Madeira, Leiria, Barreiro, Mem Martins e Santarém decorrerão outras provas, para homens e mulheres, num fim-de-semana considerado «bastante activo».

BILHAR

No Clube dos Fenianos (Porto) efectua-se, este fim-de-semana, o sexto Portugal-Espanha, em bilhar às 3 tabelas.

CICLISMO

Entre o Campo Grande e Lousa (100 quilómetros), os seniores de 1.ª e 2.ª categorias da ACS efectuarão amanhã uma prova denominada «Lino Fernandes» em homenagem àquele dinâmico dirigente. A prova inicia-se às 8 horas e passará por Alverca, Sobral de MonteAgraço, Póvoa da Galega, Bucelas, Tojal, Loures e Lousa, entre outras. Os aspirantes, por seu turno, ainda numa iniciativa da ACS, percorrerão 49 quilómetros, e arrancam às 8 e 30. Trajecto: Campo Grande, Olival do Basto, Loures, Tojal, Freixial, Vale de S. Gião, Malhapão e Lousa (chegada).

Em Loulé, a Associação de Ciclismo de Faro promove amanhã duas provas: a primeira, de manhã, num circuito de 10 quilómetros (é aberta a todas as categorias); a segunda, à tarde, integra um festival de pista naquela vila.

CONVIVÊNCIA

As selecções de Évora e de Portalegre e as espanholas de Badajoz e de Cáceres, nas modalidades de andebol, voleibol e ténis de mesa (com atletas dos 16 aos 18 anos) participam no Torneio Internacional Juvenil Estremadura-Alto Alentejo, que se realiza em Évora, hoje e amanhã. Esta iniciativa é organizada pela DGD, que pretende que este Torneio se realize futuramente em cada uma daquelas cidades, estando já acordado que, em 1978, terá lugar em Cáceres.

Os troféus em disputa ficarão na posse das selecções que vençam o Torneio em dois anos seguidos ou em três alternados.

ESTAFETA

Para assinalar, no plano desportivo, a passagem do 3.º aniversário da Revolução de Abril, a delegação em Braga do Inatel promove uma estafeta denominada «25 de Abril», que decorrerá entre a cidade de Braga e a de Guimarães. Além da participação dos trabalhadores, a prova está também aberta a todos os desportistas nacionais, já que os organizadores pretendem que a estafeta se transforme numa grande manifestação.

HALTEROFILIA

Hoje, disputa-se, em Coimbra a Taça Halterofilia-77, no pavilhão do Estádio Universitário. Dado o elevado número de inscritos, cento e setenta e cinco levantadores em represntação de vinte e três clubes, a prova terá 3 fases.

HÓQUEI EM CAMPO

Campeonato lisboeta de hóquei em campo, a ter hoje a 16.ª jornada: Belenenses-Hóquei e Celcat-Cascais. Amanhã: ISEF-Futebol Benfica (11 horas, no Jamor) e Benfica-Atlético (10, no campo do Unidos).

HÓQUEI PATINADO

O Sporting «cilindrou» ontem o Benfica (9-3) na décima jornada do «Nacional» da I Divisão de hóquei em patins, num embate que correspondeu à expectativa e se aodeou do maior interesse, enchendo por completo o Pavilhão da Luz. Ao intervalo os «leoninos» já ganhavam por 5-0, apesar da toada cautelosa que as duas equipas, sobretudo nos minutos iniciais, puseram nas suas «organizações». Rendeiros (3), Sobrinho (2), Chana (2) e Livramento (1) fizeram os golos do vencedor, enquanto que Dandas, Garrancho e Quim amenizaram o «placard».

Resultados dos outros encontros: Sotto Mayor, 6-CUF, 10; Estremoz, 4-Académica da Amadora, 3; Campo de Ourique, 5-Paço de Arcos, 4, na Zona Sul. Zona Norte: Académico, 3-Infante de Sagres, 3; Oliveirense, 9-Riba D' Ave, 1; Porto, 14-Águias, 2; Valongo, 6-Académica de Espinho, 1; Sanjoanense, 4-Carvalhos, 3.

JUVENTUDE

O Sporting Clube de Arcozelo promove, no próximo dia 25, um convívio desportivo para crianças, denominado «Dentes de Leite». O convívio, que conta com o apoio da DGD terá início às 10 horas.

Além das equipas do clube organizador (dos dois sexos), estarão presentes turmas representativas do Núcleo de coimbrões «A» e «B» (Andebol), Associação Recreativa de Francelos (atletismo), Oliveira do Douro, Serpentes e Vilar de Andorinho (basquetebol), Seixezelo e Académica de Avintes (voleibol).

MOTORISMO

Prossegue hoje o Campeonato Nacional de Rallyes com a efectivação da prova Arbo. iniciativa que pertence à secção do Motorismo do F.C. do Porto. As nossas «estrelas» principais estarão presentes nesta prova de uma só etapa com início na Póvoa do Lanhoso, hoje. Total: 399,8 quilómetros. Haverá ainda mais sete classificativas, num total de 129,6 km, que decorrerão na Serra da Cabreira.

Entretanto, amanhã, terá início, em Monte Redondo (Leiria) o Campeonato Nacional de Motocross, na pista do Cabeço, com provas para as máquinas de 50,125 e 250 cc. De manhã haverá treinos livres e cronometrados; à tarde (15 horas) teremos as corridas.

KARATE

O Centro Português de Karate Sankukai vai organizar, no Ginásio da Escola Indusitral e Comercial de Matosinhos, um estágio de karaté, que decorrerá de 18 a 24 de Anril. Este estágio, que visa desenvolver e aperfeiçoar o nível de karaté Sankukai em Portugal, contará com a presença do Mestre Philippe Lefort, 4 DAN e membro do Conselho dos Altos Graduados do estilo Sankukai.

«SPRILL»

Prosseguiu ontem nos campos do Vale do Jamor, o Torneio Aberto de Ténis «Sprill», tendo-se registando os seguintes resultados: Luís Macara-José Luís Fernandes 6-1; 6-1; Miguel Soares-Pedro Bivar, 6-4, 6-4; Luís de Sousa-Ribeiro Rosa, 6-2, 6-1; Miguel Soares-Guilherme Almeida, 6-1, 6-0; João Lagos-Luís Macara, 6-1, 6-2; Manuel de Sousa-António Trindade, 6-1, 8-6; Luís de Sousa-Bento Monteiro, 5-4, 3-6, 6-2; Patrícia Fernandes-Filipa de Almeida, 6-2, 6-0; Conceição Pocer-Bárbara Jutta, 6-4, 9-7.

RÂGUEBI

Técnico e Direito, no Estado Universitário (hoje), Agronomia-CDUL, no mesmo local e à mesma hora (15), mas amanhã, e Monte da Caparica-Benfica e Belenenses-Académica, também amanhã, são os encontros deste fim-de-semana da Prova Nacional (ex-Taça), que já vai nos quartos-de-final (3.ª jornada), após um interregno de quase dois meses.

TÉNIS DE MESA

Hoje e amanhã efectuam-se, em Alcobaça, os Campeonatos Nacionais de Ténis de Mesa (equipas de senhoras, infantis e meninas), enquanto que amanhã (Estádio José de Alvalade e Colégio S. João de Brito, pelas 10 horas) prossegue o Torneio Alvorada 77. Por seu turno, os nacionais de equipas seniores (masculinas) realizam-se este fim-de-semana, no Porto.

VELA

Neste fim-de-semana, no estuário do Tejo (frente a Algés) efectuam-se as regatas correspondentes ao Torneio da Primavera, da iniciativa do Algés e Dafundo.

REMO

No rio Douro, entre a Cantareira e a ponte D. Luís, dispu-

Continua na pag seguinte

"25 DE ABRIL": NOME DE PISCINA

A direcção da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense decidiu por unanimidade e aclamação, dar o nome de «25 de Abril» à piscina da colectividade. Entretanto, aquela sociedade desportiva e cultural começa a realizar no próximo dia 23 vários destivais. Nesse mesmo dia (16 horas) terá lugar um festival de natação, no qual estarão presentes, além de elementos do clube em festa, nadadores dos clubes do Porto, Coimbra e Lisboa, e a dois ex-campeões do mundo olímpico da RDA, Roland Matthes e Rosemarie Kother. Na mesma altura, será inaugurada a primeira fase das obras de melhoramento da piscinia.

No dia 24, o Pavilhão da sociedade estará aberto a toda a juventude, colocando à disposição destaaa todo o material para a prática do desporto. Pela tarde do mesmo dia, a partir das 15 horas, terá lugar um festival gimnodesportivo, que incluirá ginástica, halterofilia e judo. No festival participarão os clubes da margem Sul do Tejo incluíndo os do Barreiro e Seixal. Após o festival será exibido um filme do desporto na R.D.A. para jovens que serviu de arranque para os atletas daquele país. No dia 24, a partir das 21.30 horas, no cinema da sociedade, será proferida uma conferência sobre juventude física e desportos por Schmidt, formado em pedagogia na RDA, seguida de um filme sobre várias manifestações desportivas. No dia 25 (manhã) terá lugar um encontro de natação a nível regional e de Lisboa, na classe de infantis.

LÁ FORA

DERROTA

Os basquetebolistas portugueses (categoria de cadetes) que participam nesta primeira fase do Campeonato Europeu que vem decorrendo na Bulgária, voltaram a perder, ontem, agora perante a equipa representativa da Turquia (46-96), averbando assim a sua segunda derrota (recorde-se que ganharam à Síria e tinham sido batidos pela Checoslováquia). Ao intervalo a diferença já era flagrante: 44-13.

Hoje (18 horas) a nossa representação defronta a selecção anfitriã (Bulgária) que é, apenas, águia desta fase de qualificação, da qual é favorita, no mesmo plano que a Checoslováquia e a Turquia, as três equipas que, racionalmente já ocupam os primeiros lugares (os três qualificativos.). É natural que os nossos cadetes apresentem a mesma formação de ontem, com Ferreira, Carlos Jorge, Seiça, Ramos, Anacleto, Rebelo, Cardoso, Rui Miranda, Paulo Brito e Paiva.

MÚRCIA

Os juniores do Benfica (reforçados com Cavungi e José António) defrontam esta tarde (17 horas), em Múrcia, a equipa do Fiorentina, para a Taça Latina de Juniores, torneio organizado pela Federação Regional de Futebol daquela província, com o patrocínio da Câmara local. Na prova, além do Benfica e do Fiorentina, participam a equipa organizadora e o Damm (Barcelona).

Ontem, os murcianos derrotaram categoricamente os catalães (4-0), comprovando o favoritismo que lhes é atribuído. Com dois golos do prometedor júnior Pellegrin (uma revelação do futebol espanhol), a equipa local ficou apurada para a final, que amanhã se disputa. Ainda sobre o Múrcia, adiante-se que é uma formação poderosa (daí que seja favorita), tendo chegado à final do Campeonato Espanhol nas duas últimas temporadas. Em ambas as vezes viu-se «pulverizada» pela não menos portentosa equipa do Barcelona.

ARTUR JORGE NOS "STATES"

Os dólares constituem atracção para todos, e sobretudo, hoje, para quem sabe jogar a bola. Artur Jorge não hesitou e, ontem, partiu para os «States» em busca dessa moeda sonante. Até final da época já não pontificará no Belenenses (ao qual está «preso»), para cobrar, durante os próximos quatro meses, qualquer coisa como 27.500 dólares que, multiplicados por 40 renderão uns bons milhares de escudos (1100 contos).

Mas a equipa de Belém debate-se com mais problemas, enquanto pensa em reforçar-se para a próxima temporada com Norton de Matos. Entre esses «problemas» avultarão as saídas (dadas como muito prováveis) de João Cardoso e Melo (em Braga e em Guimarães?), e talvez as de Sambinha e Gonzalez, que parece estarem em negociações com o Sporting. É verdade?

PASSAPORTES abreu
Av. da Liberdade 160-LISBOA

Badminton: fronteira mais longe

A vitória dos jogadores soviéticos de badminton, na «Taça Helvética», causou particular surpresa aos numerosos especialistas estrangeiros que, na altura, visitaram Leninegrado. Com efeito, durante os 16 anos da sua história, jamais estes campeonatos foram ganhos por principiantes. Esta época, a vitória pendeu para os soviéticos, que a alcançaram nas condições da mais aguda concorrência.

Stella Molin (Suécia), presidente da Federação Internacional de Badminton, diz a respeito: — **O que vimos acontecer no torneio de Leninegrado, com as selecções da maior parte dos países onde o badminton só recentemente se começou a desenvolver, permitiu-nos descobrir desportistas promissores e permitiu-nos traçar as vias do progresso do Badminton: esperamos que esta modalidade se torne, com o tempo, uma disciplina olímpica. As vitórias dos desportistas soviéticos nestas competições, são um grande passo em frente para o desenvolvimento da disciplina.**

O badminton surgiu, na União Soviética, apenas em 1957, no decurso das competições que faziam parte do programa do «VI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes», em Moscovo. A partir de então, a indústria soviética acelerou a produção de raquetas, redes e outros materiais: milhares de crianças e adultos começaram a participar nas competições, cujas regras, a princípio, estavam simplificadas.

Foram criadas secções de badminton em numerosas cidades. Por exemplo: em Dniepropetrovsk (Ucrânia), os famosos Polina Dedik e Anatoly Gaiduk organizaram, no clube desportivo da fábrica de construções mecânicas, uma secção de badminton que ainda hoje dirigem.

O primeiro campeonato da URSS teve lugar em Moscovo, no ano de 1963. Mais tarde, começaram a organizar-se competições nacionais e campeonatos de juniores. Em certas cidades e Repúblicas Federadas, o badminton faz parte integrante das «Espartaquíadas», tradicionais dos estudantes. Actualmente, este jogo é praticado em todo o país: 5723 equipas, agrupando mais de 100 mil desportistas.

O carácter de massificação permitiu (naturalmente) melhorar a qualidade técnica dos jogadores. Os «melhores» do badminton soviético surgiram na arena internacional e realizam, hoje, encontros regulares com os «melhores» da Áustria, Inglaterra, RDA, Dinamarca, Índia, Malásia, Suécia, RFA, Checoslováquia, Paquistão, e outros países.

Em 1974, a Federação soviética aderiu à FIB, após o que os membros da selecção da URSS participaram no Campeonato da Europa (Irlanda-1976) e o Campeonato europeu de juniores (Dinamarca-1975).

— **Creio que o badminton soviético está em bom caminho** — disse Anatoli Gaiduk, principal treinador da selecção da URSS.

As competições da «Taça Helvética» revelaram (porém) algumas das nossas insuficiências. Estamos em atraso (por exemplo) nos pares, sobretudo femininos. Os nossos melhores (Vavilov, Péchékonov e Chevtchenko) já ultrapassaram os 30 anos, enquanto que os jovens ainda não atingiram a sua classe. Mas, podemos já elogiar Nadejda Litvintcheva (20 anos), de Dniepropetrovsk, campeã da URSS; Viatcheslav Chtchoukino, de Gorki (19 anos), medalha de prata no campeonato da URSS, e Svetlana Beliassova (18 anos), da cidade de Moguilev.

É sobre eles que recaem as nossas esperanças.

"Olímpicos" da RDA vão nadar em Aveiro

A Associação de Amizade Portugal-RDA, núcleo de Aveiro, com a colaboração da Associação dos Desportos, promove na próxima terça-feira, pelas 18 horas, na piscina daquela cidade, um treino conjunto com as escolas de natação do Clube Galitos e do Sporting Clube de Aveiro.

Colaboram nesta iniciativa, integrada na «Semana da RDA» os campeões olímpicos da República Democrática Alemã, Rosemarie Gabriel Kotter e Roland Mathes e ainda o técnico Hans Hampgeir.

No mesmo dia, pelas 20 e 30, os referidos atletas estarão presentes no Salão Cultural da Câmara Municipal para uma conversa sobre natação com a população de Aveiro.

PORTUGAL

Continuação da página anterior

tam-se amanha as regatas do Campeonato Nacional de Fundo, na distância de 5000 metros. Nas provas (que terão início às 15 horas) participam tripulações (atletas com mais de 18 anos) dos clubes campeões e vice-campeões regionais desta época, bem como os campeões nacionais do ano transacto, nas categorias de «yolle» e «shell de 8».

VOLEIBOL

Recomeçam os nacionais de voleibol. Jogos masculinos para hoje, na I Série: Esmoriz-Atlético, às 22 horas, no pavilhão de Esmoriz; Porto-Técnico, às 22 horas, no pavilhão das Antas. II Série: Leixões-Benfica, às 22 horas, no pavilhão Siza Vieira; Sp. Espinho-Nac. Ginástica, às 22 e 30, no pavilhão do Sp. Espinho.

Amanhã, na I Série: Porto-Atlético, às 16 horas, no pavilhão das Antas; Esmoriz-Técnico, às 17 horas, no pavilhão de Esmoriz. II Série: Leixões-Nacional, às 17 horas, no pavilhão Siza Vieira; Sp. Espinho-Benfica, às 17 e 30, no pavilhão do Sp. Espinho.

Hoje, em senhoras, na I Série: Sp. Braga-ACM, às 19 horas, no pavilhão do Sp. Braga; Leixões-Benfica, às 20 horas, no pavilhão Siza Veiga. II Série: Sp. Espinho-Atlético, às 18 horas, no pavilhão do Sp. Espinho; CDUP-CDUL, às 18 horas, no Universitário do Porto. Amanhã, na I Série: Sp. Braga-Benfica, às 15 horas, no pavilhão do Sp. Braga; Leixões-ACM, às 15 horas, no pavilhão Siza Vieira. II Série: Sp. Espinho-CDUL, às 11 horas, no pavilhão do Sp. Espinho; CDUP-Atlético, às 11 horas, no pavilhão do Universitário do Porto.

HÓQUEI EM PATINS

Oeiras-Novara "aquece" Estoril

Já chegou a Lisboa a equipa de hóquei em patins representativa do Novara, que esta noite (às 21 horas), no Pavilhão da Juventude Salesiana (Estoril), defronta o Oeiras, na segunda eliminatória da Taça das Taças da modalidade. Recorde-se a propósito que na primeira «manga» a equipa transalpina ultrapassou facilmente o «obstáculo» chamado Basileia «cilindrando» a equipa helvética em Novara (15-1) para empatar (e rodar alguns jovens) em Basel.

Orientada pelo que foi um dos mais extraordinários hoquistas transalpinos nos ultimos anos, o célebre Panagini (lembram-se daquele médio-atacante que nos tempos de Matos, Edgar, Cruzeiro, Lisboa, e mesmo Moreira, Carrelo, Adrião e Bouços, se impunha pela sua facilidade de movimentação e domínio da «madeira»?), a equipa do Novara, é praticamente amadora. No seu «einco» principal há dois nomes a reter: Fona e Battistella, dois internacionais. O último sénior, e Fona como junior e suplente selectivo dos melhores. Outros: o prometedor guardião Romusssi (do melhor que há na «bota»), Zafannetti e Borrini. Estes, em princípio, os elementos que descerão esta noite ao rinque da Salesiana inicialmente.

Uma equipa que se considera (ou é considerada?) praticamente amadora, embora, uma vez por outra, com o reforço de um profissional (e isso aconteceu recentemente, quando um dos seus directores decidiu contratar o nosso internacional Américo Solipa — que já lá não está), este Novara não é adversário lá muito fácil por mais evidente que seja a crise de valores ou de desenvolvimento que o patinado transalpino atravessa. Não tanto pelo facro de liderar o campeonato italiano (que quer ganhar para estar presente na próxima época, na Taça dos Campeões) — que não bastante significativo — nem pela sua experiência internacional, apesar de contar com Fona e Battistella. Mas, sobretudo, pelo empenho em impôr-se internacionalmente e as «informações» que tem do nosso hóquei e...do Oeiras. Por isso, já sabem que prioritário é «amordaçar» todo o «cinco» da «linha», sem grandes (amplas?) liberdades, e depois, com muito «carinho», marcar Salema e Carvalho.

Equipas prováveis:

OEIRAS — José Pereira Rosado I, Rosado II, Salema, Carvalho, Cristóvão, Russo e Piteira.

NOVARA — Romussi, Borrini, Fona, Battistella, Zafineti, Scachetti, Gibaldi e Giovani.

O embate é dirigido pelo catalão José Alvés e a anteceder o «prato forte» da noite teremos um programa de patinagem artística e um outro encontro entre os juniores do Oeiras e do Benfica. Entradas: sócios, 40$00, e não sócios, 60 escudos.

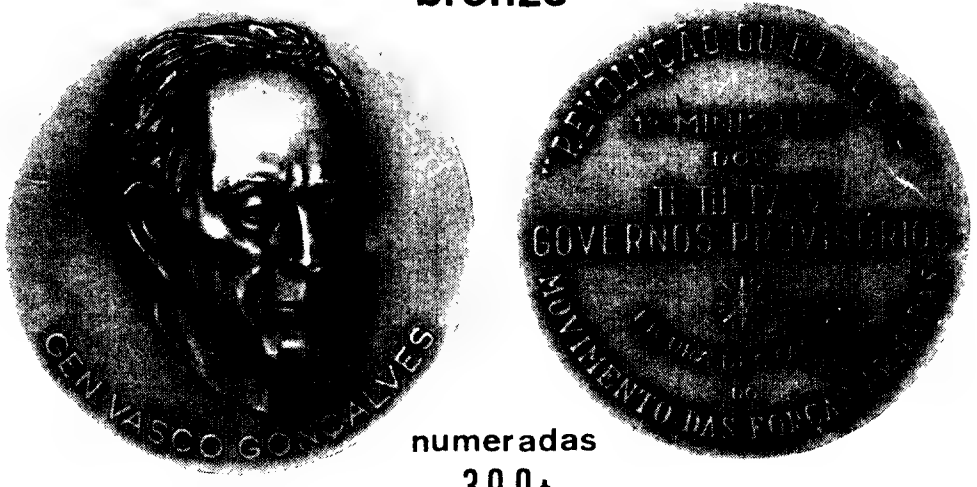
'REVOLUÇÃO OU REACÇÃO'

medalha sobre o general

VASCO GONÇALVES

modulo 80mm

bronze



anverso — reverso

numeradas

300$

pedidos ao

ATELIER

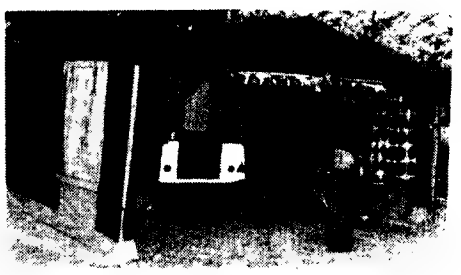
BELO MARQUES

R. TRINDADE 5-2.º dto

T: 37 12 54 LISBOA

envios sem encargos

ATRELADOS TENDA "MIRA 2000"



SUSPENSÃO TOTALMENTE APOIADA EM BORRACHAS

MONTAGEM E DESMONTAGEM RÁPIDA (cerca de 7 minutos)

2 QUARTOS DE CASAL E SALA — AVANÇADO INCLUÍDO — ÚNICO MODELO DO GENERO FABRICADO EM PORTUGAL

HENRIQUES & CASTRO, Lda.

Sede: Estrada de Benfica, 398 A/B

Telef. PPC 78 30 42/3 - 74 05 25/6 LISBOA 4

TDK

ESTEREOSOM

Avenida Duque d'Ávila, 56-A - Telefone 560563 - LISBOA-1

Novos directores da Judiciária

Tomam posse amanhã os novos directores da Polícia Judiciária, que serão empossados pelo ministro Almeida Santos.

O lugar de director daquela polícia será ocupado pelo dr. António Gomes Lourenço Martins, e os de directores-adjuntos pelos drs. José Augusto Sacadura Garcia Marques e Mário Gomes Dias.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

mo nós, muitos milhares de pessoas. Muitos milhares de pessoas seriam ganhas para este desporto do lazer, se a Televisão atentasse mais nele. Haja em vista o que sucedeu com o desenvolvimento do ténis, em Espanha, que deve muito à TVE.

É certo que, na citada emissão, pareceu que a maior preocupação era martelar os olhos com a publicidade. Mas enfim, o pingue-pongue sempre ganhou alguma coisa.

Muitas saudações amigas destes amigos que não o conhecem.

Angelina Anjos (Porto) — o nome é mesmo assim, não é brincadeira. **Anjos** vem do meu marido. O casamento dá estas coisas engraçadas.

SOBRE MACAU

Leio sempre com muito agrado o seu «Canal da Crítica» e desta vez resolvi também dar uma achega ao seu «Escuridão em Terça à Noite».

Venho falar-lhe da entrevista, se tal se pode chamar, que o sr. governador de Macau deu na TV e em que era interlocutor o sr. Letria.

Também eu estive em Macau, antes e depois do sr. Garcia Leandro; como eu, muitos portugueses por lá passaram e estranham por certo que, todas as vezes que se fala de Macau no intuito de esclarecer a «população portuguesa», não se diga absolutamente nada.

Quando se ouve uma «entrevista» deste teor fica-se com a ideia de que aquilo é um paraíso.

Fala-se da China, onde nunca se foi, refere-se a política chinesa que conseguiu matar a fome a cerca de 900 milhões de habitantes, mas não se fala no modo de vida da grande maioria dos 300 mil habitantes de Macau.

E no entanto vive-se lá, dia-a-dia, com a miséria à porta. Não se fala por exemplo, na miséria do Porto Inferior, da Ilha Verde, do Bairro do Patané e outros; não se diz que em Macau há grande percentagem de cegos devido tão-somente a deficiência alimentar; ignoram-se os jovens que diariamente vão às aulas às oito da manhã, sem terem comido nada por nada terem para comer. Não, não se fala disto e de outras coisas que existiam antes do 25 de Abril e continuam a existir infelizmente.

Isto e muito mais o sr. Letria deve ter visto quando lá foi e se nunca o revelou no seu «O Jornal», porquê então esta entrevista chocha?

. Ficamos todos a saber que os investimentos vão de vento em popa e que o nosso vinho sai aos garrafões de 5 litros para o Japão; só não sabemos se isso contribui para melhorar a sorte dos trabalhadores chineses que, a troco de um salário baixíssimo, trabalham entre 10 a 16 horas por dia, sem descanso semanal.

Enfim, tudo está muito bom em Macau, no dizer do sr. governador; assim sendo porquê então a crise de desemprego? Porquê muitas alunas aproveitáveis abandonam os estudos e vão servir à mesa do café do Hotel Lisboa? Se calhar é o excesso de bem-estar que têm em casa que as obriga a isso!

Quanto à política e aos partidos, claro que não vale a pena falar nisso, até porque o «tempo não chega».

Ninguém diz porque razão o CDS viceja e frutifica em Macau; talvez por ter sido o único partido que encontrou condições para lá fazer a sua propaganda, mas não só!

. Ninguém diz que o 25 de Abril se traduziu para Macau em mais opulência nas despesas públicas, em mais «tachos» para os europeus idos de Lisboa, os ditos técnicos...

Benefícios houve, mas apenas para a camada mais reaccionária, que à conta de uma linguagem cínica de «amor, pão, liberdade e horror ao revisionismo», conseguiu ver reforçadas as suas posições de privilégio.

O sr. governador afirma que os chineses votam pouco e já terá tentado saber porquê? Entretanto diz-se que as relações entre portugueses e chineses são boas, só não sabemos quais são os portugueses e chineses que usufruem dessas boas relações e em que se traduzem elas.

Enfim, fala-se, mas nada se diz, omitem-se os problemas reais da população.

Assim vai Macau após o 25 de Abril!

M.A.F. (Porto)

MAP requisita...

. **Mais 245 hectares de regadio foram requisitados a cinco cooperativas, na freguesia de Alvalade, do Sado, concelho de Santiago de Cacém, segundo determina um despacho do secretário de Estado da Estruturação Agrária publicado ontem no «Diário da República».**

De acordo com o mesmo despacho essas terras retiradas às cooperativas «Conqueiros», «Unidos Venceremos», «Carvalhal», «Revolução em Marcha» e «Fidel de Castro» vão ser entregues a serrareiros de campanha.

Em ALHOS VEDROS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODERNA

PUB

COMUNICADO AOS TRABALHADORES ABRANGIDOS PELO SECTOR DE ARMAZENISTAS DE MERCEARIA, IMPORTAÇÃO, COMÉRCIO, EXPORTAÇÃO E ARMAZENAGEM DE FRUTOS HORTÍCOLAS, ARMAZENAGEM E EXPORTAÇÃO DE AZEITES

Camaradas,

Na reunião de conciliação realizada hoje, dia 15 de Abril, a CSN não aceitando a posição radical e provocatória dos patrões reafirmou mais uma vez que desejava continuar a conciliação, posição aliás apadrinhada pelo representante do Ministério do Trabalho.

ASSIM A C. S. N.

1. Considerando as datas sugeridas para início de formas de luta, nomeadamente em Plenários de Trabalhadores de Lisboa e Porto;
2. Considerando que está marcada nova reunião no Ministério de Trabalho para a próxima terça-feira, dia 19 de Abril

INFORMA

Os Trabalhadores que devem manter-se atentos às informações dos respectivos Sindicatos, pois após a citada reunião no Ministério do Trabalho, os Sindicatos reunirão na tarde desse mesmo dia para elaborarem um calendário de Plenários, a nível nacional de tomar formas de luta definitivas para a resolução do nosso C. C. T. V.

NOTA: A C. S. N. aproveita para convocar todos os Sindicatos outorgantes deste CCTV para a reunião inter-Sindicatos, a realizar na 3.ª feira, dia 19, às 15 horas, em Lisboa, na Av. da República, n.º 31 . Sede do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa.

Lisboa, 15 de Abril de 1977

A COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, o vento era fraco e havia neblina ou chovia em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	11º
LISBOA	14º
FARO	17º
FUNCHAL	17º
PENHAS DOU.	9º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS

Máxima **22,5º**

IGUEIRA CAST. RODRIGO

Mínima **8,6º**

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.45	4,0 m	7.30	1,1 m
14.08	3,9 m	19.45	1,1 m
DIA 17			
2.24	4,0 m	8.02	1,1 m
14.45	4.0 m	20.18	1.0 m
DIA 18			
3.01	4.0 m	8.33	1.0 m
15.19	4.0 m	20.50	1.0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento geralmente fraco; aguaceiros ou possibilidades de trovoadas isoladas; neblina ou nevoeiro durante a madrugada e manhã.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.58
OCASO ÀS 20.15

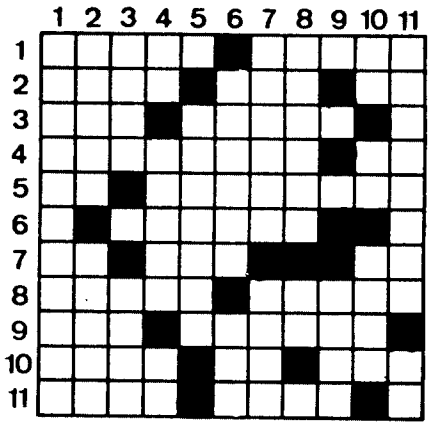
Dia 18 Dia 26 Dia 3 Dia 10

Palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 11720

HORIZONTAIS

1 Resumo escrito do que se disse ou se fez numa circunstância mais ou menos solene. Formais as abas a.
2 Planta têxtil do Ceará. Liga. Quinto filho de Jacob.
3 Víscera dupla. Nome de mulher.
4 Preso com elos. Nesse lugar. Vossa Alteza.
5 Oferece. Efeminar.
6 Acarinhas.
7 Pronome pessoal. A parte podre da madeira (Prov). Aqui.
8 Nome de homem. Mulher bela e provocante (pop).
9 Tempo do verbo ir. Excitar desejos imoderados em.
10 Cidade das ilhas Baleares. Átomo. Lista.
11 Rio da França e da Alemanha. Molesto.



VERTICAIS

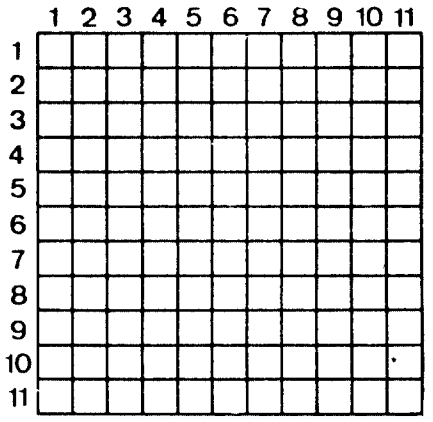
1 Crias.
2 Criança até aos 12 anos, aproximadamente (Bras). Incolerizara.
3 Conquista. Filho de Celo e de Vesta e irmão de Saturno.
4 Em partes iguais. Domesticou. Alteza Real.
5 Moderato. Apre!
6 Nota musical. Vendeiro (ant.) Óxido de cálcio.
7 Desvairada. Pessoa baixa e atarracada.
8 Derrotavas. Caminhar.
9 Invulgar.
10 Idem. Vossa Alteza. Sonolência no último grau do estado comatoso.
11 Grande samarra. Lutécio (s.q.).

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7780

HORIZONTAIS

1 Africano. Causais amuo a.
2 Tombara. Nome de mulher.
3 Fedor. Facto. Milímetro.
4 Basta. Patas. Cidade de França.
5 Alteza Real. Esposa de Abraão, mãe de Isaac.
6 Bispos.
7 Batráquio. Rebanho. Madeira.
8 Arqueara. Batráquio anuro.
9 Ofício divino. Cria.
10 Utensílio doméstico. Desconfiado (Bras).
11 Acometessem subitamente.



VERTICAIS

1 Respeita. Ladeira.
2 Cavalo ou égua de tamanho mediano e leves. Hilotas.
3 Esteiro. Aragem. Césio (s.q.).
4 Sufixo que designa estado. Gelhas.
5 Misto anestésico de álcool, clorofórmio e éter. Apelido.
6 Queimada. Átomo.
7 Conjunção, Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Grande.
8 Graúdo. Letra grega. Pronome possessivo.
9 Autores. Espantaras.
10 Cânhamo de Manila. Bolo de farinha de arroz e azeite de caco.
11 Fingido. Dois mil em romano.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11719

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Acab. Ríamos.	1 Acata. SONHA.
2 CADA. Arcara.	2 Canecas. Iam.
3 Anila. Aer.	3 Adi. Ou. SS.
4 Te. Impor. UM.	4 Balir. Casca.
5 Açor. Arna.	5 Am. COMO.
6 Au. CIV. Ião.	6 Rã. Puir. Há.
7 SS. Corina.	7 Irão. VIVE.
8 Sam. Venal.	8 Acera. Negai.
9 Nisso. Ega.	9 Mar. Riana.
10 Há. Pé.	10 Or. Ps.
11 Amparanas.	11 Salmão. Lhe.

PROVÉRBIO: CADA UM SONHA COMO VIVE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7778

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Acre. Bala.	1 Afago. Amada.
2 Foi. Gas. Sim.	2 Coser. Fanar.
3 Ás. Balau. Ge.	3 Ri. Macio.
4 Gema. Ao. Man	4 Barrasses.
5 Oraras. Bara.	5 Ga. Ais. Aí.
6 Cri. Cãs.	6 Falas. Eu.
7 Afias. Arcar.	7 São. Cardar.
8 Mãos. Errata.	8 Barraca.
9 An. Saudaras.	9 As. Mascaram.
10 Datai. Aca.	10 Ligar. Ata.
11 Ar. Aramas.	11 Amena. Rasos.

farmácias de serviço

LISBOA

ALCÂNTARA, Av. da República, 74-A (Tel. 771379)
AGUIAR, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98 A (Tel. 764629-678343)
ALAMEDA, Alam. Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942)
BARRETO, Rua do Loreto, 24-30 (Tel. 227284)
CENTRAL DA LAPA, Rua dos Navegantes, 10 (Tel. 661734)
CHINDE, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 890331)
EUSIL, Rua Barão de Sabrosa, 104 (Tel. 841912)
FINDOR, Rua D. Maria Pia, 514, (Tel. 687949)
GALENO, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tel. 774920)
GOMES, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A (Tel. 682333)
HIGILUX, Rua de Pedrouços, 50-52 (Tel. 610280)
INTENDENTE, Largo Intendente Pina Manique, 50 (Tel. 547838)
LÍBIA, Av. da Igreja, 4-B-C (Tel. 891681)
LOPES RIBEIRO, R. do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288)
MÃDRE DEUS, Rua Margem, 15-B (B. Grilo) (Tel. 382470)
MARQUES, Estrada de Benfica, 648 (Tel. 700096)
ORIENTE, Rua Lopes, 120 (Tel. 843381)
PAES, Rua Abade Faria, 22-A (Tel. 723965)
PANCADA, Rua Rebelo da Silva, 9 (Tel. 43340)
REBOCHO, Rua Ten.-Cor. Ribeiro dos Reis, 12-B (Tel. 743871)
SAGRES, Av. Luís Bivar, 69-71 (Tel. 547213)
SALUTAR, R. B., 75-A-B (B. Liberdade) (Tel. 683694)
SILVA, C.ª Santo André, 16 (Tel. 862074)
UNIFA, Rua da Vitória, 21 (Tel. 323792)
URBANO FREITAS, Rua Silva Carvalho, 1-9 (Tel. 662838)
ZEMA, Rua General Justiniano Padrel, 21 (Tel. 832580)
ZIRA, Praça Casas Novas, lote 66 (B. Encarnação) (Tel. 311216-310172)

Permanente

CHINDE, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 890331)
AGUIAR, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Tel. 764629-768343)
EUSIL, Rua Barão de Sabrosa, 104, (Tel. 841912)
FINDOR, Rua D. Maria, 514, (Tel. 687949)
LÍBIA, Av. Igreja, 4-B-C (Tel. 891681)
ALAMEDA, Alam. Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942)
REBOCHO, Rua Ten.-Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B (Tel. 743871)
SALUTAR, Rua B. 75-A-B (B. da Liberdade) (Tel. 683694)
UNIFA, Rua da Vitória, 21 (Tel. 323793)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 211207)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. eng. Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 22 horas
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485 Até às 24 e das 0 às 9 horas)
PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785) Até às 24 e das 0 às 9 horas
AMOREIRA
Amoreira, (Tel. 282313-267314) Até às 22 horas
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191) Até às 21 horas
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078) Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161) Serviço permanente; **Clabel,** R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551) Até às 22 horas; **Amadora,** P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) Até às 22 horas
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
RIO DE MOURO
Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (Tel. 293058)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250)
BAIXA DA BANHEIRA
Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (Tel. 204946)
BARREIRO
Moderna, R. Henriqueta Gomes Araújo, 259 (Tel. 2073012) Até às 19 horas; **Central,** Av. Alfredo Silva, 48 (Tel. 2073207) Serviço permanente **ALMADA**
Central, R. de Olivença, 11-B (Tel. 2750504)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (T. 2764466)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028)
SETÚBAL
Costa, L. da Misericórdia (Tel. 22760); **Brasil,** P. do Brasil (Tel. 24788)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

CLÉRIGOS, Rua dos Clérigos, 36 (Tel. 315394).
CRUZ, Rua de Costa Cabral, 1082 (Tel. 480041)
MAIA, Rua do Campo Alegre, 192 (Tel. 64450)
BOTELHO, Rua da Alegria, 863 (Tel. 480069)
ESTÁCIO, Rua S. da Bandeira, 120 (Tel. 22664)
GUARANI, Rua Pedro Hispano, 367 (Tel. 62250)
MENESES DE LIMA, Praça dr. Pedro Teotónio Pereira, 227 (Tel. 51764)
LIDADOR, Rua do Lidador, 171 (Tel. 683739)

(De dia e toda a noite)

CAMPOS, Rua Padre Luís Cabral, 943 Foz (Tel. 680113)
MONTE DOS BURGOS, Rua Monte dos Burgos, 802 (Tel. 62279)
ALIANÇA, Rua da Conceição 2 (Tel. 24203)
ALVES MOREIRA, Av. Rodrigues da Freitas, 167 (Tel. 51889)

COIMBRA

DIAS FERREIRA, Bairro da Solum (Tel. 72120)
FIGUEIREDO, Rua da Sofia, 107 (Tel. 22837)

cinemas

ALVALADE
Tel. 897480
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
5.ª Semana
Magia, sonho, beleza e Alegria!
Walt Disney apresenta
A ESPADA ERA A LEI
Para todos
Falado em Portugues

APOLO 70
Tel. 763319 14.15, 17.45 e 21.15
N. Acons. men. 13 anos
BARRY LYNDON
8.ª Semana
um filme de Stanley Kubrick
As 0.30h - Grupo D. m. 18 anos
A GRANDE FARRA

AVIS
Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.15h
Int. men. 18 anos
O primeiro e único monstro das artes marciais
O HÉRCULES CHINÊS

BERNA
Tel. 776098 15.00, 18.00 e 21.15
Um espectáculo de rara distinção!
A HISTÓRIA DE CINDERELA
3.ª Semana
com Richard Chamberlain, Gemma Craven
Para todos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

CALEIDOSCÓPIO
Te 795093
Hoje sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Clássicos do Western
DUELO AO SOL
com Gregory Peck Joseph Cotten, Jennifer Jones
Grupo C (14 anos)

CASINO ESTORIL
Tel. 264521 17 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
1900 (1.ª parte)

CASTIL
Tel. 630194 15. 17. 19 e 21.15 h.
Annie Girardot é
A FEMINISTA
Com Bernard Fresson. Um filme de Serge Korber
Não acons. a menores de 18 anos
Hoje às 24.00 em antestreia
A REDENÇÃO
Interdito a menores de 18 anos

CONDES
Tel. 322523
14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Kalur Bedié
O CORSÁRIO NEGRO

EDEN
Tel. 320768 14, 16.30, 19.00 e 21.15
Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss
TUBARÃO
(JAWS)
2.ª Semana
Um filme de Steven Spielberg
Não acons a men de 13 anos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

ESTÚDIO
Tel. 535134
14.30, 16.45, 19 21.15 e 24 h
Para todos
O PEITO OU A PERNA
O novo filme de Claude Zidi

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 15. 17. 19. 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MULHER SENSUAL

IMPÉRIO
Tel. 555134/5 15.15, 18.30 e 21.15
Na cidade corrupta, um homem incorruptível!
Enrico Maria Salerno em
A POLÍCIA AO SERVIÇO DO CIDADÃO?
Interdito a menores de 18 anos

LONDRES
Tel. 801313 **14.15, 16.30, 19 e 21.15**
Não acons. a men. de 18 anos
O INTRUSO
5.ª semana
c/ Laura Antonelli
4 a semana
um filme de Luchino Visconti
Hoje às 24 h
Não acons. men 13 anos
A RIVAL

MUNDIAL
Tel. 538743 15.15, 18.15, 21.30
TAXI DRIVER
Palma de ouro - Grande Prémio Festival de Cannes

NIMAS
Tel. 574362 14.15, 16.30 18.45 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
Um documento único, real e importante
HOMENS E TUBARÕES
o filme de Bruno Vailati
Hoje à meia-noite
UMA NOITE NA ÓPERA
com Irmãos Max

ODEON
Tel. 326283 **15.15, 18.15 e 21.15**
Não acons. men. 18 anos
(Colorido)
SURVIVE

PATHÉ
Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. men. 13 anos
O CORSÁRIO NEGRO
Da célebre novela de Emidio Salgari
c/ daylle Maddon

POLITEAMA
Tel. 326305 15.00, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
MOISÉS O PROFETA
c/ Burt Lancaster
em 2.ª semana

RESTELO
Tel. 610375 Às 21.15
Não acons. men. 13 anos
OS HOMENS DO PRESIDENTE

ROMA
Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. m/ 18 anos
Um caso veridico!
SURVIVE
Epopeia dos Andres

ROXY
Tel. 48560 14.15, 17.45, 21.15
Da India uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
Um filme de Nasir Hosain
4.ª Semana
Não acons. a men. de 13 anos

S. JORGE
Tel. 554153/4 15.15, 18.15, 21.15
5 «Oscars» da Academia Britânica!
BUGSY MALONE»
Música de Paul William
3.ª Semana
Não acons. men. 13 anos

STADIUM (Algés)
Tel. 2112544 15.30
Semana de Ficção Científica
VIAGEM FANTÁSTICA
(M. 10 anos)
As 18.00 21.30
LARANJA MECÂNICA
Às 00.15
A 10.ª VÍTIMA

TIVOLI
Tel. 570595 14.00, 17.45 e 21.45
3.ª semana
Não acons. a men. de 13 anos
BEN-HUR
c/ Charlon Heston-Jank Hawkins, Haya Hararelt
4.ª Semana
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

UNIVERSAL
Tel. 774402
Ás 15, 18 e 21 h.
«1900» (2.ª parte)
Um filme de Bernardo Bertolucci
Não acons. m/ 18 anos)
Sexta e sábado às 24 h.
«1900» (2.ª Parte)

D. JOÃO V DAMAIA
Tel. 971794 Às 21.15
Grupo A (M. 6 anos)
O SOLDADO AVENTUREIRO

espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.30, 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»
MARIA MATOS
21.30 (18 anos)
«O Encoberto»
VARIEDADES
20.30 - 22.45
«Isto é que me Dói»
LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»
TEATRO BAIRRO ALTO OS CÓMICOS
21.30 (18 anps)
«Magic Afternoon»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Aqui quem Manda sou Eu»
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Em Águas de Bacalhau»
ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Paródia»
COMUNA
21.30 (13 anos)
«Gioconda perdeu o Sorriso»
TRINDADE
21.30 (13 anos)
«1383»

LISBOA/Cinemas

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«O Sexto Continente»
PARIS
21.15 (18 anos)
«Vou fazer um Filho e Volto Já»
EUROPA
21.15 (18 anos)
«A Agressão»
JARDIM
21.15 (13 anos)
«Perfume de Mulher»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«A minha insaciável cunhadinha»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«A Estalagem do Prazer»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Laços Escaldantes»
OLÍMPIA
Sessões permanentes (18 anos)
«O Jogo do Ouro»
CINEARTE
21.00 (18 anos)
«O Duelo das Águias»
RESTELO
21.15 (13 anos)
«Os Homens do Presidente»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Rapariga para Casal Precisa-se»
SATÉLITE
21.15 (18 anos)
«Morte em Veneza»
CALEIDOSCÓPIO
21.15 (14 anos)
«Duelo ao Sol»
ROYAL
21.15 (13 anos)
«Vitória em Entebe»
CINE-AUDITÓRIO
21.15 (13 anos)
«A Vida por vezes é Dura»
VOX
21.15 (13 anos)
«Moisés, o Profeta»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«A Beira do Fim»
PAREDE
Royal
21.15 (18 anos)
«As 3 Perfeitas Casadas»
PAÇO DE ARCOS
Chaplim
21.15 (14 anos)
«Deus Perdoa... Eu não»
ESTORIL
alácio
21.15 (13 anos)
«Os Homens do Presidente»
CASCAIS
José
21.15 (18 anos)
«O Importante é Amar»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Irmão contra Irmão»
MEM MARTINS
ineChaby
21.15 (18 anos)
«De Arma em Punho»
AMADORA
inestúdio
21.30 (6 anos)
«A História da Cinderela»

OUTRA BANDA

ALMADA
cademia
21.15 (18 anos)
Cinema — «1900» — 1.ª parte
ALMADA
ncrível
21.15 (6 anos)
«O Mercenário da Avenida»
TRAFARIA
avilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Rollerboool»
ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«Os Preços»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«20.000 Léguas Submarinas»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Homens e Tubarões»
BATALHA
21.15 (13 anos)
«Moisés o Profeta»
OLIMPIA
21.15 (18 anos)
«Brigada Feminina»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Lucky Lady»
ESTÚDIO 400
21.15 (6 anos)
«Os Malucos vão à Guerra»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«S. Francisco Cidade nua»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«Sofrimento de amor»
CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Tudo Vai Bem»
ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Tubarão»
S. JOÃO
21.00 (18 anos)
«Professor na Cama»
SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«A Iniciação de Flossie»
JÚLIO DINIS
21.15 (12 anos)
«Mulheres e recrutas»
SALA BEBÉ
21.15 (18 anos)
«Casy Rider»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os Mistérios do Organismo»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Voando sobre um ninho de cucos»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Ivan, o Terrível»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Borsalino e C.ª»
AVENIDA 21.15 (13 anos)
«Lutador da Rua»
TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Tubarão»

rádio

1.º Programa

16.10, Avaliação escolar, Música variada; **17.00,** «Futebol»: Relato da 2.ª parte dos jogos «Leixões-Boavista» — Atlético-Braga» e «Cuf-Farense»; **18.00,** «Música portuguesa»; **19.00,** Cantorias; **19.30,** «O que tenho para dizer», pelo Professor Vitorino Nemésio; **19.40,** Música variada; **20.00,** «Jornal da noite»; **20.30,** Orquestras; 21.00, 5.º episódio do Folhetim «a mordaça», de Alfonso Sastre, numa adaptação de Maria Arlete Reis; **21.12,** «Contraponto»; **00.00,** «Último Jornal»; **00.03,** Conjuntos; **01.00,** Conjuntos; **01.00,** «Musica na noite»

3.º Programa-Nacional e Regional-(290m)

16.00, «Variante» (continuação); **16.10,** Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.20,** Cinema em variante, por Carlos Pina; **17.10,** Prevenção e saúde, pelo dr. Sousa Pereira (repetição) **17.30;** Pão pão, queijo queijo»; **18.00,** «Contacto»; **18.20,** Títulos de 1.ª página, **18.30,** Actualidade, **18.45,** Fórmula 1; **19.05,** Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **19.35,** A lei em que vivemos, pelo dr. Ruy Moura Gurdes (repetição); **20.10,** Antologia, **20.20,** Pesquiza; **20.30,** «Quando o telefone toca»; **21.00,** A música e as vozes; **21.15,** Hora Luterana, **21.30,** «Quando o telefone toca»; **22.30,** Hoquei em patins — Relato do jogo Oeiras-Novara; **23.30,** «Quando o telefone toca»; **00.15,** «Dia a dia com o passado»; **02.00,** Fecho

4.º Programa-emissão total em estereofonia

19.00, «Em órbita»; **20.00,** Programa da noite; **22.00:** Auditório»; **24.00,** «Prisma»; **02.00,** Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00, Noticiário; **16.05,** Sequência da Tarde; **18.08,** Apelos; **18.15,** Igreja em Notícia-Palavra do Dia; **18.30,** Transmissão do Terço (Porto); **19.00,** Programa da Liga dos Amigos de RR; **20.00,** Objectivo; **20.54,** Apelos; 21.05; Pentagrama; **22.00,** Quando o telefone toca; **22.30,** Temas Vivos; **23.05,** Última Hora; **23.30,** Mundo do Trabalho; **23.55,** Meditando; **01.00,** Rotação; **02.00,** Encerramento da Estação

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. "DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

PSICOLOGIA (PORTO)

Alunos tentam avistar-se com Sottomayor Cardia

PORTO, 16 — Os estudantes do curso de Psicologia vão tentar avistar-se esta noite com Sotto Mayor Cardia que na Escola Ramalho Ortigão proferirá uma palestra sobre educação. Objectivo: entregar uma contraproposta reivindicando a revogação dum despacho de 24 de Março que impõe a efectivação de novos testes de reavaliação para os alunos do 2.º ano, aprovados no ano passado, segundo as normas em vigor na Faculdade de Letras.

Esta medida foi decidida em RGA efectuada ontem à tarde na qual se definiu o dia 19 (até às 15 horas) como prazo limite para a resposta ministerial. Para aquele mesmo dia ficou marcada nova RGA para análise da situação e hipotéticas tomadas de posição.

Naquela reunião os estudantes decidiram também boicotar pré-inscrições entendidas como manobra para dividir os estudantes. Saliente-se que os 408 alunos daquele curso estão já devidamente inscritos e matriculados, com propinas pagas, conforme consta dos processos existentes na Secretaria Geral da Universidade.

Na sua última reunião as Associações de Estudantes de todas as faculdades solidarizaram-se com a luta que tem vindo a ser desenvolvida, enviando telegramas de protesto aos órgãos de poder pela injustiça da medida do MEIC.

Note-se que cerca de um terço dos alunos do curso de Psicologia são estudantes-trabalhadores.

NAVIO ALEMÃO SOB CUSTÓDIA

Suspeita-se de contrabando de armas e droga

Por suspeita de trazer nos porões uma carga ilegal de armas e droga, encontra-se sob a custódia da Guarda Fiscal e dos serviços de Alfândega do Porto de Lisboa, o cargueiro «Hermann Wesch», com matrícula de Hamburgo, Alemanha Federal e que desde as 8.30 de ontem está acostado ao cais norte da doca de Alcântara.

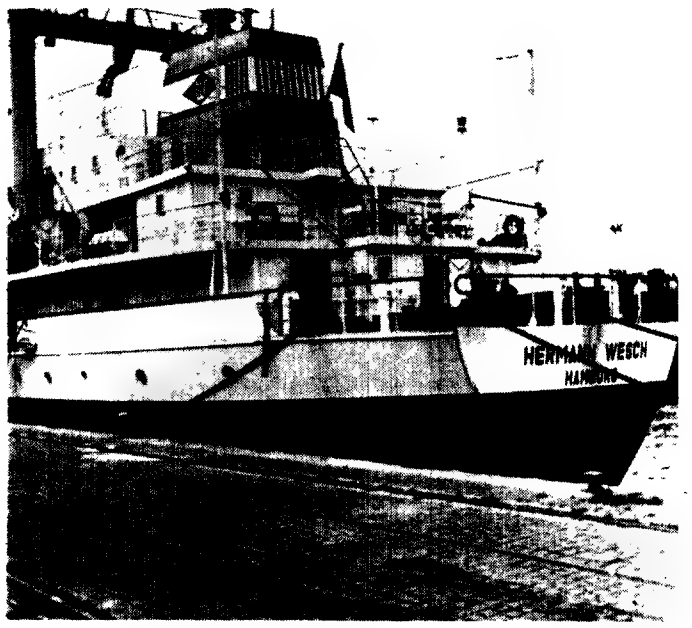
O alarme dirigido aos serviços alfandegários, foi dado numa nota confidencial da Guarda Fiscal, na qual se afirmava «que haveria navios com contentores a entrar em Lisboa com a hipótese de trazerem contrabando de tabaco e armas.» A suspeita da droga surgiria mais tarde, não se sabe se fundamentada em alguma outra denúncia.

O «Hermann Wesch» saiu há cerca de vinte dias de Durban, na África do Sul, com uma carga de veículos usados pertencentes a retornados de Moçambique.

Em conversa esta manhã com funcionários da Alfândega, foi-nos dito que, até que a carga seja verificada, a custódia mantém-se, assim como a suspeita. «Pode ser que estejamos enganados» — disse-nos um dos funcionários. «De qualquer modo, a verificação da carga não será feita, como de outras vezes, por simples amostragem, mas intensivamente.»

Trabalhadores do porto de Lisboa, com quem contactámos, disseram-nos que a tripulação se mostrava «por vezes pouco tranquila.»

Fomos igualmente informados pelos serviços alfandegários, que só na próxima segunda-feira o assunto poderá ser definitivamente aclarado, visto que a carga em questão, se encontra no fundo dos porões. Entretanto, e por agora, o «Hermann Wesch» é um barco suspeito.



O «Hermann Wesch», suspeito de contrabando, acostado aos cais da Rocha, esta manhã

CUNHAL DE REGRESSO DE PARIS

Facilitada a cooperação entre o PCP e o PCF

Regressou a Lisboa, na madrugada de hoje, o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, que esteve durante quatro dias em Paris, a convite do Partido Comunista Francês.

Das declarações prestadas aos órgãos de Informação, afirmou terem sido reforçados os laços de solidariedade com o PCF, sublinhando que «será mais fácil no futuro concretizar a cooperação entre os dois partidos». Durante a sua visita a Paris estabeleceu ainda contactos com o Partido Socialista e o Movimento Radical da Esquerda.

Interrogado sobre a recente decisão da cúpula do PS apoiar a Carta Aberta que, em Paris, Cunhal classificou de «carta jogada, carta perdida», afirmou o secretário-geral do PCP: «Isso não conduz a nada que efectivamente possa facilitar nem a unidade dos trabalhadores nem tão-pouco a tarefas de um partido que tome tais medidas» (proibir os militantes socialistas de participarem nas actividades da Inter-CGTP).

Ainda em Paris, afirmaria Álvaro Cunhal que é necessário «vencer as barreiras que se estabeleceram entre os portugueses que são democratas» assim como é necessário, disse Cunhal, «sabermos encontrar as plataformas necessárias para nos entendermos, todos aqueles que queremos defender a liberdade e a democracia em Portugal».

Em relação ao conflito do Zaire, Cunhal, defenderia, no decorrer da conferência de Imprensa, que o «povo do Zaire deve poder decidir o seu destino sem intervenções estrangeiras. Há que respeitar esse direito».

Quanto ao Mercado Comum classificou-o como uma «associação de países onde domina o capitalismo monopolista».

SEGUNDO SOUSA E CASTRO

"Não há conflito de competências entre os tribunais civis e militares"

«Não há, nem poderá haver», segundo o porta-voz do Conselho da Revolução, «qualquer conflito de competências entre os tribunais civis e os tribunais militares nos casos em que os processos instruídos nos últimos devam passar para os tribunais civis, em função do que determina o novo Código de Justiça Militar, publicado no passado dia 10.

De acordo com o que a Constituição prevê no articulado do artigo 32.º, não é possível que um processo transite do foro militar para o civil sem que tenha sido concluído no primeiro, e vice-versa. Sousa e Castro observou, ao ser-lhe posta ontem a questão, à entrada para a reunião do CR, que essa tinha sido de facto, a questão de fundo colocada àquele órgão de soberania quando da publicação do CJM.

«Mas essa norma constitucional» — acentuou o porta-voz do Conselho da Revolução — «deve ser aplicada, não a um documento que implicitamente não está adaptado à Constituição — até porque é obrigatoriamente revisto —, mas sim a uma situação normal de jurisdição adequada às normas constitucionais».

«Esta — acrescentou — é uma das interpretações, mas há outra. De qualquer maneira, se conflitos existirem serão resolvidos por legislação adequada, dado que a própria Assembleia da República já autorizou o Governo a legislar nesse sentido».

O novo CJM prevê, também, a prisão preventiva disciplinar, aspecto que, segundo juristas e observadores, não se amolda à Constituição. A questão também foi posta ao capitão Sousa e Castro, que assinalou:

«É evidente que nós não consideramos assim. Entendemos que a prisão disciplinar, como mecanismo disciplinar, continua e vai continuar a existir nas Forças Armadas Portuguesas. É um ponto controverso, mas do qual o CR não abdicou. Aliás, todos os militares o sabem, e também os civis, aqueles que passaram pelas fileiras militares, que se não existissem esses mecanismos para impor a disciplina militar (e esse mecanismo é o RDM) o aparelho militar não funcionava».

Além da questão das licenças a que todos os militares terão direito, sem que em tal pese o bom ou mau comportamento («os militares, doravante, terão o seu descanso anual, tal como os outros trabalhadores,», afirmou ainda Sousa e Castro) — o CR debruçou-se sobre oito diplomas e projectos de diploma relativos ao Arsenal do Alfeite, à missão territorial portuguesa, à disposição do Estatuto do Oficial do Exército (projecto de decreto-lei), à alteração da assistência aos tuberculosos das Forças Armadas, do Serviço de Informática das FAs, à direcção de serviços de Educação Física, às casas de renda económica para os militares regressados a Portugal, e por fim, aos cargos de juiz militar e promotor de justiça nos tribunais militares.

O porta-voz do Conselho da Revolução desmentiu ainda boatos divulgados por um jornal de direita, segundo os quais o capitão Marques Júnior teria pedido a demissão de membro do CR.

Conselho da Arma de Infantaria não se demitiu

Não se demitiu o Conselho da Arma de Infantaria, segundo informações hoje conseguidas junto do porta-voz do Estado-Maior do Exército.

Notícias ontem divulgadas pela RDP, apontavam como possível a demissão da Direcção da Arma, informação que não tem sentido, segundo nos afirmou o mesmo porta-voz, em termos militares.

O que poderia acontecer era a demissão do Conselho da Arma, que não se verificou.

O mesmo informador confirmou ao «DL» a promoção ao actual posto do coronel Lemos Pires, ex-governador de Timor, negando no entanto que aquele oficial superior tenha sido nomeado para chefe da 5.ª Divisão do EMGFA.

As notícias divulgadas pela RDP e posteriormente difundida pela ANOP anunciavam uma crise na Arma de Infantaria a propósito da promoção do coronel Lemos Pires, crise que fica desde já despoletada pelos desmentidos do EME.

Entretanto, foram já colocados alguns dos oficiais que tinham sido afastados do serviço activo depois do 25 de Novembro. Assim os majores Barão da Cunha e Serra, que prestaram serviço no antigo COPCON, trabalham na Direcção da Arma de Artilharia, segundo se afirma em «telex» da ANOP.

Começou esta manhã o I Congresso da UJC

Começou hoje no Pavilhão dos Desportos o I Congresso da União da Juventude Comunista.

Presentes cerca de 750 delegados e mais de 4.500 convidados.

Os trabalhos dos congressistas incidirão sobre a situação da juventude trabalhadora, a política de unidade, e as linhas de acção futuras dos jovens comunistas portugueses.

Neste Congresso será votada uma declaração á Juventude portuguesa e alargada à Comissão Central, órgão dirigente da organização.

Durante a sessão desta manhã intervieram nos trabalhos, Horácio Rufino da Comissão Central da JJC e Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista.

SOUSA GOMES EM SINES

"Projecto irreversível"

A irreversibilidade do projecto de Sines foi ontem reafirmada pelo ministro do Plano, Sousa Gomes, durante uma visita que efectuou àquele complexo industrial.

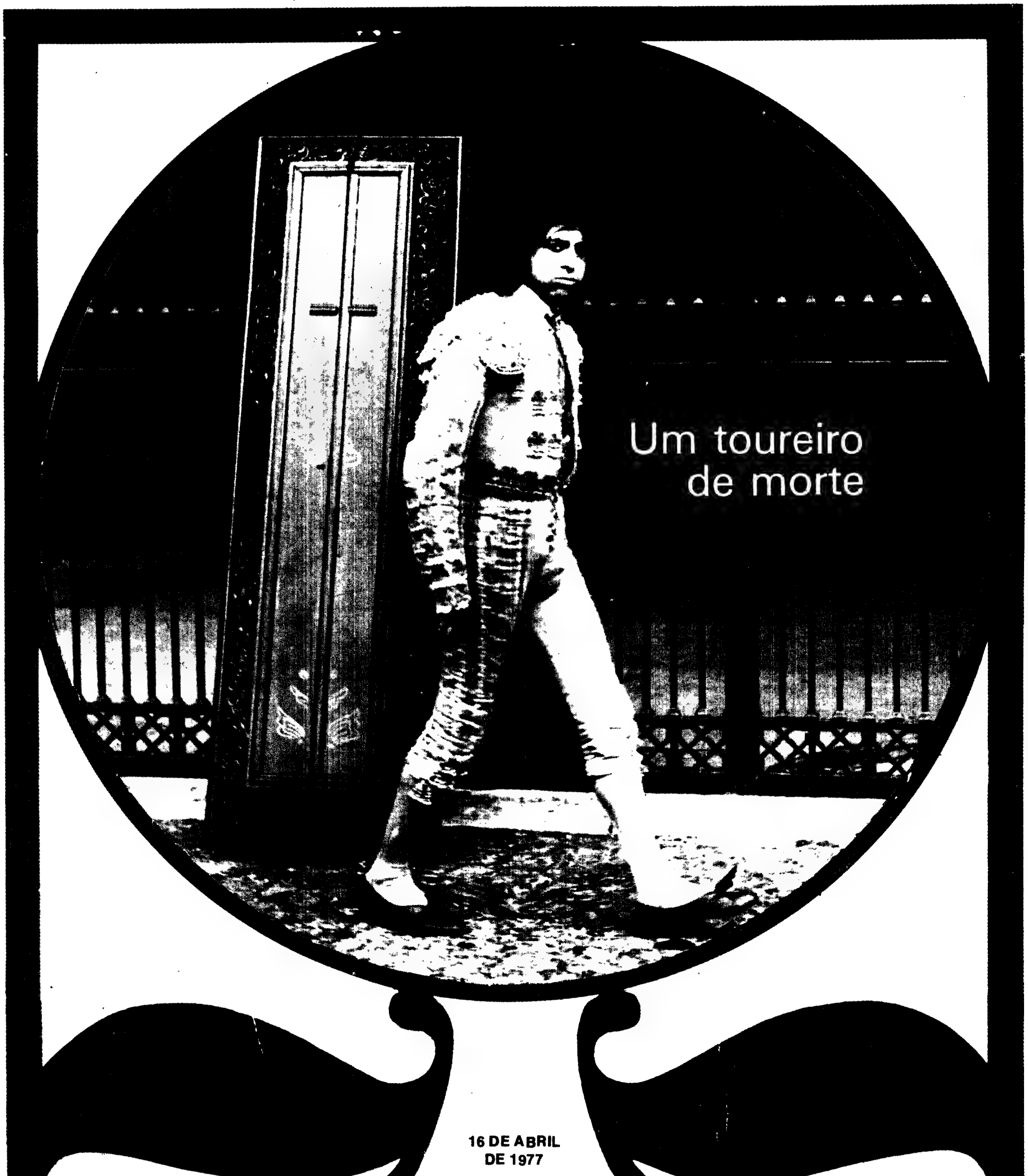
O ministro, que estava acompanhado pelo seu colega das Obras Públicas, Almeida e Pina e pelo director do Gabinete da Área de Sines, engº Ferro Gomes, visitou demoradamente as futuras instalações, nomeadamente a «Metalsines» que será a primeira unidade fabril a entrar em funcionamento, destinada à construção de vagões para a CP.

Com técnicos do G.A.S., o ministro discutiu a implantação dos centros urbanos, que se espalharão por Santo André, por Sines e por Santiago do Cacém.

O responsável pelo departamento do Plano salientou ainda que a reestruturação do G.A.S. dando-lhe um maior apoio através do Ministério das Obras Públicas poderá contribuir para a viabilidade do projecto.

A terminar a visita a Sines, Sousa Gomes afirmou: «O complexo urbano-industrial de Sines, para além de ser já uma realidade, é irreversível e não tem alternativa».

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM FEVEREIRO: 46.233
(Hoje 28 páginas)



16 DE ABRIL
DE 1977

sete PONTO sete

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

sete PONTO sete
suplemento semanal
DL

jorge leitão ramos
cinema 3

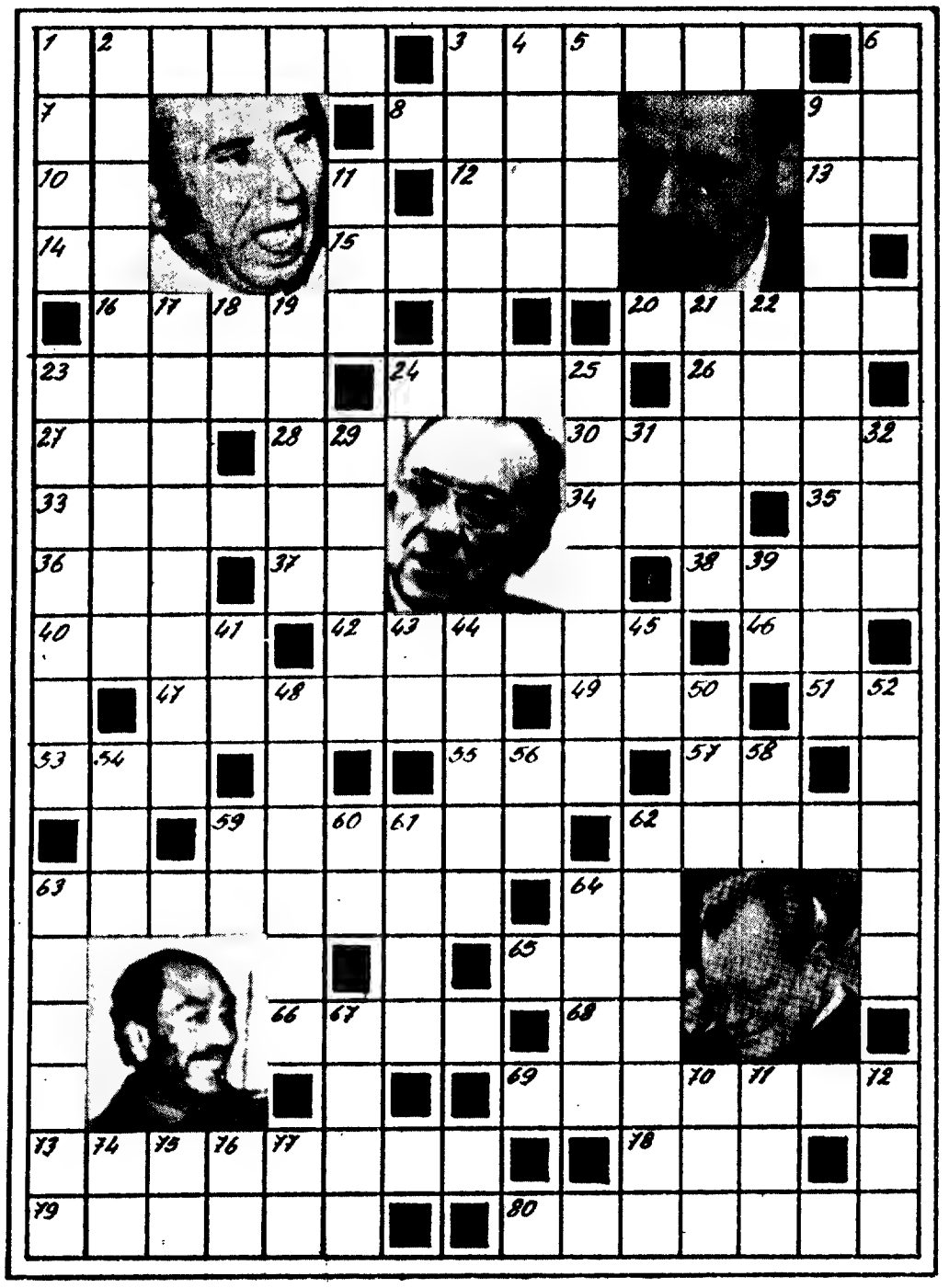
carlos porto
teatro 6

luís de miranda rocha
livros 7

televisão 8

música 8

coordenação de mário lindolfo
orientação gráfica de rodil garcia
Lisboa, 16 a 22 de Abril



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:

1/3/16 Ele disse que o petróleo deverá ser um instrumento da América Latina contra as pressões totalitárias dos Estados Unidos; 7 Actínio (s.q.); 8 Missa anual para sufrágio; 9, Rio de Itália; 10, Em a; 12, Cento e quatro em romano; 13, Nota musical; 14, Amónio (s.q.); 15, Levai à toa, à sirga; 20/42, Era presidente do Partido Social-Democrático alemão e amigo de Gunther Grass; 23, Associas; 24, Estreito formado pelo oceano Glacial Ártico entre a Nova Zembla e a ilha de Vaigatch; 26, Ébrio (Gir. Bras); 27, Heroina francesa que foi queimada viva; 28 Companheiro de Vasco da Gama; 30, Ele e Kadhaffi terão ainda alguma coisa a dizer sobre a guerra e a paz no Médio Oriente; 33, Fechavam as asas para descer mais depresa; 34, O mesmo que cacique; 35, Prata (s.q.); 36, José Manuel Casqueiro é o «homem forte» de lá; 37, Nota musical; 38, Negra; 40, Sentir ternura, afeição profunda por alguém; 46, Interjeição de dor; 47, Dirigis; 49, Ena! 51, Artigo definido; 53, Antiga capital da Birmânia; 55, Suspiros; 57, Siglas de um partido português; 59, Transferira para outro dia; 62/69, «Cada qual vive com os fanstasmas que é capaz de inventar», comentou este antigo ministro da Agricultura em entrevista dada à Opção; 63/73, Ele afirmou recentemente que estão a ser utilizados métodos antidemocráticos contra o P.C.E.; 78, Rio da Sibéria, afluente do Obi; 79, Lustre para velas; 80, Cidade de Itália, em cujos arredores existe o vulcão lodoso de Macaluba.

VERTICAIS:

1, Cidade do Daomé, hoje em ruínas e que encerra os túmulos dos reis; 2, Estabeleceriam em campo; 3, Cidade fortificada de Itália; 4, O mesmo que mãe (Gir); 5, Quinhentos e cinquenta e seis em romano; 6, Escritor americano autor de «O Escaravelho de OURO»; 9, Pessoa que só tem, para viver, o produto do seu trabalho; 11, Estado de um país que não está em guerra; 17, Livrara; 18, Batráquio; 19, Pronome demonstrativo; 21, A derrota de Indira, trará, talvez, um futuro incerto para este país; 22, Apologia; 23, Queda de água em cachoeira; 25, Nome dado pelos Antigos à serpente venenosa que causou a morte a Cleópatra (pl); 29, O mesmo que ameba; 31, Em partes iguais; 32, Povoação do concelho de Condeixa; 39, Pronome pessoal; 41, Estrépito de desmoronamento; 43, Mofa; 44, Planta vivaz e medicinal; 45, Pronome pessoal; 48, Cidade santa da Arábia; 50, Mulher chinesa da classe baixa; 52, Pessoa muito parecida com outra; 54, Rumo; 56, Rio do estado do Amazonas. (Bras); 58, Compare. (abrev); 59, Antigo Testamento; 60, Papagaio da Amazónia; 61, Vulcão da Guatemala; 62, Larva dos insectos lepidópteros; 63, Filósofo ilustre a quem o imperador Nero ordenou que abrisse as veias; 64, Traje para actos solenes; 67, General português, um dos fundadores do Partido Republicano Português e colaborador de vários jornais da época (1816-1886); 70, Três das cinco letras que formam o nome do Palácio Ducal, em Veneza; 71, Espádua; 72, Donativo que o enfiteuta dava ao senhor das terras, para obter deste licença para casar; 74, Alteza Real; 75, Rádio (s.q.); 76, Rado (s.q.); 77, Interjeição designativa de admiração, de espanto ou ironia.

Banda desenhada: a arma de Zé Paulo

BANDA DESENHADA NO TEMPO, não só historia o aparecimento e desenvolvimento desta arte visual, escrita, como também se preocupa em divulgar, estudar os nossos autores, fase hoje começada com Zé Paulo e a prosseguir sempre que nos seja possível — Uma das nossas principais intenções. NO TEMPO, hoje, a B.D. portuguesa.

Nasceu em Lisboa a 4/Nov./1937.
2.º ciclo dos liceus, frequenta a António Arroio «mas o meu pai não acreditando nas minhas possibilidades e aconselhado por alguns professores da escola que também não acreditavam, ou melhor, não compreendiam que eu não gostasse de fazer desenho de ornato, modelação etc., retirou-me da António Arroio e fui para o liceu».

«Valeu-me o facto de nunca ter deixado de desenhar; fui de certa maneira, aprendendo sozinho.»
Exerce a profissão de desenhador maquetista numa agência de publicidade. Colabora na revista «Fungagá da Bicharada», no jornal «O Diário» e na Editorial Plátano, onde tem ilustrado diversos livros para crianças, um deles, o livro de leituras do 2.º ano «O Girassol». Presentemente trabalha num de matemática.
Após 25 de Abril, a pedido de António Torrado (saneado como 25 de Novembro) e que era responsável pelos programas infantis, desenhou algumas histórias que eram apresentadas em slides. Antes da Revolução colaborou na revista alemã «Pardon». «Depois, houve coisas mais importantes a fazer... cá». Colaborou em todos os números da revista «Visão».

Puz a questão da profissionalização a Zé Paulo e respondeu-me que não se dedica inteiramente à banda desenhada. Haverá ou não estruturas em Portugal para essa indispensável situação?

Z.P. — De facto, não existem estruturas para que se seja exclusivamente profissional de B.D. Não gostaria de ser profissional, pelo menos da B.D. comum. Se Portugal se tornar um potentado na B.D., no futuro, como a França e a Bélgica com as suas editoras multinacionais a estenderem-se por toda a parte lançando aos quatro ventos histórias e historinhas de heróis, heroínas mais ou menos alucinantes, eu não estarei lá a desenhá-las. As únicas bandas desenhadas que me interessam fazer são aquelas com as quais eu possa intervir junto de quem as le. Tentei sempre fazê-lo. Só a última história publicada na «Visão» — «A Família Slacqç» — falhou.
Resumindo: só seria profissional de uma B.D. que servisse por exemplo para explicar por imagens a um analfabeto porquê ele não sabe ler e quem ganha com isso. Também seria profissional de B.D. infantil. As crianças, igualmente neste campo são desprezadas; creio que pela dificuldade que é desenhar para elas (assim como escrever e representar), mas é um desafio que estou sempre pronto a aceitar. Prefiro que não gostem do meu trabalho a recusar-me a desenhar para elas.

M.B. — Quando começou a criar histórias aos quadradinhos?

Z.P. — Eu crio desde criança. Passava as férias e domingos a desenhar as minhas histórias.

M.B. — Publicou pela primeira vez em...

Z.P. — Comecei por publicar «anedotas» sobre o desporto na «A Capital» em 1969 e depois mesmo histórias de uma página. Deixei de publicar em 1970.

M.B. — Como aparece por exemplo «Os Loucos da Banda» na «Visão», «A Tarzanassa» no «O Diário» (sábados), explique-nos estas suas intervenções.

Z.P. — O Victor Mesquita que era director da «Visão» perguntou-me se eu queria desenhar «Os Loucos da Banda» garantindo-me que mais tarde podia criar B.D. de intervenção. Assim fiz. «Os Loucos da Banda» é pura e simplesmente uma brincadeira comparado com «A Batalha de Rzang» que eu acho ser a melhor B.D. que jamais fiz. («Visão» n.º 7). Quando o jornal «O Diário» me propôs iniciar ali uma B.D., aceitei logo. Aceitei porque neste caso era transformar a B.D. numa arma. É assim que vejo a minha colaboração ali. Gosto de pensar que quando estou a desenhar os «direitinha» não sou só eu que o estava a fazer mas sim o sr. X que não sabe desenhar, o sr. Y que é camponês e mal sabe ler, o menino Z que vende jornais no Cais do Sodré. Além disso os meus colegas de emprego dão-me um estímulo notável criando muitas vezes eles mesmos as situações que eu depois desenho. É por isso que eu não as assino. Vejo isso quase como um plágio. Quero que aquela banda desenhada que como disse é uma arma, seja feita por toda a gente que vê a necessidade de a utilizar. É por isso que a mais pequena sugestão feita por um leitor tem o meu imediato acolhimento. Salvo o pedido de introduzir o juiz Barata, porque tenho de perder uma tarde para o fazer e ainda não tive tempo.

M.B. — Vasco Granja diz num «Tintin» que Zé Paulo veio entusiasmadíssimo de Lucca, onde foi devido às suas pranchas em «Visão». Até onde e porquê esse entusiasmo?

Z.P. — De Lucca vim de facto entusiasmadíssimo, mas simultaneamente desiludido.
Entusiasmado porque reconheci que os ilustradores portugueses podiam estar ali, lado a lado com os consagrados da B.D. sem terem nada que os envergonhasse, muito pelo contrário. Entusiasmado pórque pude falar com desenhadores de outros países onde a B.D. é encarada como uma maneira de lutar por um ideal e não como uma página que conta uma história. Entusiasmado por tudo o que poderíamos e deveríamos fazer aqui na nossa terra se os desenhadores e argumentistas, editores e governantes desejassem.
Entusiasmado, ainda, com as possibilidades do desenho animado.
Desiludido por constatar que um festival se converteu em: 1 — passagem de vedetas; 2 — trocas comerciais entre os grandes impérios da B.D. Desiludido por notar que um autor não vale pelo que o seu trabalho representa para o seu povo, mas sim se tem muita ou pouca venda ou hipóteses de venda.

M.B. — Como encara o actual panorama do criador, da B.D. portuguesa? O panorama editorial, etc.

Z.P. — Eu acho que a B.D. portuguesa sofre de várias enfermidades. Por um lado são os autores que querem superar com a publicação das histórias o facto de estarem desempregados ou com subemprego e por outro os editores que confortavelmente empoltronados reconhecem que uma multinacional-empório-belga lhes vende uma boa e bem trabalhada B.D. toda prontinha a 2300 escudos a página.
Outra doença é o preço a que fica uma publicação nacional que impede os que mais necessidade tinham dela a não lhe poderem pegar. Outra doença é a dos editores nacionais

quererem imitar as publicações luxuosas lá de fora com cadernos a quatro cores quando, se calhar, uma revista com capa a cores e o resto a preto e branco mas eminentemente nacional, tratando de problemas nacionais seria melhor aceite.

Mas entendo que pelo menos a Imprensa devia ajudar. Por que razão os jornais não publicam B.D. nacional? Porque pela precária situação em que vivem, isso agravaria os custos? Eu não sei se o «Diário» esgota aos sábados e se isso acontece por causa da B.D. o que duvido, mas se os jornais incluem B.D. nas suas páginas, isso não se deve ao facto de não terem nada para preenche-las; é porque sabem terem leitores para os quadradinhos. Ora porquê não incluirem autores nacionais? Se a história publicada fosse mesmo portuguesa, passada com portugueses em locais de todos conhecidos isso não seria, pelo menos, fora do comum ao vulgar leitor de B.D.

(continua no próximo número)

entrevista de Manoel Barbosa

CINE/PONTO

OS DEMÓNIOS DE ALCÁCER KIBIR
de José Fonseca e Costa
(Portugal-1975/76)

Por aqui, temos uma opinião sobre cinema português: a de que deve ser, indiscriminadamente, visto. Para gostar ou não. Para reflectir. Para discutir, certamente. É que não é ignorando o trabalho dos cineastas portugueses que deles podemos exigir seja o que for.

Os Demónios de Alcácer Kibir não é só um filme português; é o exemplo de um cinema português que fala, lúcido, grave e não definitivamente, do que aqui fundamentalmente importa: a discussão de uma ideologia que fez da menoridade popular uma tara colectiva.

Cinema Quarteto — Sala 2
(não acons. men. 13 a.)

OS DEMÓNIOS ENSOMBRADOS

Conhecem a história do actor estreante que tinha como única participação numa peça a frase «o jantar está servido» e que, após três meses de ensaio, se esqueceu do papel? Com o cinema português, algo parecido se vai passando.
Como é sabido **Os demónios de Alcácer-Kibir** é um filme pronto para exibição há mais de um ano. Foi a Cannes, foi a Poiters, foi ao fim do mundo e nós, aqui, à espera. Entretanto, eis que um exibidor se interessa, eis que a estreia se marca, eis que a publicidade se faz, eis que as pessoas se movimentam para apoiar aquele que é, indubitavelmente, um dos mais importantes filmes que por aqui se fizeram. E o que acontece?
Acontece que, primeiro, não há cópia para exibição, apenas existem as legendadas para festivais. Acontece que, segundo, a Tóbis não dá cópia nova pronta a tempo. Acontece que, terceiro, não há uma simples folhinha a distribuir no cinema que informe o espectador e, se possível, o ajude a «entrar» no filme. Donde: a cópia em exibição no Quarteto está legendada; para se não verem as legendas vá de cortar toda a zona de imagem onde elas se encontram. Donde: a cópia em exibição no Quarteto esta ja deteriorada (há inclusive um «salto» em plena canção «Os demónios de Alcácer-Kibir»). E portanto: os enquadramentos aparecem todos desequilibrados e o público fica a pensar coisas feias de quem os fez. E portanto: isto não é forma de servir nem o filme, nem o cinema português, nem o cinema em geral, nem o público.
Assim sendo: aqui se lavra o protesto pela forma como **Os demónios de Alcácer-Kibir** estão a ser apresentados em Lisboa.
Que o filme, mesmo assim, tenha força para fazer ressaltar o que nele importa, eis o que diz bem da sua qualidade.

J. L. R.

●

BEN-HUR
de William Wyler
(USA-1959)

Quase vinte anos depois *Ben-Hur* revela-se como apenas um exemplo de uma pesada retórica, uma estética «dos líquidos corporais» (suor, sangue, lágrimas) como se a representação fosse sempre atravessada por grandes sentimentos e emoções, como se o trabalho dos sectores fosse transcrito linearmente em algo que do seu corpo brotasse ou que no seu corpo se inscrevesse rictos, olhares intensos, músculos em tensão). A escola «clássica» à beira do fim.

Cinema Tivoli
(não acons. men. 13 a.)

●

A MARQUESA D'O
de Eric Rohmer
(RFA-França-1975)

Fiel a um texto e a um *décor*, Rohmer faz jogar nesse espaço pré-existente uma teia de sentimentos e actos que subtilmente se afastam de uma certa reconstituição «de época» e se quebram numa sábia e eterna contradição entre a sublimidade e o vulgar. Jogo de moralista, para quem a contradição é a realidade, *A Marquesa d'O* marca, em Rohmer, o ponto da maturidade. E, por isso, a ironia, mais evidente que nunca.

Cinemas Estúdio 444 e Quarteto — sala 4
(não acons. men. 13 a.)

●

MORTE EM VENEZA
de Luchino Visconti
(Itália-1970)

Reposta com assinalável sucesso esta obra de Visconti é, talvez, o seu momento mais contestado. Na altura não faltou quem chamasse ao seu autor esteticista e caduco como se a demasiada composição, a angústia e um tempo que apenas deslisava fossem factores a menosprezar.
De uma beleza translúcida e dolorosa, *Morte em Veneza* é a chegada da morte, à beira do absoluto, numa Veneza pestífera, fatal e fascinante.

●

Cinema Satélite
(interdito a men. 18 a.)

TUDO A POSTOS NADA EM ORDEM
de Lina Wertmuller
(Itália)

Os «wertmullerianos» têm aqui a chance de ver ou rever um dos filmes da sua realizadora. Deve dizer-se que os «wertmullerianos» são poucos. Nós não somos.

Cinema Stadium — Algés (dias 22, 23 e 24)

●

O CRIME DO EXPRESSO DO ORIENTE
de Sidney Lumet
(G. B.-1974)

Não é Agatha Christie o que aqui importa, nem sequer uma realização que é apenas escorreita mas o trabalho dos actores, os «números» que cada um deles nos oferece, magnificentemente. E os seus nomes não são de somenos mérito: Lauren Bacall, Ingrid Bergman, Richard Widmark e por aí fora.

Cinema Stadium — Algés (dias 18 e 19)

●

O INTRUSO
de Luchino Visconti
(Itália-1975/76)

É chegado o tempo da contemplação, o tempo de antes do alvorecer. Tempo de cadeira de rodas para Luchino Visconti, tempo em que já nada resta a não ser o fecho da abóbada, a despedida. Mas não o testamento.
O Intruso é, assim, um belo e longo olhar sobre personagens que se consomem num *décor* fechado e asfixiante, o momento de uma última paixão, de um irreprimível erotismo, espaço a que só a música e a morte vêm dar forma e sentido.

Cinema Londres
(não acons. men. 13 a.)

●

IF
de Lindsay Anderson
(G.B.-1968)

Há quem ache este filme um petardo em fúria, coincidente com o Maio em França. Há quem ache este filme um petardo despoletado e, para mais, molhado. É o nosso caso.

Cinema Stadium — Algés (dias 20 e 21)
(não acons. men. 18 a.)

●

BARRY LINDON
de Stanley Kubrick
(G.B.-1975)

Eis um filme sobre o qual muito se tem dito em definitivo (frases que, aliás, a publicidade tem utilizado) e onde quase ninguém se atreve a penetrar. Como se *Barry Lindon* não fosse apenas um filme.
Ora é porque *Barry Lindon* é apenas um filme, que é urgente passar da frase feita para a análise, para o corte no interior desta película. Nós mesmos, por aqui, temos rodeado esta obra sem sermos capazes, teórica e praticamente, de nela nos embrenharmos. Talvez porque é o fascínio imediato o que dela sobra. E para lá do fascínio?

Cinema Apolo 70
(não acons. a men. 13 a.)

●

BUGSY MALONE
de Alan Parker
(G.B.-1976)

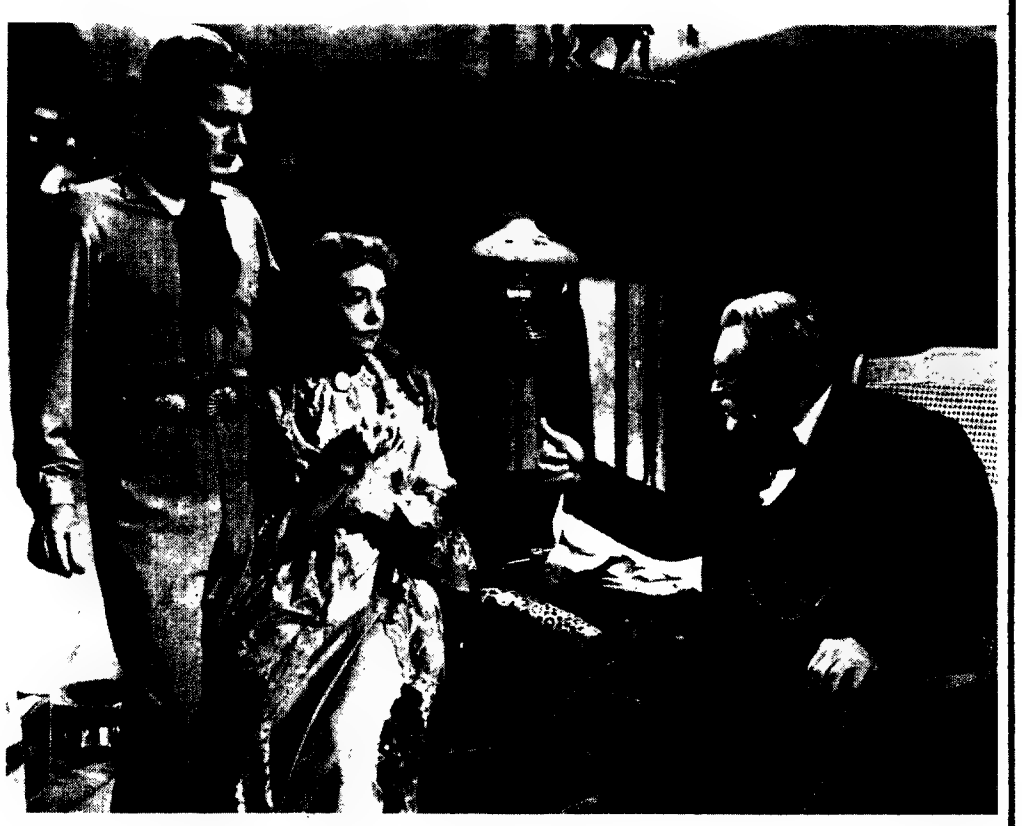
Filmar uma história de *gangsters* usando apenas miúdos como actores, é um procedimento que parte de um pressuposto: o de que será divertido colocar crianças metamorfoseadas em adultos.
É esse pressuposto que torna este filme uma curiosa mescla de brincadeira inocente e de fascinante perversão. Um espaço de penumbra belo e decadente como um *travesti*

Cinema S. Jorge
(não acons. men. 13 a.)

●

O REGRESSO DE ÁFRICA
de Alain Tanner
(Suíça-França-1972/73)

Talvez o menos conseguido filme de Alain Tanner, preso aqui a uma intenção inacabada e a uma trama suavemente pequeno-burguesa. Apesar disso, um momento de cinema que se não pode ignorar.
Cinema Stadium — Algés (dia 22 — 0.15 h.)



Vai uma fita de cow-boys ?

Revalidando o **western** que tão arredado anda dos **écrans** de Lisboa (os que vão aparecendo sabem a **spaghetti** azedo), o Caleidoscópio lançou desde ontem e até 28 de Abril um ciclo denominado «Clássicos do Western». Nele se englobam alguns filmes de facto «clássicos» (como **Duelo ao Sol** ou **Shane**) e outros de recente produção e sólida feitura (como **O Pequeno grande homem**).
Vejamos, porém, o programa integral:
15/16 — **Duelo ao Sol** de King Vidor
17/18 — **O vale do fugitivo** de Abraham Polonsky
19/20 — **A quadrilha selvagem** de Sam Peckinpah
21/22 — **O homem que matou Liberty Valance** de John Ford
23/24 — **O Pequeno grande homem** de Arthur Penn
25/26 — **Shane** de George Stevens
27/28 — **Duelo de fogo** de John Sturges

Como se vê é uma panorâmica sobre as várias idades do **western** o que aqui se acaba por dar. Dos mais ancorados mestres como Ford ou Vidor aos melhores da nova geração como Penn ou Peckinpah.
Ver ou rever, hoje, alguns destes filmes é ser capaz de retornar a alguns mitos fundos do cinema e da nossa adolescência e estar atento para tudo aquilo que o **western** acaba, nas entrelinhas, por dizer do inconsciente e dos sonhos da sociedade que o viveu em sórdido e o representou em glória.
E depois não é todos os dias que surge, assim à mão de semear, uma oportunidade como esta.

Sessões da meia-noite

APOLO 70
Sábado — «A Grande Farra» — (M/18)
Domingo — «O Jardim em que Vivemos» — (M/10)
Segunda — «Dois à Italiana» — (M/18)
Quarta — «Os Malditos» — (M/18)
Quinta — «Em Nome do Povo Italiano» — (M/18)

CASINO DO ESTORIL
Sábado — «Bel-Ami» — (M/18)

CASTIL
Sábado — «A Redenção» (M/18)

CINEARTE
Sábado — «Amor Violento» — M/18)

CINEBOLSO
Sábado — «Malícia» — (M/18)
Domingo — «O Amor faz-me Fome» — (M/18)
Segunda — «Chen-Hao Justiceiro do Texas» — (M/18)
Terça — «As Crueis» — (M/18)
Quarta — «Encontro com a Desonra» — (M/18)
Quinta — «Crimes na Escuridão» — M/18)
Sexta — «Morte e Traição» — (M/18)

EUROPA
Sábado — «O Raide Relâmpago dos Comandos» — (M/13)

ESTÚDIO 444
Sábado — «Mulher sensual» — (M/18)

LONDRES
Sábado — «A Rival» — (13)

PARIS
Sábado — «O Abraço Violento de Kung-Su» — (M/18)

STADIUM
Sábado — «A vítima» — (M/18)

O LÁZARO DO CA

Logo ao primeiro dia, a Polícia dis
E foram todos para

Desde as 7 horas da manhã do último domingo que um sujeito chamado Fernando Guarany está sentado à porta da Praça de Touros do Campo Pequeno. Ele quer tourear na principal praça do País e ninguém lhe tira a ideia da cabeça. Todos os dias passam por ali centenas de pessoas só para o ver. O jovem está vestido com «traje de luces» e declara que, se não lhe derem uma chance, sairá dali morto. Aliás, já aquiriu um caixão, gratuitamente, pois o agente funerário recusou-se a receber um chavo, pelo menos enquanto não for passada a certidão de óbito. A Polícia esteve no local e disse-lhe que não podia viver no caixão. Fernando Guarany recusou-se a abandonar o ataúde e, em face disso, foi levado para o Governo Civil. As autoridades explicaram-lhe depois: não é proibido permanecer à porta do Campo Pequeno, mas não tem o direito de morar na última morada. O toureiro concordou, na condição de lhe devolverem a urna.

Fernando Guarany é um cigano brasileiro filho de pais portugueses. Reside em Portugal há cerca de nove anos e afirma que é toureiro há pelo menos seis. É o único toureiro do Brasil.

– Sendo assim, porque é que você não está agora no Brasil, tirando partido de ser o único?

– No Brasil não há touros. As touradas estão proibidas.

– Então como é isso de ser «o único toureiro do Brasil»?

– Influência dos filmes que vi lá. Mas não só. Guarany conta que aprendeu a tourear com Fernando dos Santos e, depois, nas tentas. «Já toureei na Colombia e na Venezuela».

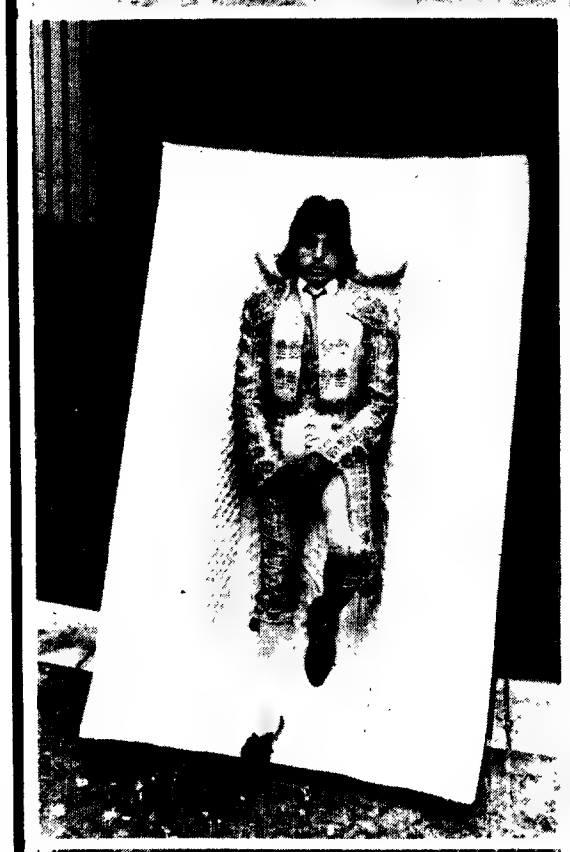
E está preparado para apanhar uma cornada?

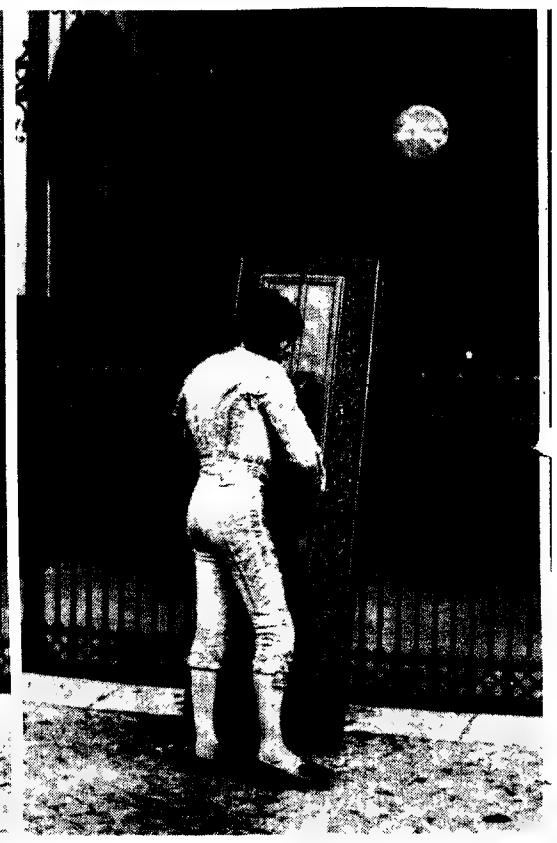
– Estou preparado para morrer.

O jovem toureiro parece decidido a levar ao rubro o público aficcionado do Campo Pequeno ou a ser transportado directamente para a morgue. O caixão é apenas um indício Para este homem, o Campo Pequeno não proporciona apenas sol e sombra, mas ainda chuva e frio. Desde há sete dias que ele vive aquecido pelo seu **trajedeluces** e dorme sobre quatro almofadas. «As pessoas trazem-me comida e dinheiro. O dinheiro não o aceito».

A vida de Guarany não tem sido um refrigerante: «Tenho passado fome e miséria. Hei-de conseguir.»

Conta-nos depois o jovem cigano brasileiro que, desde há muito tempo, tudo o que tem feito é a pensar no dia em que entrará naquela praça para realizar uma novilhada completa:

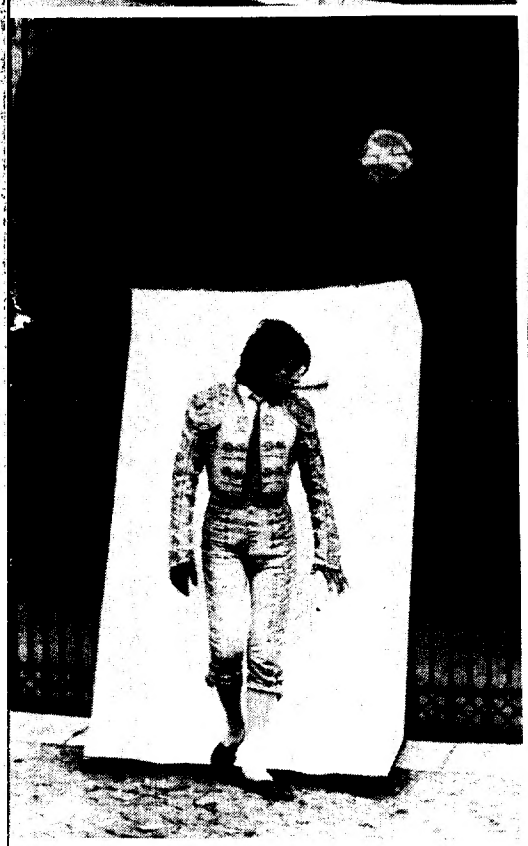


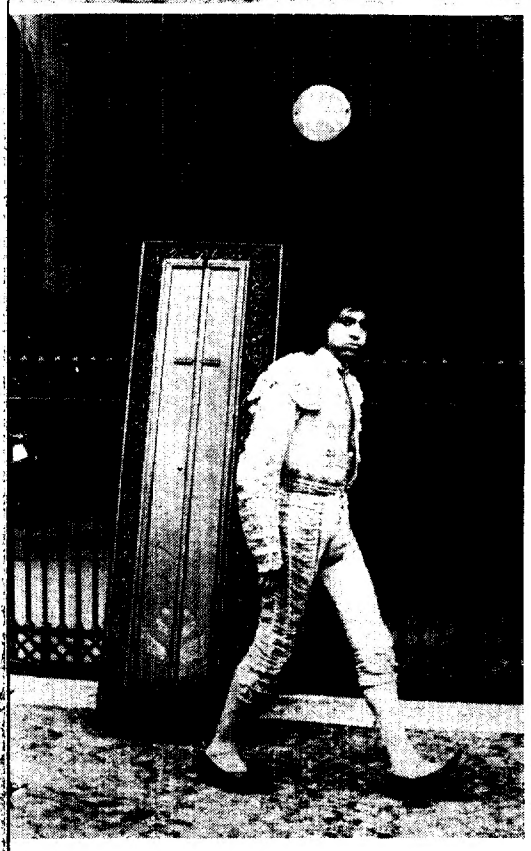


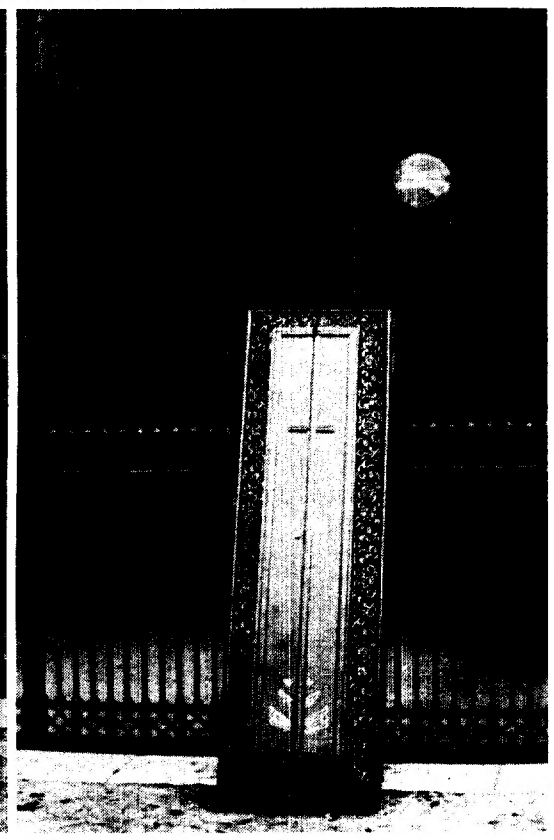
AMPO PEQUENO

sse-lhe: "Levanta-te e caminha".
a o Governo Civil

Fotos de José Tavares em exclusivo para o '7o7







«Dois para mim e dois para o colega que tourerar comigo». E diz-nos que foi aliás a pensar nisso que entrou no filme «Um Campista em Apuros», com Forbela e Nicolau, participando depois numa passagem de modelos, contratado por Maria Leonor. «Tudo para ser toureiro».

— Dacordo. Mas dizem-nos que se fossem dadas oportunidades a todos os que aparecem, haveria milhares...

— Não é assim. Há poucos novilheiros em Portugal.

O argumento de que há falta de touros também não é aceite por Fernando Guarany, pois — segundo afirmou — não há falta de bois por aí. (Honni soît qui mal y pense ...)

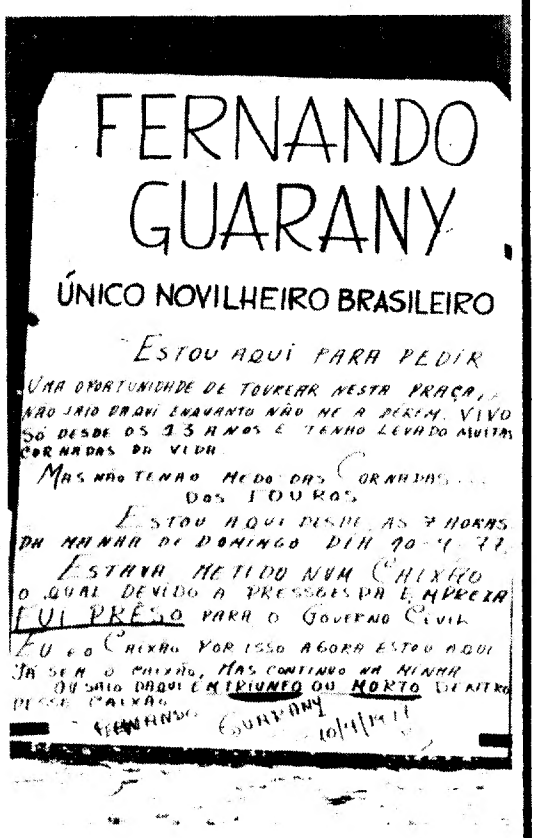
Entretanto, vão desfilando pelas imediações da Praça do Campo Pequeno centenas de pessoas. Umas por mera curiosidade, outras que riem à socapa ou às escâncaras e outras ainda que levam a sua solidariedade ao novilheiro que está preparado para morrer. «Aguenta, rapaz». O «rapaz» aponta os nomes de alguns toureiros que já lhe derem o seu apoio moral: Fernando dos Santos, José Manuel Pinto, José Trincheira, alguns toureiros mexicanos, vários bandarilheiros, e os novilheiros, José Pisco, Chico Duarte e outros

Muitos dos grandes da Festa Brava começaram como Fernando Guarany sentados à porta da praça, à espera de uma oportunidade. Também ele não arreda e prepara-se mesmo para iniciar uma greve de fome.

— Quero oferecer a corrida à Mitra. Acho que me deve ser dada uma oportunidade, como dão nas praças do México e de Espanha.

Desde a sua permanência ali à porta do Campo Pequeno, o único incidente foi aquele que já referimos. Aconteceu logo no primeiro dia de contestação, quando cerca das 11 horas «houve pressão da empresa, que telefonou à Polícia. Apareceram uns dez carros da Polícia. Levaram-me, com o caixão. Fui autorizado a voltar para aqui a partir das 13 horas, e cá estou. O caixão, tenho-o bem guardado.»

em greve de fome



Esta sequência fotográfica, inédita, foi obtida à porta da Praça de Touros do Campo Pequeno. Assim como um Lázaro em traje de luces **Fernando Guarany sai do caixão e fecha a própria urna. Mais tarde, a Polícia disse-lhe que não podia permanecer no ataúde. Num letreiro afixado no muro da Praça, o jovem cigano brasileiro afirma: «Tenho levado muitas cornadas na vida, mas não tenho medo das cornadas dos touros. Ou saio daqui em triunfo ou morto». Não havendo touros de morte em Portugal, há pelo menos um toureiro de morte. À porta do Campo Pequeno, ele espera por um par de cornos pois os bois não lhe metem medo.**

caixa do PONTO

MONUMENTAL
(Saldanha
T.555133)
AQUI QUEM ANDA SOU EU!
de Barillet e Grédy
pela Companhia de Vasco Morgado

Laura Alves: o calvário de uma actriz que transformaram numa máquina de fazer dinheiro. Com o fascismo ou com a liberdade. Prova de que o mal está noutro lado. De fugir.

VARIEDADES
(Parque Mayer
T.326037)
ISTO É QUE ME DÓI!
de Paulo Pontes
Pela Companhia de Vasco Morgado
Solnado *continua.*

LAURA ALVES
(R.da Palma, 253
T.864756)
AS CALCINHAS AMARELAS
de José Vilhena
O humorista Vilhena disfarçado de dramaturgo. Um falhanço nalguns aspectos simpático...

ÁDOQUE
(Martin Moniz)
A PARÓDIA
de Nicholson, Ary, Pedro Pessoa
pela Cooperativa Ádoque
Um dos grandes espectáculos do após 25 de Abril.

A.B.C.
(Parque Mayer
T.366745)
EM ÁGUAS DE BACALHAU
de César, Bracinha e Ary
Mais água do que bacalhau. Nestes tempos de crise...

TEATRO DA TRINDADE
(R.Nova da Trindade, 9
T.323200)
.1383
de Virgínio Martinho
pelo Teatro de Campolide

Acontecimento: o Grupo de Campolide (um nome importante do teatro amador dos últimos anos do fascismo) passa a profissional. Joaquim Benite, novamente com Virgílio Martinho, dirige aquele que poderá ser um dos espectáculos decisivos do teatro português actual. A ver, absolutamente.

CENTRO DE CULTURA POPULAR
(R.Alexandre Herculano)
A BARRACA CONTA TIRADENTES
de Augusto Boal
pelo grupo A Barraca

Augusto Boal dirige Augusto Boal! Em qualquer parte haveria pelo menos música e foguetes. Nós somos mais calmos (ou indiferentes) e limitamo-nos a tomar conhecimento, sem grande emoção, de uma coisa destas. Uma coisa é certa: o leitor vai ver. E isso é que é importante: ir ver como é; discutir; participar. Só assim o teatro poderá vencer.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
(R.Tenente Raul Cascais, 1-B
T.661515)
MATINÉE MÁGICA
de Wolfgang Bauer
pelo grupo Os Cómicos

A revelação de um autor austríaco da «nova vaga»: relativamente interessante. Espectáculo corajoso pelos problemas que lavanta e pela forma como os levanta. Um bom trabalho, como sempre, de Ricardo Pais, e um quarteto de intérpretes fora de série.

MARIA MATOS
(Av. Frei Miguel Contreiras
T.897017)
O ENCOBERTO
de Natália Correia
pela Coopeeerativa Teatro Reportório
Um espectáculo mais pretensioso do que conseguido sobre um texto onde há algumas passagens de antologia. É pouco para a deslocação. É o suficiente para quem queira estar a par.

ALMADA
ACADEMIA ALMADENSE
(R.Capitão Leitão
T.897017)
A GRANDE JOGADA
de José Vinana
pela Cooperativa de Teatro Popular
As últimas de um espectáculo que foi êxito na outra Banda.

José Viana em Zé Patego e António Machado em Jesus — uma das cenas finais do 2.º acto d' **A Grande Jogada**

PORTO

de Jaime Salazar Sampaio
pelo Teatro Experimental do Porto
Os preços sobem, não é? Como abricar se dizem coisas muito sérias. Um espectáculo importante que devé ser visto.

SOLUÇÕES

HORIZONTAIS:

1/3/16, CARLOS ANDRES PEREZ; 7, Ac.; 8, Anal; 9, Pó; 10, Na; 12, CIV.; 13, Re; 14, Am.; 15, Atoai; 20/42, WILLY BRANDT; 23, Casas; 24, Cara, 26, Noé; 27, Arc; 28, Sa; 30 SADATE; 33, Siavam; 34, Pai; 35, Ag.; 36, CAP; 37, Si; 38, Atra; 40, Amar; 46, Ui!; 47, Rumais; 49, Eia!; 51, Os; 53, Ava; 55, Ais; 57, PC; 59, Adiara; 62/69, LOPES CARDOSO; 63/73, SANTIAGO CARRILLO; 78, Tom; 79, Aranha; 80, Aragona.

VERTICAIS:

1, Cana; 2, Acampariam; 3, Ancona; 4, Naia; 5, DLVI; 6, Poe; 9, Proletário; 11, Paz; 17, Escapara; 18, Rã; 19, Essas; 21, Índia; 22, Loa; 23, Cascata; 25, Áspides; 29, Amiba; 31, Aa; 32, Ega; 39, Tu; 41, Ru; 43, Ri; 44, Ásaro; 45, Ti; 48, Medina; 50, Apó; 52, Sósia; 54, Via; 56, Ia; 58, C.P.; 59, AT; 60, Iá; 61, Água; 62, Lagarta; 63, Séneca; 64, Gala; 67, Rola; 70, Dog; 71, Omo; 72, Osa; 74, AR; 75, Ra; 76, Rn; 77, Ih!.

SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSOM — Organização especializada em prótese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.
PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — **FARO:** Rua Ivens, 24-26

EXTERNATO
CICLO PREPARATÓRIO
CURSO LICEAL NOCTURNO

—— ABERTAS AS INSCRIÇÕES ——

CURSOS INTENSIVOS — TRABALHADORES ESTUDANTES
(das 18 às 23 horas)
Av. Duque de Loulé, 71, 2.º — Telef. 40345

FESTIVAL POPULAR DO 25 DE ABRIL

COMBOIO ESPECIAL
250$00 (ida e volta)

PARTIDA: Santa Apolónia, dia 23, 8 horas.

REGRESSO: Porto, dia 25, 24 horas.

Local de venda e informações: Casa da Comuna, à Praça de Espanha, Lisboa, Telefone 762624.

AMORTECEDORES
Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE
dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

NOVAS EDIÇÕES
•GUIA FISCAL EM FOLHAS SOLTAS-EDIÇÃO DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
•LEI GERAL DO TRABALHO
•PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE
•QUADRO (mapa) DE CONTAS DO PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE
•CÓDIGOS FISCAIS-ACTUALIZADOS (12 livros)
•ROTEIRO DE LISBOA E ARREDORES
Distribuidor:
Rei dos Livros
Rua da Conceição, 1-23-Tel.389545 LISBOA-2

A. C. P. INFORMA:

Por motivo dos trabalhos de renovação da via, na linha do Sado entre Águas de Moura-Lousal, são suprimidas de segunda a sexta-feira as seguintes circulações:

— Automotora n.º 9121 com partida de Aguas de Moura, às 12.50 h. e chegada a Lousal, às 14.24 horas.
— Automotora n.º 9122 com partida de Lousal às 12.40 h. e chegada a Águas de Moura, às 14.11 horas.

O transporte dos Srs. Passageiros será assegurado por camionagem, devendo, para o efeito, informarem-se junto dos Chefes das estações.

C.P. — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

LOTEAMENTO DOS BREJINHOS DA ÁGUA DO SUL

A C.P. — CAMINHOS DE FERRO PORUGUESES, E.P. solicita aos proprietários dos lotes abaixo indicados, necessários à execução da nova linha férrea Poceirão-Sines, do Empreendimento Ferroviário de Sines, o favor de contactarem, com urgência, pessoalmente ou por escrito para a Rua de Artilharia Um, 33 — Lisboa, com os telefones 65 55 41/9, indicando a sua identificação completa e a da propriedade (n.º da descrição na Conservatória do Reg. Predial de Grândola ou data e Cartório Notarial em que foi celebrada a escritura, a inscrição matricial) de que são titulares!

80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108.

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

AVISO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 28 de Abril de 1977, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão para venda de jornais, artigos de tabacaria, frutas, bebidas, café, bolos e sanduiches, na estação de Almourol.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 4 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C.P. a quantia de 700$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— Almourol
— Abrantes
— Entroncamento
— Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (SANTA APOLÓNIA)

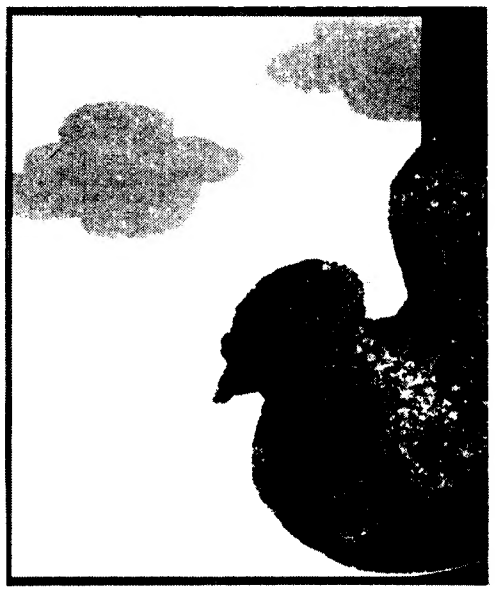
— Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA - 2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugeses, estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Almourol».

URBANO

Urbano Tavares Rodrigues publicou o seu oitavo novo livro depois de 25 de Abril de 74. É «As Pombas São Vermelhas» (chacela Bretrand). Oito livros em três anos (cremos que são oito; mas, de momento, não podemos garantir se «Perdas e Danos», de 74, saíu antes dessa data) — oito livros em três anos, dizíamos, não é caso raro: é caso único, entre os autores portugueses. Por isto (tantos livros?) é que certos leitores mais exigentes pensam que Urbano não é escritor para pacientes trabalhos de escrita (fazer, desfazer, refazer os textos, à procura de equilíbrio, do rigor) e disso se ressente inevitavelmente a qualidade desta vastíssima obra. Seja. Mas é o próprio Urbano a ter consciência disso. E nós, por nós, podemos dizer: há nisto, neste caso, alguma coisa que não é só interessante: chega por vezes a exercer sobre nós uma atracção curiosa que encontra a sua legitimidade no compreensivo entendimento das razões com que o próprio autor se justifica. «A tentação de trazer para o livro a Revolução, de que a minha vida continua a alimentar-se, ainda me ronda. Será cedo?, conviria esperar, decantar, depurar? É possível. Mas acontece que já outro projecto me enche as insónnias, que noite após noite outro acontecer, outras figuras me iluminam. Sinto a fuga do tempo. É uma angústia e uma exaltação». Num passo do texto que dá o título ao livro, «Eu, narrador



me confesso», é ainda Urbano quem diz: «Confesso escrever não só com a razão, mas com o próprio corpo, com os meus sentidos, com a minha sensibilidade, sublimada ou não; e confesso que disso não me arrependo. Não acredito que prejudique — pelo contrário — a causa que é a minha luta». Pode não prejudicar a luta em questão — pensa o leitor inclinado numa tendência incessante (mas reconhece que nem sempre frutuosa) para problematizar isto tudo —, mas prejudica a obra. Todavia, contrapmnto, quando Urbano fala da sua obra, não é bem a sua literatura que ele quer dizer. De resto, sublinhe-se, ele próprio diz, neste livro, que lhe interessa mais a Revolução do que a Literatura. Nós não aceitamos esta distinção, a menos que se enteda erradamente «Literatura» da acepção pejorativa que lhe atribui certa linguagem corrente. Não é aqui lugar para tratar deste assunto. E, independentemente da opinião que tivermos do valor deste livro, ele vai certamente vender-se, como os demias se têm vendido. Urbano tem um público largo, e certo. É possível que um dia nos apareça mais definida a importância desta obra. Então dir-se-á com mais esclarecimento que ela foi feita precipitadamente sob a acção incontrolada de impulsos desmedidos, para responder como foi possível a solicitações emergentes do tempo que a condicionou demasiado. Mas, por falarmos deste tempo, é pertinente dizer o que aliás parece ser de um certo consenso: esta obra testemunha e documenta sobre o tempo que a condiciona tanto como ou mais vivamente do que outras que lhe são contemporâneas. Esta espécie de fatalidade implica antes um risco que o autor conscientemente correu, enfrentando com um soberano desembaraço, a perspectiva de o futuro ser mais rápido e vir mais depressa do que a ansiedade do presente a que, em desalinho embora, esta obra prontamente respondeu — como pode o autor, na pobre fragilidade extrema dos seus malbaratados recursos.

«ARCO-IRIS»: EMBRIÃO, VANGUARDA

«Cadernos de ideias literárias» — assim se diz que é «Arco-Iris», uma «coisa» a **stencil** que nos chega do Porto. Vai agora no seu número 2, datava o 1 de Dezembro último, anuncia-se um terceiro número que deverá recuperar os textos insertos no primeiro, esgotada entretanto a sua breve tiragem de duzentos exemplares. «O poema assume, na desolação que o cerca, as tonalidades transcendentais da transgressão. A insurreição em que consiste passa por uma crítica rigorosa da palavra, e dirige-se para uma situação limite, onde todos os gestos e todos os movimentos são levados até ao fim, até ao esgotamento. É nesta experiência escrita, contemporânea da ruína da comunicação que uma necessidade nasce: unificar os projectos radicais que, exteriores à literatura, a denunciam, propondo um texto onde existem as condições de uma linguagem». Lemos isto numa breve nota que vem no número dois, assinada por Eduardo Paz Barroso e Paulo Jorge Tunhas, os dois responsáveis pela edição. Outro passo: «No meio das ruínas, o nosso discurso não pode senão consistir numa linguaagem libertadora que flutua n mágico, proclama a confluência dos momentos virtuais onde sentimos a proximidade do fim, isto é, o aniquilamento do estereotipo, a alusão a uma retórica do silêncio despedaçada pela obsessão poética de um punhado de sobreviventes à linguagem da tirania». Inflectindo um pouco nisto, pode-se dizer: é bastante teórico, mas suficientemente consistente nos pretextos que cita, na articulação que faz das ideias que expõe, das referências para que aponta, de resto, parece, com a noção da distância que vai entre falar destas coisas em abstracto (em teoria) e fazer trabalho saiam resultados para lhe servirem de confirmação e aval. Estamos em presença — no dizer dos citados — de um «embrião de grupo literário de vanguarda»? Se não se tratasse de «embrião» estaríamos nós aqui muitíssimo relutantes, dizendo, talvez, ora, ora, com alguma suficientemente reservada desconfiança, incredulidade. Mas não é somente a consciente, de charada, digamos, auto-consciência da posição ainda embrionária que nos desarma: é também, deve-se dizer outra vez, a já consistência que enforma ainda que minimamente essa posição. Vêm neste caderno textos de não só os citados responsáveis pela edição mas ainda de Slim da Silva, Carlos Leite, Joaquim Perez, e Manuel António Pina. Uma ideia a admitir: a importância destas coisas dependente de certos factores: a continuidade, para começar.

RECTIFICAÇÕES

Trocas de linhas e de colunas provocaram danos incalculáveis em algumas notas insertas nesta secção há oito dias. Na impossibilidade de proceder aqui às necessárias rectificações sem ter presente o texto onde os lapsos técnicos se registaram republicamos a seguir aqueles que foram mais afectados: os respeitantes a Kristeva e a Modesto Navarro.

KRISTEVA

Búlgara, trinta e seis anos, em Paris há mais de dez, tese de doutoramente com Lucien Goldman e Roland Barthes, depois, docência. É uma referência de topo para os leitores, mesmo ocasionais, da **Critique** e da **Tel Quel**. Alguns livros publicados, um deles vai para três ou quatro anos traduzido para português e editado em Portugal («História da Linguagem», nas Edições 70). A outro, «Sêmeyôtikê — Recherches pour uma Semanalyse», pertencem três textos agora publicados na colecção Práticas de Leitura (n.º 5) da Arcádia, com o título de «Semiótica do Romance». Os textos: «A semiótica, Ciência Crítica e/ou Crítica da Ciência», «O Texto Fechado» e «A Palavra, o Diálogo e o Romance». Quando aqui há algumas semanas nos referimos a outro livro desta colecção, dizíamos que ela, a colecção, não é propriamente ao leitor comum que se destina, mas, antes, ao leitor já nestas coisas minimamente iniciado. Mantém-se aqui o dito, a propósito deste número 5. Acrescente-se, todavia; para o leitor minimamente iniciado, é evidentemente inegável o interesse destes textos. Os de Kristeva e ainda os de Maria Alzira Seixo, responsável pela colecção e que, em cada número, vem publicando um texto introduzindo o leitor nas questões de que os outros vão tratar a seguir.

MODESTO NAVARRO

Um livro de poemas de Modesto Navarro: «A Norte Cantar a Reforma Agrária». É o segundo de poemas que o autor publica. O primeiro foi «Ir à Terra», aqui em 72. Uns meses depois de termos lido «Retornar», (um texto muito bem conseguido, quanto a nós o melhor de tudo quanto o autor fez até agora), estes poemas, lê-los, como dizer? — deixam-nos pelo menos um pouco desiludidos. Diz-nos Navarro que são textos de emergência, tanto os mais recentes como um outro datando de 71, que vem aqui porque não pôde ser publicado na altura. Textos de emergência, feitos à pressa do tempo de pouca liberdade que nos tem sido dado viver sabe-se lá até quando, e uma oportunidade para dizer aquilo que se nos torna imperiosamente urgente. Respeito pelas motivações que pressionam esta escrita. Respeito pelas razões particulares e ideológicas que obrigam o autor a ter de não cuidar aturadamente do que deveria ser a demorada fase oficial do seu trabalho. Textos de emergência: pois sim, mas.

CONQUISTAS DO TRABALHADOR
NA VIA SOCIALISTA

medalhas comemorativas das
nacionalizações

DA BANCA

PARA O PÚBLICO 300$00

80 mm

PARA TRABALHADORES DA BANCA 250$00

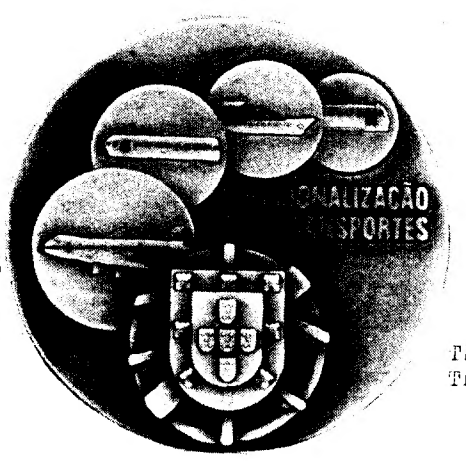
80 mm

DOS SEGUROS

PARA O PÚBLICO 300$00

TRABALHADORES DOS SEGUROS 250$00

medalhas de bronze numeradas



70mm

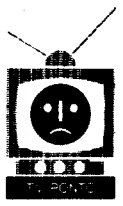
PARA O PÚBLICO 250$00

TRABALHADORES DOS TRANSPORTES 200$00

DOS TRANSPORTES

pedidos ao
ATELIER
BELO MARQUES

R. TRINDADE 5-2º dto
T: 37 12 54 LISBOA
envios sem encargos



Sábado, 16

I Programa

14.02 Retrospectiva
(das competições desportivas na última semana)
14.25 Ida e Volta
(sobre transportes)
14.45 Opereta Paganini
16.45 Depois da tempestade
(série filmada)
17.15 Os segredos do Mar Vermelho
(quinto episódio)
17.45 Diagnóstico
(série)
18.40 Bota das 7 léguas
(é de fugir)
19.10 Animação
(sobre a técnica complexa da realização de um filme de marionetas)
19.35 André Dória
(documentário)
20.30 Telejornal
(noticiário)
21.00 Programa musical
22.00 As aventuras da nave Orion
(série)

II Programa

21.02 Animação
(iniciação ao filme experimental belga)
21.30 Cinemateca
22.30 Telejornal
(muito bem diferido do I Programa)

Domingo, 17

I Programa

12.32 Missa
(de domingo)
13.10 História de um cavalo preto
(conta-se que um membro da família Ned Lewis, sobrinho de Miss Withrop, aparece em casa do dr. Gordan sem saber bem donde vinha. Suspeita-se que tenha andado com más companhias...)
13.40 Desenhos animados
14.00 Documentário
14.30 Viagem pelo desconhecido
(explica-se que é «a história de aventuras de um jovem índio vencendo perigos e desejos que fortalecem o seu ânimo e confrontam com velhas lendas e tradições»)
16.00 Haja saúde
(sobre saúde)
16.30 Caminhos do futuro
17.05 Programa infantil
(para os mais pequenininhos)
18.00 As aventuras de Robinson Crusoé
(série)
18.30 Desenhos animados
19.00 TV Rural
(apresentação de Sousa Veloso)
19.30 Biografia
(Padre Américo)
20.00 Programa musical
20.30 Telejornal
(mais notícias)
21.05 Histórias de amor
(série)
22.00 Programa musical
23.00 Telefutebol

IIPrograma

21.02 Mesa-redonda
22.30 Telejornal

Segunda, 18

I Programa

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.32 Nodi
(e o Burrinho)
19.00 Abre-te Sésamo
19.30 Lamiré
(da música e do bailado)
19.55 Teledesporto
20.30 Telejornal
21.00 Aproximação à Pintura
21.35 A amante inglesa
(da obra de Marguerite Duras)

II PROGRAMA

21.02 O holandês desaperecido
(segundo episódio)
22.00 Alberto Carneiro — Arte e Natureza
22.30 Telejornal

Terça, 19

I Programa
13.30 Ciclo Preparatório TV
18.32 Um, dois, três... é a tua vez!
(Programa de marionetas)
18.55 Peço a palavra
(crianças falam sobre «exames»)
19.30 Em toda a parte aprendemos
(«O palácio da Bolsa»)
19.55 Fila «T»
(Magazine teatral)
20.30 Telejornal
21.05 Momento político
21.25 Colditz
(segundo episódio da série)
22.15 A Europa do século XX
(narração de Peter Ustinov)

II Programa

21.02 Sinfonia n.º 4 de Brahms
22.00 O homem das pistas de cavalos
(retrato de um homem totalmente dedicado ao seu trabalho e ao amor que dedica aos cavalos: Fred Winter, famoso treinador britânico de cavalos de corrida)
22.30 Telejornal

Quarta, 20

I Programa

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.32 A Catarina
(e o irmão Zezé, a comer gelados de morango)
19.00 Abre-te Sésamo
19.30 Ligeiríssimo
19.50 «Vamos jogar no Totobola»
(prognósticos)
20.00 5000 anos de arte coreana
(um conjunto de obras de arte que reflecte a história e a tradição da Coreia ao longo de 5000 anos)
20.30 Telejornal
21.05 Novos Artistas — programa musical
21.30 Safira
(com Nigel Patrick, Yvonne Mitchell, Michael Craig, Paul Massie e Benard Miles, numa realização de Basil Dearden. Conta-se a história de uma formosa mestiça «que passava por branca entre os brancos com quem convivia». Um dia aparece morta num jardim, descobre-se que estava grávida e às tantas deslinda-se o mistério...)

II Programa

21.02 O ciclo da Pedra
(uma introdução à Geologia. Efeitos da destruição química e biológica)
22.00 Bailado — «Copélia»
23.25 Telejornal

Quinta, 21

I Programa

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.32 Corpo musical
(programa infantil)
19.00 A magia dos animais
(sobre quatro lobos de alsácia, um cabrito montês e um cavalo)
19.30 As viagens de Gulliver
20.00 A ideia e a imagem
(literário)
20.30 Telejornal
21.05 Telefutebol especial
(reportagens da 2.ª mão das meias-finais das taças europeias)
21.30 Marretas
(programa musical)
22.00 Programa da direcção de Informação

II Programa

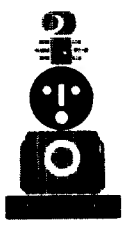
21.02 Ternura
(um filme búlgaro que conta a história de uma jovem a quem o ambiente familiar não proporciona alegria e por isso resolve abandonar a casa)
22.30 Telejornal

I Programa

13.30 Ciclo, Preparatório TV
18.32 Magia do ver
(infantil)
19.00 Abre-te Sésamo
19.30 Tropicália
(com sotaque brasileiro)
20.00 Momento desportivo
20.30 Telejornal
21.05 Momento político
21.25 Bailado
(Elegia para apaixonados)
O jovem Garibaldi
(as aventuras de Garibaldi durante o seu exílio na América do Sul entre 1835 e 1848)

II Programa

21.02 Banyon
(policial — 12.º episódio: «A senhora assassina»)
22.00 O cavalo
(programa da Arca)
22.30 Telejornal



Beethoven

Entre as obras artísticas e creadoras que mais fortemente impressionam os espíritos conta-se a música de Ludwig van Beethoven. Essa música, que tem na sua origem uma notável vitalidade faz parte integrante dos programas de concerto, visto as suas composições serem consideradas, tantos pelos solistas como pelos grupos musicais, um modelo na arte da interpretação. A canção popular alemã, o património clássico e a música que data da Revolução Francesa são as mais importantes fontes que Beethoven utilizou.

A música de Beethoven é muito apreciada na República Democrática Alemã. Ela é tocada em muitas salas de concerto e nos teatros («Fidelio» faz parte do reportório das grandes cenas de ópera e ano após ano é encenado em pequenos teatros de província). Muitas emissões radiofónicas e televisivas são-lhe consagradas.
É frequente as colectividades de trabalho das empresas de produção ocuparem-se durante as horas livres de obras musicais, principalmente de Beethoven. São muitos os que escutam os discos,
assistem a concertos de música do grande mestre, ou organizam conferências em que a sua obra é estudada. Um exemplo: está há vários anos em vigor um contrato de amizade entre a orquestra «Gewandhaus orchester», de Leipzig e a grande empresa gráfica «Martin Andersen Nexo», também de Leipzig.
As obras de Beethoven são sempre muito bem recebidas pelo público, que também aprecia a posição do músico a favor dos grandes ideais da sua época. Nas suas obras reflecte-se de um modo impressionante o humanismo clássico, que está em plena harmonia com os objectivos e as tarefas assinaladas pela sociedade em regime socialista.
São muitos os directores de orquestra e as orquestras que se esforçam por familiarizar os seus auditores com a música de Beethoven. A orquestra filarmónica de Berlim apresenta num dos seus concertos tradicionais no «Palácio da República», dedicados aos empregados da construção civil da capital, um programa exclusivamente composto de música de Beethoven. Outro exemplo é o da «Staatliche Sinfoncyorchester» (orquestra sinfónica do Estado), da cidade industrial saxónica de Riesa que organiza um «retrato do compositor». O concerto, que permite ao público familiarizar-se com as obras de Beethoven, apresenta citações, excertos de música popular, canto, obras para piano e também sinfónicas. Os estudantes do 11.º e 12.º anos escolares têm a possibilidade de assistir a estes concertos. Quando, a 17 de Outubro de 1976 terminou o XX Festival Berlinense do Teatro e da Música, com um concerto dado pela orquestra «Gewandhausorchester» de Leipzig, que teve o concurso do seu maestro Kurt Masur, abriram-se as portas de um novo festival: o programa unicamente consagrado às obras de Beethoven era ao mesmo tempo um prelúdio a numerosas representações das composições musicais do grande mestre durante a estação de 76-77.

A música de Beethoven é muito tocada na República Democrática Alemã, tanto em programas de concerto das orquestras sinfónicas e dos teatros como em muitas sessões de música de câmara. A sinfonia Eroica n.º 3 Es-dur e a sinfonia Destino n.º 5 C-moll são muito apreciadas e bem acolhidas pelo público. O mesmo acontece com os concertos soli, como por exemplo o comovedor incitamento à paz, da «Missa Solemnis». Em muitos lugares é já da tradição ouvir na noite do ano novo a incitação à fraternidade da Nova Sinfonia, com a participação do coro que canta a «Ode à alegria» de Schiller. Tanto os coros profissionais como os amadores juntam as suas vozes às dos solistas eminentes de renome mundial.

Esta tradição tem a sua origem num acontecimento histórico: a Nona Sinfonia foi apresentada pela primeira vez, na Alemanha, durante a Revolução de Novembro, a um auditório de operários que se reuniram na noite de São Silvestre de 1918, na sala da «Gewandhaus», de Leipzig.

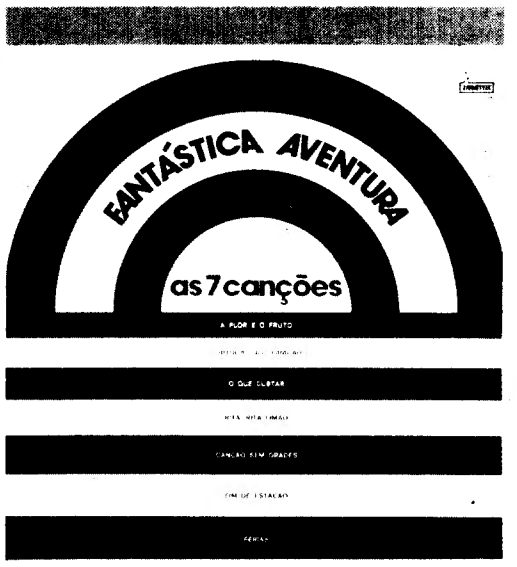
A prioridade dada a certo número de sinfonias não significa de modo algum que as obras sinfónicas de Beethoven só sejam apresentadas num quadro reduzido, muito pelo contrário. Todas as peças sinfónicas do mestre figuram nos programas dos concertos. São principalmente a Philharmonia de Dresden e a orquestra «Staatskapelle» de Berlim que apresentam — não contando com os programas de concertos tradicionais — as obras de Beethoven e de Schostakovitch (as peças sinfónicas são apresentadas de Dresden, a música de câmara em Berlim) a fim de familiarizar os nossos contemporâneos com as obras clássicas.
Por ocasião de três «soirées», a Ópera Cómica de Berlim vai oferecer, com o Crónica de Berlim vai oferecer, com o concurso de um grupo de músicos de Câmara, o conjunto dos trios para piano de Beethoven. Os exemplos já citados valem para muitas representações análogas dadas nos distritos da R.D.A.

Na R.D.A. onde o património cultural é bem cultivado, as obras de Beethoven são muito apreciadas. Lembremos as representaões solenes organizadas em 1970, por ocasião do 200.º aniversário do genial compositor. Nessa altura a televisão da RDA deu ao público todas as sinfonias de Beethoven. Estão actualmente em curso trabalhos preparatórios de novas produções televisivas, entre eles uma série de sonatas para piano (com o concurso de Dieter Zechlin) assim como a adaptação cinematográfica de «Egmont».

O público também se familiariza com as obras de Beethoven através das ciências da música e também da edição. A VEB Deutscher Verlag Für Musik, de Leipzig, continua as publicações de género crítico apoiadas nos cadernos de conversação de Beethoven, altamente apreciados pelo público no país e no estrangeiro. A referida editora está a preparar a publicação do livro de Harry Goldschmidt «Um die Unsterbliche Gelibte», que trata das relações que Beethoven manteve com mulheres, e também uma edição em «fac-simile» da área de Elorestan «Gott, Welch Dunkel hier», da ópera «Fidélio», cujo autógrafo se encontra na Bibliteca Nacional em Berlim.
A VEB Deutsch Schallplatte Berlin ocupa-se da difusão das obras completas de Beethoven, contribuindo assim largamente para familiarizar o público com a música do grande mestre. A edição ETERNA que deve estar concluída em 1977, apresentará gravações excelentes.

A DEFA (empresa cinematográfica da RDA) também se propôs tratar a personalidade do compositor. À primeira obra cinematográfica (apresentada nos anos 50), e que tinha um carácter documental, seguiu-se o filme «Beethoven, Tage aus einem Leben» em que o actor Donatas Banionis tinha o principal papel. O realizador Horst Seemann, tenta neste filme «tornar transparentes e comparáveis os aspectos do comportamento contraditório do mestre, génio da música». Ele aspira a tratar os pormenores, mas quase ao mesmo tempo» criar um ambiente que toque os problemas de um modo claro e autêntico, suprimindo toda a espécie de subterfúgios ou interpretações não-dialécticas».

São raros os compositores tão apreciados na RDA, tanto no domínio da música como no das ciências da música. A prioridade dada a Beethoven não tem nada a ver com a admiração exagerada por um compositor «vedeta». Ela mostra o reconhecimento pelas suas grandes actividades artísticas. Os seus objectivos, estão em harmonia com as nossas aspirações, e os seus ideais tornam-se realidade na nossa vida quotidiana.



O conjunto «Fantástica Aventura» meteu-se a interpretar as sete-canções-sete do último festival, e o «long-play» aí está, à venda nas boas discotecas (e nas outras) com assinalável êxito. Letras à parte, é preciso dizer que as canções em disco são melhores que no festival «ao vivo». A orquestração é de José Calvário.